PLACAR

Nº 1099 DEZEMBRO DE 1994 R$ 3,00

Editora Abril

BRASIL/TETRA MUNDIAL
PALMEIRAS/TETRA BRASILEIRO
PALMEIRAS/BI PAULISTA
VASCO/TRI CARIOCA

POSTERS GIGANTES

SUPERPOSTERS

GRÊMIO/COPA DO BRASIL
CRUZEIRO/CAMPEÃO MINEIRO
PARANÁ CLUBE/CAMPEÃO PARANAENSE
JUVENTUDE/SEGUNDA DIVISÃO DO BRASILEIRO

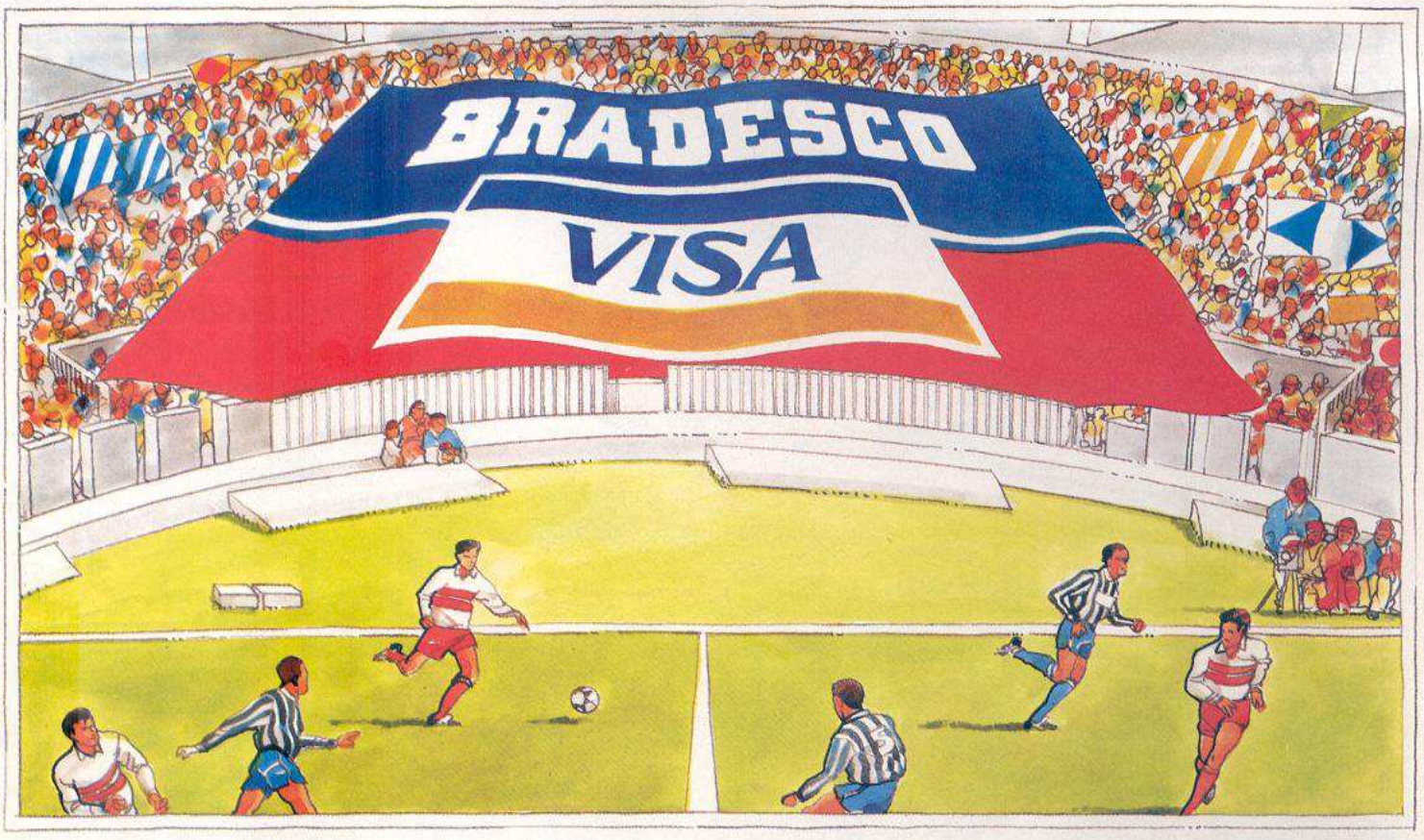
POSTERS

BAHIA • SPORT • REMO • FERROVIÁRIO
RIO BRANCO • ABC • GAMA • GOIÁS
AMÉRICA • DESPORTIVA • PICOS
UNIÃO ARAGUAINENSE • OPERÁRIO
COMERCIAL • SOUSA • ARIQUEMES
CSA • MARANHÃO • INTERNACIONAL
YPIRANGA • SERGIPE • FIGUEIRENSE

01099> ISSN 0104-1762
9 770104 176000

CAMPEÕES 94

Esta é a bandeira que dá a maior força para o seu clube.



Vá ao estádio, torça, grite, agite a bandeira do seu time. Mas não esqueça de carregar esta bandeira, que vai trazer muitas alegrias para a torcida.

Ajude seu clube adquirindo um Cartão de Afinidade Bradesco Visa com suas cores e seu escudo. Ao fazer isso, você fica com todos os benefícios dos Cartões Bradesco Visa e **seu clube recebe 30% da anuidade,** que é parcelada em 3 vezes.

Vista a camisa do seu clube, adquirindo seu Cartão de Afinidade Bradesco Visa. **Você não precisa ser sócio do clube nem ter conta no Bradesco.**

Solicite já o seu Cartão de Afinidade Bradesco Visa em qualquer Agência Bradesco ou ligue para um dos números abaixo.

222-8688
(nas localidades com DDD 011)

0 800 12-8511
(ligação grátis nas demais localidades)

CARTÕES DE AFINIDADE

• Sport Club Corinthians Paulista • Sociedade Esportiva Palmeiras • Santos Futebol Clube • Fluminense Foot-ball
• Londrina Esporte Clube • Clube de Regatas Vasco da Gama • Guarani Futebol Clube • Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense
• Clube de Regatas Flamengo • Associação Portuguesa de Desportos • Paraná Clube • Sport Clube Recife • Associação Atlética Ponte Preta
• Clube Atlético Mineiro • Clube Náutico Capibaribe • Santa Cruz Futebol Clube • Figueirense Futebol Clube • Cruzeiro Esporte Clube
• São Paulo Futebol Clube • Associação Desportiva Ferroviária • Coritiba Foot ball Club • Esporte Clube Vitória • Clube Atlético Paranaense
• Botafogo de Futebol e Regatas • Fortaleza Esporte Clube • Democrata Esporte Clube • CSA Centro Sportivo Alagoano
• Associação Atlética Internacional de Limeira • Paysandu Futebol Clube • Clube Remo • Ferroviário Atlético Ceará • Criciúma Esporte Clube
• Associação Ferroviária de Esportes • Vila Nova Futebol Clube • Goiás Esporte Clube • Comercial Futebol Clube • Avaí Futebol Clube
• Marília Atlético Clube • Nacional Futebol Clube • Atlético Rio Negro Clube • Botafogo Futebol Clube • ABC Futebol Clube
• Noroeste Futebol Clube • Ceará Sporting Club • Sociedade Esportiva e Recreativa de Caxias do Sul • XV de Piracicaba

BRADESCO VISA

O DIA-A-DIA DO BRASIL TEM BRADESCO.

BRADESCO

PLACAR

SUMÁRIO

5	Copa do Mundo
10	Brasileiro
15	Copa do Brasil
18	São Paulo
22	Rio de Janeiro
26	Minas Gerais
31	2ª Divisão do Brasileiro
34	Bahia
38	Paraná
40	Pernambuco
44	Pará
46	Rondônia
48	Acre
50	Rio Grande do Norte
52	Amazonas
54	Distrito Federal
56	Espírito do Santo
58	Tocantins
60	Ceará
62	Piauí
64	Mato Grosso do Sul
66	Mato Grosso
68	Paraíba
70	Alagoas
72	Amapá
74	Goiás
76	Rio Grande do Sul
78	Maranhão
80	Sergipe
82	Santa Catarina
84	Cartas

ATENDIMENTO AO LEITOR
LIGUE PARA O NÚMERO:
0800-14-1088
(De 2ª a 6ª feira, das 9 às 18 horas)
É GRÁTIS

CARTA AO LEITOR

Desde a primeira Edição dos Campeões de **PLACAR,** em 1980, nunca foi tão fácil escolher o maior campeão do ano: em 1994, sem qualquer dúvida, a nossa Seleção arrebatou seu quarto título mundial numa campanha que, se não foi brilhante, refletiu, ao menos, o triunfo do time que melhor se apresentou nos Estados Unidos. Porque até mesmo a sofrida vitória nos pênaltis contra a Itália foi apenas uma página a mais de tensão acrescentada aos 120 minutos de superioridade brasileira com a bola correndo no gramado do Rose Bowl.

O tetra compensou amplamente o fato de, ao contrário do que já começávamos a nos acostumar, não termos nesta edição o campeão da Taça Libertadores da América e do campeão Mundial Interclubes — embora, verdade seja dita, o São Paulo só não tenha se transformado em tri em ambas porque foi prejudicado pela arbitragem no jogo final da Libertadores contra os argentinos do Vélez Sarsfield.

Tricampeonato que o Vasco merecidamente alcançou pela primeira vez em sua história no Campeonato Carioca, um título que deveria ser mais que suficiente para levar São Januário a pensar em alargar fronteiras, a pensar para valer no tri nacional, na Libertadores, no Mundial.

Tricampeonato estadual e nacional (se bem que se o Brasil é tetra mundial, o alviverde também é tetra brasileiro, como, aliás, o Aurélio consagra) que o Palmeiras buscará em 1995, pois os tempos de jejum fazem, definitivamente, parte do passado — como os bis demonstraram fartamente na temporada que se encerra. Nunca será demais lembrar que bastou o Palmeiras se organizar profissionalmente para que a colheita começasse imediatamente, ensinando um caminho que a maior parte de nossos clubes ainda teima em não seguir.

Enfim, campeão é campeão e não há voz mais alta que se levante. Curta o seu porque **PLACAR** curte todos, curte o nosso. O nosso futebol outra vez campeão do mundo.

Juca Kfouri

ZAGGA - WAY OF LIFE

A INTEGRAÇÃO TOTAL
DO TÊNIS COM VOCÊ.
DOS PÉS À CABEÇA.

ZAGGA

PABX (037) 226-3355 - Fax (037) 226-3321

SKULL®
SPORTWEAR

- Couro legítimo
- Forro em tecido absorvente
- Blaqueada
- Rebitada
- Solado em borracha natural

PL-1099

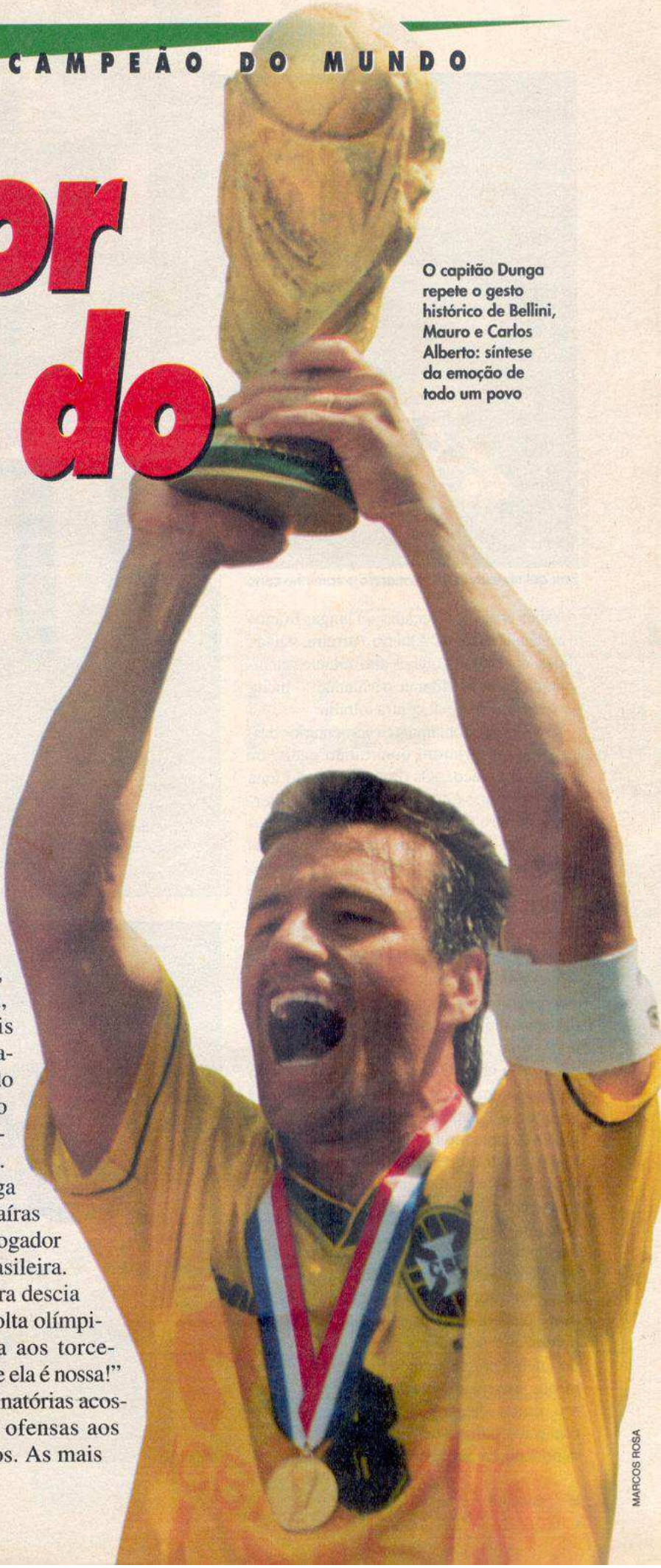
RECORTE E GUARDE.
Você ainda vai ouvir falar das chuteiras SKULL® por muitos campeonatos

PARA MAIORES INFORMAÇÕES LIGUE PARA (037) 226-3241

QUALIDADE HENSO

PRODUTOS ESPORTIVOS PRA QUEM GOSTA DE GANHAR.

A maior glória do século



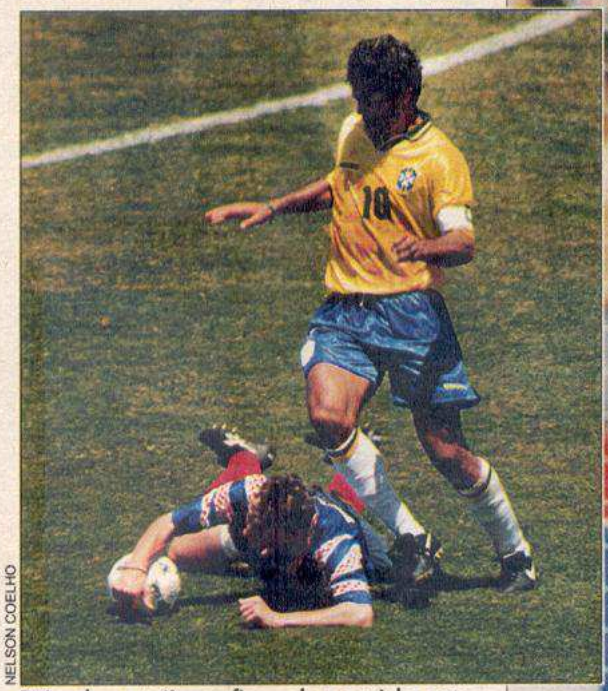
O capitão Dunga repete o gesto histórico de Bellini, Mauro e Carlos Alberto: síntese da emoção de todo um povo

MARCOS ROSA

Como verdadeiros heróis, os craques de Parreira superaram todas as críticas para dar ao Brasil a primazia de se tornar o único tetracampeão da história

Fúria e alegria. A expressão do capitão Dunga, ao erguer a Taça FIFA, no Estádio Rose Bowl, em Los Angeles, dizia tudo. Enquanto dois bilhões de espectadores em todo o planeta acompanhavam a festa brasileira pela televisão, o olhar do camisa 8 da Seleção sintetizava a emoção do povo que esperou 24 anos para ver se repetir o gesto histórico de Bellini, Mauro e Carlos Alberto Torres. "Fotografa essa porra, seus traíras!", gritava Dunga com o troféu nas mãos. Chamar os fotógrafos de traíras (traidor, no jargão futebolístico) era o desabafo do jogador mais criticado da igualmente criticada Seleção Brasileira.

Instantes depois, o técnico Carlos Alberto Parreira descia as escadarias do estádio norte-americano rumo à volta olímpica, com um imenso sorriso e oferecendo a taça aos torcedores ao seu redor. "Podem tocar! Podem tocar porque ela é nossa!" Um final épico para os jogadores que desde as Eliminatórias acostumaram-se a críticas severas, que incluíam até ofensas aos atletas mais experientes, apelidados de dinossauros. As mais



NELSON COELHO

Raí: gol na estréia, confirmando o caminho certo

pesadas eram endereçadas a Dunga, Branco e ao técnico Carlos Alberto Parreira, vaiado todas as vezes em que os alto-falantes anunciaram seu nome durante o Mundial — inclusive na partida final contra a Itália.

Em vez de problemas, os comentários desfavoráveis forjaram uma união cada vez maior no elenco. "Os dinossauros são uma espécie imune às críticas", brincava o terceiro goleiro Gilmar. Mas além de vacinados contra os comentários desfavoráveis, os jogadores também exibiam uma determinação extrema. Durante tardes inteiras, mesmo quando de folga, os jogadores Branco e Ricardo Rocha, por exemplo, preferiam ficar sozinhos na concentração fazendo tratamento e condicionamento físico.

Tamanha dedicação contagiou o elenco desde a estréia contra a Rússia. Com paciência, o time soube esperar o momento exato para dar o bote. O primeiro gol saiu aos 26 minutos, com um toque sutil de Romário. O segundo gol, anotado por Raí, de pênalti, no início do segundo tempo, apenas confirmou que o Brasil estava no caminho certo. "Foi uma estréia absolutamente tranqüila", confirmou o coordenador técnico Zagalo.

O jogo seguinte era, para a imprensa internacional, uma espécie de clássico do futebol espetáculo. De um lado, os artistas brasileiros. Do outro, os camaroneses que encantaram o planeta na Copa de 1990. Na verdade, porém, os espectadores assistiram a um baile do futebol pragmático da Seleção de Parreira, que novamente teve serenidade para impor seu ritmo e chegar aos 3 x 0. Com a classificação assegurada, nem a irritação da torcida depois do empate em 1 x 1 contra a Suécia

NELSON COELHO

No clássico da arte contra Camarões, mais um show de Romário: gênio a serviço do Brasil

J. DANIEL/ALLSPORT

TEIXEIRA/ZETA/SIPA PRESS

Mauro Silva *(à esq.)* e Cafu *(acima)*: símbolos do futebol pragmático que deu resultado nos Estados Unidos

intranquilizou os jogadores. "Depois do nosso gol não precisávamos sair ao ataque, pois o empate nos dava o primeiro lugar do Grupo", constatava o coordenador técnico Zagalo, ao melhor estilo do futebol de resultados proclamado por ele e por Parreira.

Os críticos, no entanto, mais uma vez não perdoaram a Seleção. Ainda mais depois da dramática vitória por 1 x 0 contra os Estados Unidos. Não aceitavam o placar magro, apesar de o Brasil — com um jogador a menos (Leonardo fora expulso aos 41 minutos do primeiro tempo) — ter enfrentado os donos da casa motivados por jogarem no dia de sua independência. Aquele 4 de julho transformou-se numa espécie de dia do sufoco nacional, com a torcida americana incendiando o Stanford Stadium aos gritos de "Iuesseei! Iuesseei!" (USA, em inglês), enquanto o Brasil inteiro roía as unhas. Mas quem cobrava um desempenho melhor do time esquecia-se que a Seleção possuía a melhor defesa entre os classificados para as quartas-de-final (levou um gol

NELSON COELHO

Romário sobe mais do que os gigantes suecos para marcar: o Brasil é finalista

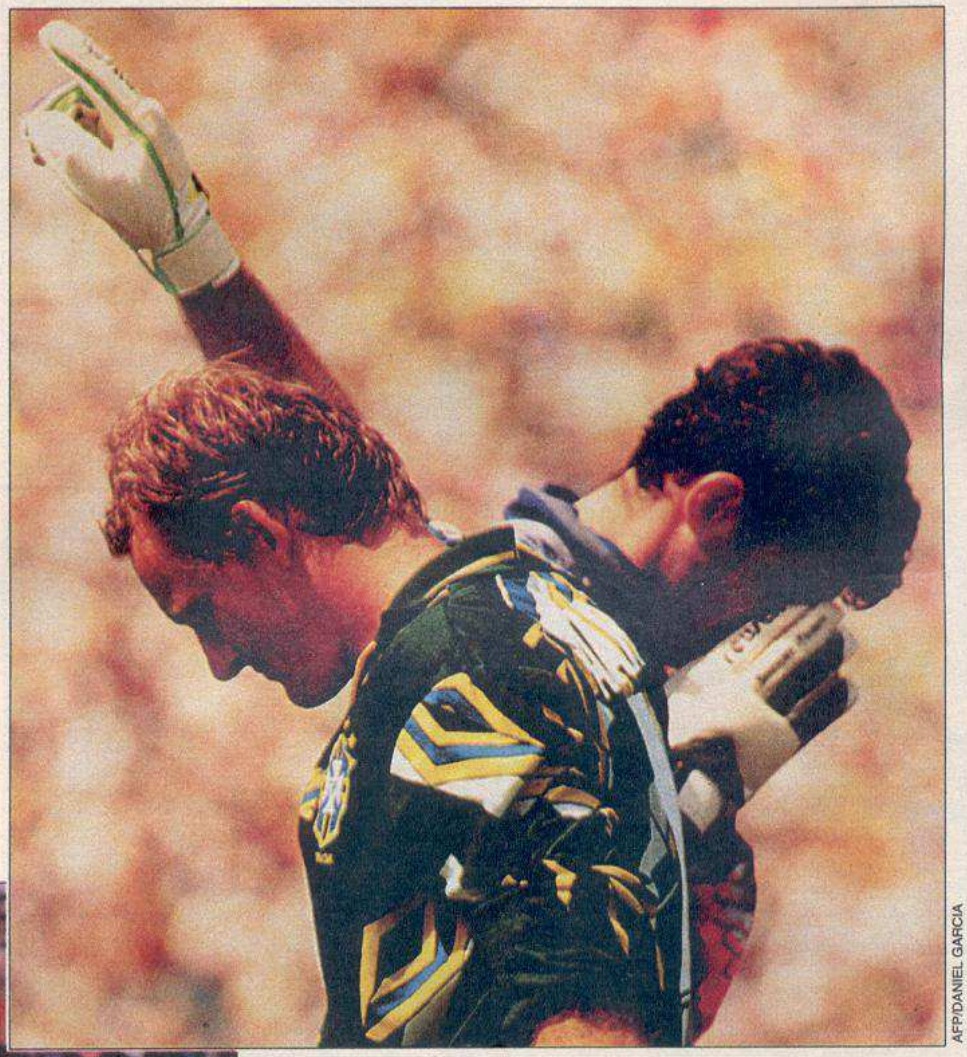
GAMMA

Branco entrou no lugar de Leonardo contra a Holanda, marcou o gol da vitória e desabafou: "Foi o gol cala-boca"

apenas, contra a Suécia) e que fizera, somente nos dois primeiros jogos, mais gols do que a equipe treinada por Sebastião Lazaroni em toda a Copa da Itália, em 1990 (seis contra quatro). Para completar, ainda possuía o mais imprevisível jogador da Copa: Romário.

Na sofrida vitória por 3 x 2 contra a Holanda, o camisa 11, que já havia sido decisivo nos jogos anteriores, foi genial. Primeiro, fez o gol de abertura do marcador, completando um cruzamento de Bebeto; depois, fingiu-se de morto para permitir que Bebeto marcasse o segundo em condição legal; por último, no gol da vitória, esquivou-se da trajetória da bola na cobrança de falta de Branco — o criticado Branco que retornava ao time no lugar de Leonardo e que ganhou direito a um desabafo emocionado. "Foi o gol cala-boca", o jogador dizia, revidando as críticas que sofrera até então.

Com a Seleção nas semifinais pela primeira vez em dezesseis anos, até Parreira desabafou: "Meu time sempre jogou o mais puro futebol brasileiro." O treinador contestava parte da imprensa chamando a atenção para o estilo de jogo da Seleção, caracterizado pela marcação por zona, com quatro zagueiros em linha, e as saídas de jogo com bola no chão. Tal estilo, aliado à paciência, foi o responsável pela



AFP/DANIEL GARCIA

Taffarel comemora o pênalti perdido por Baggio. A alegria contida do brasileiro contrasta com a tristeza de Pagliuca *(acima)*

BOB DAEMMRICH/SYGMA

A JORNADA DO CAMPEÃO

Primeira Fase
Brasil 2 x Rússia 0
Brasil 3 x Camarões 0
Brasil* 1 x Suécia 1
** Vencedor do Grupo B*
Oitavas-de-final
Brasil 1 x Estados Unidos 0
Quartas-de-final
Brasil 3 x Holanda 2
Semifinais
Brasil 1 x Suécia 0
Final
*Brasil 0 x Itália 0
(Brasil 0 x Itália 0, na prorrogação)
(Brasil 3 x Itália 2, nos pênaltis)

***O jogo do título**
BRASIL 0 x ITÁLIA 0
Brasil 0 x Itália 0, na prorrogação
Brasil 3 x Itália 2, nos pênaltis
Local: Rose Bowl (Los Angeles); **Juiz:** Sandor Puhl (Hungria); **Público:** 94 194; **Cartão amarelo:** Mazinho, Apolloni, Albertini e Cafu
BRASIL: Taffarel, Jorginho (Cafu 20 do 1º), Aldair, Márcio Santos e Branco; Mauro Silva, Dunga, Mazinho e Zinho (Viola, intervalo da prorrogação); Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
ITÁLIA: Pagliuca, Mussi (Apolloni 34 do 1º), Maldini, Baresi e Benarrivo; Albertini, Dino Baggio (Evani 5 do 2º), Berti e Donadoni; Roberto Baggio e Massaro. **Técnico:** Arrigo Sacchi

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
7	5	2	0	11	3

AGENCE D.P.P.I.

Bebeto contra a Itália: craque decisivo para o tetra

O bravo capitão Dunga na finalíssima contra os italianos: "Seleção de homens"

B. STICKLAND/ALLSPORT

O ARTILHEIRO

Malandro da Vila da Penha e bom carioca, ele se poupava nas bolas mais difíceis. Quando o lance estava mais próximo dele do que do zagueiro, no entanto, exibia a face da fera. Os adversários do Brasil que o digam. Contra todas as defesas, o baixinho Romário deu lições de técnica e oportunismo e deixou o mundo da bola com uma certeza: hoje, ele é o maior jogador do planeta. Basta enumerar seus feitos no Mundial. Romário marcou cinco gols (foi o vice-artilheiro, atrás do russo Salenko e do búlgaro Stoichkov, que marcaram seis). Só não balançou as redes contra Itália e Estados Unidos, mas construiu a jogada do gol de Bebeto, contra os americanos, e bateu com perfeição um pênalti na final contra os italianos, mesmo sem ter treinado sequer uma cobrança durante todo o Mundial. Para ele, a Copa era o maior desafio da vida e o título, uma questão pessoal, que o faria entrar definitivamente na história do futebol mundial. "Vamos ganhar nem que eu tenha que morrer no gramado", dizia. Mas apenas seu futebol moleque e malandro bastaram para fazer dele o maior jogador de sua época.

Romário beija a taça FIFA: o maior do mundo ostenta seu troféu

MARCOS ROSA

vitória na semifinal contra a Suécia. O Brasil insistiu durante 80 minutos, mas só conseguiu chegar ao gol da classificação para a final em uma cabeçada do pequenino Romário, aos 35 minutos da segunda etapa.

Só faltava uma batalha. A mais longa e sofrida de todas. Foram 120 minutos e um teimoso empate em 0 x 0 com a Itália. Pela primeira vez na história das Copas, o título mundial seria decidido nos pênaltis. Era tudo o que o Brasil precisava para acabar com dois traumas de uma só vez: vencer a Itália, vingando a derrota na Copa do Mundo de 1982, na Espanha, e ganhar nos pênaltis, enterrando para sempre o fantasma da derrota para a França, nas quartas-de-final do Mundial de 1986. Por isso, quando Roberto Baggio perdeu o último pênalti, chutado por cima do travessão — os italianos já haviam desperdiçado duas penalidades, uma delas cobrada por Massaro e defendida por Taffarel —, uma explosão de alegria tomou conta do Estádio Rose Bowl, em Los Angeles. "Somos uma Seleção de homens", exaltava o capitão Dunga, já com a taça nas mãos. Homens que venceram as críticas, garantiram o tetra e colocaram o Brasil outra vez no caminho das conquistas. Que venha o penta!

BRASIL - Tetracampeão Mu

ndial 1958/62/70/94 PLACAR

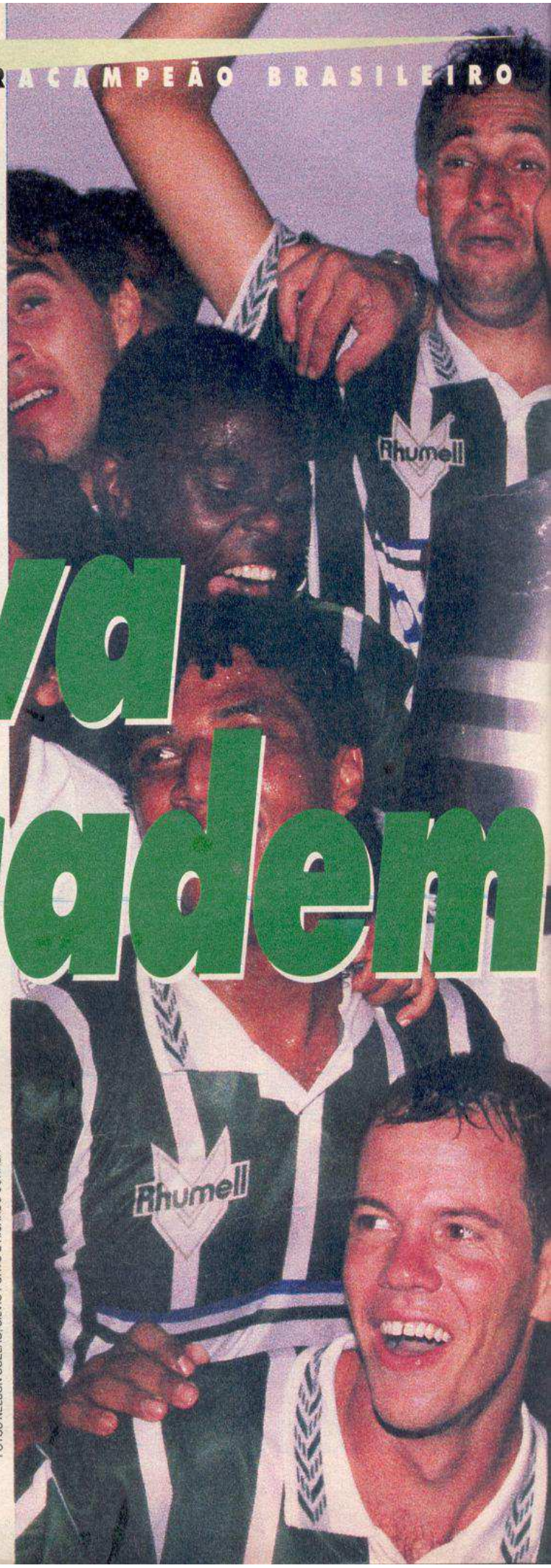
Em pé: Taffarel, Jorginho, Aldair, Mauro Silva, Márcio Santos e Branco; **agachados:** Mazinho, Romário, Dunga, Bebeto e Zinho

PEDRO MARTINELLI

Com o quarto Brasileiro da sua história, o Verdão mostra que é o melhor time do país e reedita a mística do esquadrão de Ademir da Guia & Cia.

A nova Academ

Assim que o juiz apitou o fim da primeira partida das finais entre Palmeiras e Corinthians, o meia Zinho disparou determinado em direção aos vestiários. Não queria saber de badalações ou elogios ao Palmeiras, que acabara de massacrar o Timão no Pacaembu. "Temos que manter a mesma determinação, embora não possamos esquecer que a vantagem aumentou muito", alertava o camisa 10. Àquela altura, Zinho encarnava a razão que dominava todo o elenco. Motivos para esse sentimento, os jogadores tinham de sobra. Não queriam perder a chance de vestir a quinta faixa em dois anos — dois Paulistas, dois Brasileiros e um Rio-São Paulo — e completar uma seqüência de títulos que nem a velha Academia de Ademir Da Guia ousou conquistar. Mas, ao fim da segunda e decisiva partida, quando o esquadrão palmeirense empatou em um gol com o Corinthians, toda a concentração se transformou num eufórico carnaval alviverde.



FOTOS NELSON COELHO, SILVIO PORTO E RICARDO CORREA

Os palmeirenses comandam a festa com a taça do Brasileiro, conquista sacramentada com o gol de Rivaldo (acima) no empate de 1 x 1 com o Corinthians

"Sabemos que o feito é inédito na história do Palmeiras. Isso nos traz muito orgulho", festejava o zagueiro Antônio Carlos num Pacaembu vestido de verde. A empolgação dos jogadores só rivalizava com a da torcida, que não parava de gritar: "Te-tra-cam-pe-ão! Te-tra-cam-pe-ão!" Um grito temperado com a suprema satisfação de ganhar o título em cima do Corinthians. Afinal, ninguém conseguia esquecer que esta foi a terceira vez em dois anos que o Palmeiras venceu seu mais tradicional adversário — ganhara o Paulista e o Rio-São Paulo de 1993 em disputas diretas contra o Timão.

Edmundo passa no meio da dupla de zaga corintiana (Henrique, de costas, e Gracia): mais força ao ataque do Verdão

Reservas à altura — A determinação cobrada por Zinho nas finais, na verdade, reinou no Parque Antártica desde o início da temporada. "Nossa grande qualidade foi a humildade", ensinava o técnico Wanderley Luxemburgo. Outro grande trunfo do Verdão residia no alto nível de seus reservas. Logo no começo do campeonato, a Parmalat gastou 1,8 milhão de dólares para trazer o meia Paulo Isidoro, o atacante Alex Alves (ambos do Vitória da Bahia), o lateral-direito Gustavo (ex-Guarani) e o lateral-esquerdo Wagner (ex-Juventus). Com um leque de opções tão amplo, havia sempre substitutos à altura quando apareciam problemas. O primeiro deles foi o desgaste na Segunda Fase, depois de o time assegurar seu lugar nas quartas-de-final. "Resolvemos poupar alguns jogadores que acumularam partidas demais durante o ano", conta o preparador físico Luís Carlos Neves. O problema seguinte seria escolher o substituto para Edmundo, suspenso por cinco jogos e quarenta dias pelas brigas provocadas na partida Palmeiras 2 x São Paulo 2.

Ganhar o Campeonato sem Edmundo parecia um grande desafio. O Palmeiras já provara ser o melhor do país no início do torneio, marcando dezenove pontos em vinte possíveis na Primeira Fase, mas Edmundo dava incontestavelmente mais força ao ataque. Isso apesar de, mesmo com ele, o time ter esbarrado na marcação de Sport e Paraná. Nesses jogos, conseguiu magras vitórias por 1 x 0, com gols aos 44 minutos do segundo tempo, dentro do Parque Antártica.

A essa altura, houve até mesmo quem levantasse suspeitas sobre a competência do ataque palmeirense. O tempo, porém, sepultou qualquer dúvida sobre a eficiência dos goleadores alviverdes. Até o final da campanha, o Palmeiras marcou insuperáveis 58 gols. Apenas o trio Evair/Rivaldo/Edmundo somou 38 — no Brasileiro, somente quatro clubes (incluindo o próprio Verdão) marcaram mais gols do que a soma dos tentos dos três artilheiros. Com tamanha competência ofensiva, era natural que surgissem grandes goleadas. Em uma delas, apareceu o primeiro sintoma de que a ausência do camisa 7 não seria tão sentida: 4 x 1 contra a vítima preferencial — o Corinthians. Mais uma demonstração de que o Timão não deveria nem pensar em se meter com o rival.

Com tanto sucesso, nem as derrotas para Guarani, Fluminense e Paysandu, na Segunda Fase, tiraram o ânimo dos palmeirenses. Na hora em que as partidas voltaram a ter importância para a classificação, o Verdão apresentou o mesmo futebol avassalador do início do Campeonato. Primeiro, contra o Bahia, eliminado nas quartas-de-final. Depois com o Guarani, vencido no Pacaembu (3 x 1) e em Campinas (2 x 1). A primeira das vitórias sobre os bugrinos serviu também para confirmar o Palmeiras como a melhor equipe da competição. O Verdão acumulava 42 pontos, um a mais do que o Bugre, tido até aquele momento como o melhor time da competição.

Só faltava mesmo colher a maior recompensa do Campeonato: vencer outra vez o Corinthians. Nessa fase, o Palmeiras percebeu que tinha um reserva talentoso até para

Rivaldo deixa o corintiano Gralak no chão: decisivo na reta final

O DESTAQUE

Enquanto Corinthians e São Paulo disputavam o passe do atacante Rivaldo num verdadeiro leilão, o Palmeiras corria por fora e batia o martelo. Por 2, 5 milhões de dólares, o atacante do Mogi Mirim vestiria as camisa verde e branca. Muitos pensaram que os diretores da Parmalat estivessem loucos. Afinal, nem os consagrados Edmundo (1,8 milhão de dólares) e Zinho (650 000 dólares), somados, custaram tanto dinheiro. Campeão brasileiro e bi paulista, o que o palmeirense menos queria era ter no time um ex-corintiano. Suas primeiras partidas com a nova camisa não empolgaram. Rivaldo tentava mostrar em campo que valia cada centavo gasto em sua contratação, mas não convencia a exigente torcida palmeirense. Em algumas partidas, chegou a ser vaiado. Então, Rivaldo passou a comemorar seus gols longe das arquibancadas. Pressionado, o jogador errava, perdia gols e era vaiado. Mas o técnico Wanderley Luxemburgo estava decidido a apostar no atacante até o final. Embora a torcida não se empolgasse, ele marcou dez gols até as semifinais. E quando o Palmeiras mais precisava de seu talento, Rivaldo brilhou. O pernambucano de 22 anos despachou o Guarani marcando os dois gols na vitória de 2 x 1, em Campinas. Antes da primeira partida contra o Corinthians, Rivaldo ligou para a mãe, no Recife. Dona Marlúcia vaticinou: "Você vai fazer dois gols". Fez e praticamente decidiu o título nos 3 x 1 contra seu ex-clube. "Os corintianos devem estar me odiando. Mas os palmeirenses agora estão me amando", concluiu. Na finalíssima, Rivaldo deu mais um motivo para o amor alviverde -- e ódio corintiano. Empatou o jogo em 1 x 1, depois de um passe de Edmundo. "Minha mãe disse que eu também faria dois gols hoje. Fico devendo um para o tri paulista em 1995".

Na partida final, o matador Evair chuta observado por Marcelinho (de costas): rumo a Tóquio

o técnico Wanderley Luxemburgo. Na primeira partida das finais, o preparador de goleiros Valdir de Moraes sentou-se no banco — Luxemburgo estava suspenso pela expulsão contra o São Paulo — e, dali, enxergou o caminho para abrir a vitória. Valdir alertou Zinho para que puxasse Marcelinho Paulista, o seu marcador corintiano, para o lado esquerdo do campo e abrisse, assim, espaços para Rivaldo pelo meio. Um minuto depois, no mesmo buraco enxergado por Valdir, Rivaldo foi lançado e abriu o marcador.

Também pelas mãos de Valdir de Moraes, o goleiro Velloso reencontrou o futebol dos bons tempos, quando em 1989 deixou Zetti na reserva, mesmo depois de o atual goleiro do São Paulo já estar recuperado de uma fratura na perna. "Tive uma trajetória complicada, mas é muito bom encontrar alguém que deposite confiança na gente", desabafava o camisa 1, que, na final, realizou uma partida fantástica. "Provei não estar aqui por acaso. Sou um vencedor", festejava empunhando uma grande bandeira verde e branca.

Enquanto Veloso corria pelo gramado, Edmundo carregava Zinho para o alambrado e dizia: "Essa (taça) é pra você, fera" Na arquibancada, a torcida em coro entoava: "Olê, olê, olê, olê! Zinho! Zinho!"

Mas vencer parece ser o destino traçado para o Palmeiras desde que firmou o acordo de cogestão do departamento de futebol com a multinacional italiana Parmalat, em abril de 1992. E a taça do Brasileiro 94 não coroou apenas o melhor time do Brasil. Serviu também como o pontapé inicial de um projeto que promete transformar o Verdão no maior time da Américas e — por que não? — do Mundo. Que venha Tóquio!

PRIMEIRA FASE
Palmeiras 4 x Paraná 1
Náutico 1 x Palmeiras 3
Internacional 0 x Palmeiras 2
Palmeiras 5 x União São João 1
Palmeiras 1 x Fluminense 0
Fluminense 1 x Palmeiras 1
União São João 0 x Palmeiras 1
Palmeiras 1 x Internacional 0
Palmeiras 4 x Náutico 1
Paraná 2 x Palmeiras 4

SEGUNDA FASE
Primeiro Turno
Palmeiras 1 x Sport 0
Palmeiras 1 x Paraná 0
Bahia 1 x Palmeiras 1
Palmeiras 2 x Santos 0
Flamengo 2 x Palmeiras 0
Palmeiras 1 x Botafogo 0
São Paulo 2 x Palmeiras 2

Segundo Turno
Palmeiras 0 x Guarani 1
Fluminense 4 x Palmeiras 1
Grêmio 1 x Palmeiras 1
Palmeiras 4 x Corinthians 1
Portuguesa 3 x Palmeiras 1
Palmeiras 3 x Vasco 0
Palmeiras 1 x Internacional 1
Paysandu 1 x Palmeiras 0

TERCEIRA FASE

Bahia 1 x Palmeiras 2
Palmeiras 2 x Bahia 1

SEMIFINAIS

Palmeiras 3 x Guarani 1
Guarani 1 x Palmeiras 2

FINAIS

Corinthians 1 x Palmeiras 3
★ Palmeiras 1 x Corinthians 1

★ O JOGO DO TÍTULO

18/dezembro/1994

PALMEIRAS 1 X CORINTHIANS 1
Local: Pacaembu (SP); **Juiz:** Márcio Resende de Freitas (MG); **Renda:** R$ 372 325; **Público:** 35 217; **Gols:** Marques 3 do 1º; Rivaldo 35 do 2º; **Cartão amarelo:** Antônio Carlos, César Sampaio, Ronaldo, Gralak, Luisinho e Marcelinho; **Expulsão:** Zinho e Branco, 8; Luisinho, 19 do 2º; **PALMEIRAS:** Velloso; Cláudio, Cléber, Antonio Carlos e Wágner; César Sampaio, Flávio Conceição (Amaral, intervalo) e Zinho; Edmundo (Tonhão, 46 do 2º), Evair e Rivaldo. **Técnico:** Wanderley Luxemburgo

CORINTHIANS: Ronaldo, Paulo Roberto, Gralak, Henrique e Branco; Marcelinho Paulista, Luisinho e Souza (Tupãzinho, 30 do 2º); Marcelinho, Viola e Marques. **Técnico:** Jair Pereira

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
31	20	6	5	58	30

PALMEIRAS - Tetracampeão B

Brasileiro 1972/73/93/94

PLACAR

Em pé: Flávio Conceição, Velloso, Cláudio, Cléber, César Sampaio e Antônio Carlos; **agachados:** Edmundo, Roberto Carlos, Rivaldo, Evair e Zinho

Rhumell
parmalat
Rhumell
parmalat
Rhumell
parmalat

Ganhou o especialista

O Grêmio vence pela segunda vez a Copa do Brasil e se torna um perito em ganhar a competição, adquirindo o direito de disputar a próxima Libertadores da América

"Quantos minutos faltam?", perguntava insistentemente o goleiro Danrlei aos jornalistas postados atrás da meta gremista. A cena ainda se repetiria por mais de uma dezena de vezes ao longo daquele segundo tempo. Tanta ansiedade tinha um bom motivo: persistindo o resultado de 1 x 0, o Grêmio se consagraria campeão da Copa do Brasil e o jogador festejaria seu primeiro título nacional. Assim, quando o árbitro ergueu o braço direito e apitou o final da partida, ninguém se surpreendeu com a explosão de entusiamo de Danrlei. A vitória contra o Ceará deu ao tricolor gaúcho seu segundo título da competição, o que lhe valeu a fama de especialista em Copa do Brasil. Afinal, em seis edições do evento, faturou duas (1989 e 1994) e chegou duas vezes ao vice-campeonato (1991 e 1993).

Para presentear sua torcida com mais um título nacional, o Grêmio lançou mão de uma fórmula bastante utilizada no futebol brasileiro: mesclar juventude e experiência em campo. Com os cofres vazios, os dirigentes gremistas investiram pouco em contratações, prefe-

Com apenas três minutos de jogo, Nildo já comemora o gol que seria o do título: raça tricolor

ZERO HORA

O volante Jamir e o goleiro Danrlei com a taça nas mãos

rindo apostar na ascensão de jogadores jovens e no técnico e bom estrategista Luís Felipe. "Esta foi nossa única saída, pois não dispúnhamos de dinheiro para contratar nomes consagrados", confessou o presidente do clube Fábio Koff.

Campeão da mesma competição defendendo o Criciúma em 1991, Luís Felipe soube trabalhar com maestria a juventude do lateral-esquerdo Róger e do meio-campista Émerson, ambos vindos das categorias de base do clube, e a experiência dos zagueiros Paulão (ex-Cruzeiro) e Agnaldo (ex-Vitória). Em campo, o time jogou um futebol compacto, veloz e brigador. Nos dez jogos que disputou não perdeu nenhum: venceu seis e empatou quatro. Fez treze gols e sofreu seis. "A campanha foi boa, mas poderia ter sido melhor. Afinal, tomamos alguns gols por pura desatenção", analisa o exigente becão Agnaldo, um dos líderes do elenco.

Derrubando equipes como Corinthians, Vasco, Criciúma e Vitória, os tricolores gaúchos assimilaram bem a estratégia pregada pelo treinador, como atestou o atacante Fabinho: "Numa competição que se joga ao estilo matar-ou-morrer, cada jogo é uma final." Foi assim em todas as partidas, principalmente naquelas disputadas fora de casa, ocasiões em que o sistema defensivo era reforçado.

O ARTILHEIRO

Quando trocou o Caldense-MG pelo Grêmio, em abril de 1994, o jogador Ivanildo Duarte Pereira, o **Nildo,** sabia da difícil missão de substituir o goleador Gílson — vendido ao Atlas, do México. Mas o que realmente atormentava o centroavante era ter 28 anos e ainda não ter explodido no futebol. O destino, entretanto, parece ter guardado o melhor de Nildo para o Grêmio. Logo em sua primeira partida, no Gauchão, fez o gol da vitória de 1 x 0 sobre o Grêmio Santanense. Mas foi na Copa do Brasil que a estrela do atacante brilhou com maior intensidade: marcou cinco gols em dez jogos e se transformou no jogador-chave da campanha. "Com os gols da Copa do Brasil, ganhei o carinho da torcida, pois cheguei desacreditado e hoje sou respeitado", orgulha-se. As boas atuações estimularam os dirigentes a saldar rapidamente os 40 000 dólares estipulados pelo passe do goleador. Pena que ele tenha se machucado logo no início do Brasileiro 94. A torcida aguarda com ansiedade a volta de Nildo e seus gols.

FOTOS ADOLFO GERCHMANN

O centroavante Nildo sobe cercado pelos zagueiros adversários: artilheiro da equipe e explosão aos 28 anos

O título carimbou o passaporte para a próxima Libertadores, mas a vitória final veio numa partida renhida contra um surpreendente Ceará, que já havia desbancado o favoritismo de times como o Internacional e o Palmeiras. Jogando em casa na presença de 49 263 espectadores, o Grêmio lutou para impor seu futebol. Em menos de cinco minutos já havia conseguido quatro escanteios, um dos quais resultou no gol do título, marcado de cabeça pelo centroavante Nildo. Mas apesar da supremacia gremista, o Ceará não se entregava. Dos pés do veterano meia Elói saíam as principais jogadas da equipe nordestina, que lutou bravamente até o fim e quase arrancou um empate. O resultado final (1 x 0) acabou por premiar o melhor time.

Com a taça nas mãos e festejado por seus jogadores, o pé-quente Luís Felipe repetia a receita do sucesso: "Neste tipo de competição não é preciso ter um supertime. Basta acreditar no seu potencial e não menosprezar o adversário, seja ele quem for." E é com a mesma filosofia que em 1995 o Grêmio volta à Taça Libertadores, que conquistou em 1983, tentando erguer pela segunda vez o troféu de campeão sul-americano. Afinal, o tricolor é um time *copeiro*, verdadeiro especialista em torneios do gênero.

GUARACY ANDRADE

ZERO HORA

Fabinho levou perigo para a defesa do Ceará, que tinha no meia Elói seu melhor jogador. Mas o craque do time cearense acabou esbarrando na muralha gremista erguida por Pingo *(acima, à dir.)*

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRA FASE
Criciúma 2 x Grêmio 2
Grêmio 2 x Criciúma 1

OITAVAS-DE-FINAL
Grêmio 2 x Corinthians 0
Corinthians 2 x Grêmio 2

QUARTAS-DE-FINAL
Grêmio 1 x Vitória 0
Vitória 0 x Grêmio 1

SEMIFINAL
Vasco 0 x Grêmio 0
Grêmio 2 x Vasco 1

FINAL
Ceará 0 x Grêmio 0
★ Grêmio 1 x Ceará 0

★ **O JOGO DO TÍTULO**
10/agosto/1994
GRÊMIO 1 x CEARÁ 0
Local: Olímpico (Porto Alegre); **Juíz:** Oscar Roberto de Godói (SP); **Renda:** R$ 259 736; **Público:** 49263; **Gol:** Nildo 3 do 1º; **Cartão amarelo:** Chico, Ronaldo, Aírton, Mastrillo, Víctor Hugo, Catatau, Ivanildo, Carlos Miguel e Agnaldo; **Expulsão:** Sérgio Alves 31 e Vítor Hugo 40 do 2º.
GRÊMIO: Danrlei, Ayupe, Paulão, Agnaldo e Roger; Pingo, Jamir, Emérson e Carlos Miguel (Wallace 26 do 2º); Fabinho e Nildo (Carlinhos 39 do 2º). **Técnico:** Luiz Felipe.
CEARÁ: Chico, Ronaldo, Aírton, Vítor Hugo e Claudenésio; Mastrillo, Ivanildo e Elói; Catatau, Gerônimo e Sérgio Alves. **Técnico:** Dimas

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
10	6	4	0	13	6

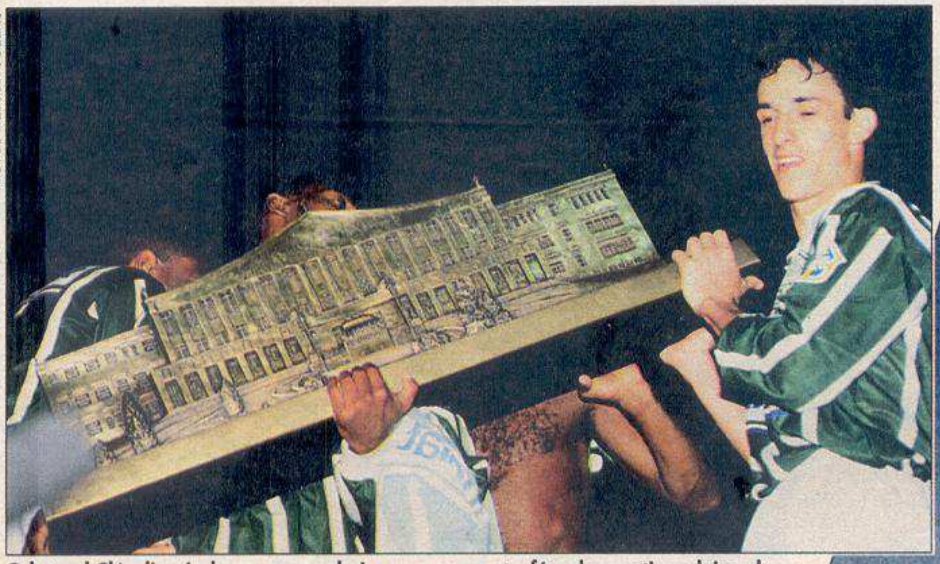
GRÊMIO Campeão da Copa do Brasil 1994

Em pé: Danrlei, Pingo, Agnaldo, Róger, Ayupe e Paulão; **agachados:** Fabinho, Nildo, Jamir, Carlos Miguel e Émerson

ZERO HORA

Conquista co

FOTOS NELSON COELHO



O lateral Cláudio ajuda os companheiros a erguer o troféu: doce rotina alviverde

A volta do sistema de pontos corridos fez a justiça prevalecer no futebol paulista e deu ao Verdão o segundo bi de sua história

Depois que o Palmeiras venceu o Ituano por 1 x 0, o centroavante Evair disparou pelo gramado do Parque Antártica feito um menino, mãos erguidas para o céu como se já fosse campeão. O Verdão ainda precisava conquistar mais um ponto para garantir matematicamente o Estadual, mas a certeza de Evair era a de todos os palmeirenses: o time seria campeão! Essa convicção tinha sólidos motivos. Afinal, o único adversário que ainda poderia alcançar a equipe era o São Paulo — se ganhasse todos os jogos, e bem, e se o Palmeiras perdesse suas duas últimas partidas, desgraça que o belo futebol do time tornava uma hipótese remota. Daí a festa no gramado. "Me dá o seu par de meias, César", implorava o office-boy Francisco David, ao capitão César Sampaio.

n todo mérito

Rincón *(à esq.)* e Roberto Carlos *(à dir.)* abraçam o goleador Evair no jogo que valeu o título

A consagração definitiva, entretanto, só veio com a vitória de 1 x 0 sobre o Santo André, no ABC paulista. Coroava-se assim um trabalho vitorioso que consumiu quatro meses, incluiu trinta jogos, somou 47 pontos ganhos, o maior número de vitórias (vinte) e o ataque mais positivo (63 gols). Mas não foi nada fácil. A volta do sistema de turno e returno com pontos corridos (a última disputa nesses moldes acontecera em 1984) resultou em um duelo fantástico entre Palmeiras, Corinthians e São Paulo. Para complicar a caminhada do Verdão, além do Campeonato Paulista, o time disputava simultaneamente a Taça Libertadores e a Copa do Brasil. "Acumulamos jogos de diferentes competições e isso tornou a conquista ainda mais emocionante", assegura o treinador Wanderley Luxemburgo.

Redenção alviverde — Muitas vezes, porém, a emoção acabou se transformando em tensão. Não demorou para que os atritos começassem a explodir. O primeiro deles partiu da sempre exigente torcida palmeirense. Descontentes com as derrotas contra Ponte Preta e Corinthians, algumas facções uniformizadas deixaram de aplaudir os jogadores. O problema durou até 1º de abril, uma Sexta-feira Santa em que o Verdão esmagou o Guarani por 4 x 2. Foi a redenção dos palmeirenses.

Luxemburgo: com acúmulo de emoção

A torcida fez as pazes com o time. "À sua maneira, a galera sempre nos deu força", ameniza o lateral-esquerdo Roberto Carlos.

Quando todos imaginavam que as dificuldades internas estavam superadas, o polêmico atacante Edmundo brigou com o técnico Wanderley Luxemburgo ao ser substituído num jogo contra o São Paulo, pela Taça Libertadores. Ficou de fora do restante do Paulistão. O que seria um problema para o time, acabou se tornando uma solução. O atacante Edílson, que amargava a reserva, foi escalado e não decepcionou. Tornou-se uma das mais mortíferas armas do Palmeiras na reta final. O episódio também serviu para unir a equipe em busca do primeiro bicampeonato paulista do clube em sessenta anos (o último fora em 1933). Daí para a frente, o Palmeiras tornou-se pura alegria. Que o diga Evair, o palmeirense com maiores motivos para comemorar. Além de bi, o camisa 9 marcou 24 gols e devolveu ao Palmeiras a glória de possuir o artilheiro do Paulistão depois de 23 anos. O último havia sido o centroavante César, em 1971, com dezoito gols.

Evair também balançou as redes na vitória de 2 x 1 contra o Corinthians, na última rodada. Era a glória. Afinal, mesmo com a faixa no peito e a taça nas mãos, cada palmeirense sonhava vencer o maior rival para completar a temporada de gala e vingar a derrota de 1 x 0 do primeiro turno. Além do gol de Evair, o Pacaembu pôde assistir a uma obra de arte de Edílson, que driblou toda a defesa corintiana antes de balançar as redes. Até o colombiano Rincón, que permanceu apenas quatro meses no Parque Antártica antes de partir para o futebol italiano, soube incorporar o espírito alviverde: "Ganhar do Corinthians tem mesmo um gosto especial."

Com o título assegurado, o show passou a ser da torcida, que desfilou pela cidade cantando em coro: "Ei, você aí, o Porco já é bi, o Porco já é bi!" Um bordão que os palmeirenses prometem repetir em 1995, apenas trocando a última palavra por tri.

FOTOS NELSON COELHO

Evair *(acima)* sobe para marcar o gol do título contra o Santo André e Rincón *(à esq.)* aprende a ser palmeirense

O COMANDANTE

"Meia ou volante?", se perguntavam os torcedores do Palmeiras com um sorriso nos lábios. Afinal, o mais regular jogador alviverde durante o Campeonato Paulista marcou e desarmou como um cabeça-de-área clássico. Mas também organizou as jogadas e municiou o ataque como só os grandes meias sabem fazer. Mazinho foi o grande comandante. Tantas qualidades asseguraram sua presença na Copa do Mundo dos Estados Unidos, onde se sagrou tetracampeão mundial. A conquista só não deixou os palmeirenses mais alegres, porque precipitou o fim do namoro entre Mazinho e o Verdão. "Estou muito bem no Palmeiras, a quem devo o retorno de meu bom futebol", assegurava o jogador antes de ter sua resistência quebrada pelas pesetas do Valência, da Espanha, time dirigido pelo técnico Carlos Alberto Parreira. Hoje, o ex-palmeirense tornou-se destaque do Campeonato Espanhol, no qual exibe o futebol que tanto encantou no Paulistão.

Mazinho conduz a bola e o time: qualidades de sobra

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Ferroviária 0 x Palmeiras 2
Bragantino 2 x Palmeiras 2
Palmeiras 5 x Ponte Preta 0
Ituano 1 x Palmeiras 6
Palmeiras 1 x União São João 1
Palmeiras 4 x Portuguesa 0
América 0 x Palmeiras 0
Guarani 0 x Palmeiras 2
Palmeiras 2 x Novorizontino 0
Palmeiras 1 x São Paulo 2
Mogi-Mirim 0 x Palmeiras 1
Santos 1 x Palmeiras 4
Palmeiras 2 x Santo André 0
Corinthians 1 x Palmeiras 0
Palmeiras 1 x Rio Branco 1

SEGUNDO TURNO
Rio Branco 1 x Palmeiras 2
Ponte Preta 2 x Palmeiras 1
Palmeiras 4 x Guarani 2
Palmeiras 1 x Santos 1
União São João 0 x Palmeiras 2
Portuguesa 0 x Palmeiras 0
Palmeiras 6 x Bragantino 0
Palmeiras 2 x Ferroviária 1
Palmeiras 1 x América 0
Novorizontino 1 x Palmeiras 1
São Paulo 2 x Palmeiras 3
Palmeiras 3 x Mogi-Mirim 2
Palmeiras 1 x Ituano 0
★Santo André 0 x Palmeiras 1
Palmeiras 2 x Corinthians 1

★O JOGO DO TÍTULO
12/maio/94

SANTO ANDRÉ 0 x PALMEIRAS 1
Local: Bruno José Daniel (Santo André); **Juiz:** Renato Marsiglia (RS); **Renda:** CR$ 110 795 000; **Público:** 10 834; **Gol:** Evair 18 do 2º; **Cartão amarelo:** Ricardo e Edílson
SANTO ANDRÉ: Sílvio, Marcão, Agnaldo, Correia e Candeia; Cipó, Jorginho e Claudinho; Marquinhos, Rizza e Marcos Paulo (Zinho). **Técnico:** Jair Picerni
PALMEIRAS: Fernandez, Cláudio, Tonhão (Alexandre Rosa), Ricardo (Amaral) e Roberto Carlos; César Sampaio, Mazinho, Zinho e Rincón; Edílson e Evair. **Técnico:** Wanderley Luxemburgo

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
30	20	7	3	63	22

PALMEIRAS - Bicampeã

o Paulista 1993/94

PLACAR

Em pé: Mazinho, Cláudio, César Sampaio, Fernandez, Tonhão e Ricardo; **agachados:** Evair, Rincón, Roberto Carlos, Edílson e Zinho

NELSON COELHO

VASCO - TRICAMPEÃO CARIOCA

O Vasco

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Hernande e Pimentel erguem a taça que Valdir com seus gols ajudou o Vasco da Gama a conquistar : tri inédito

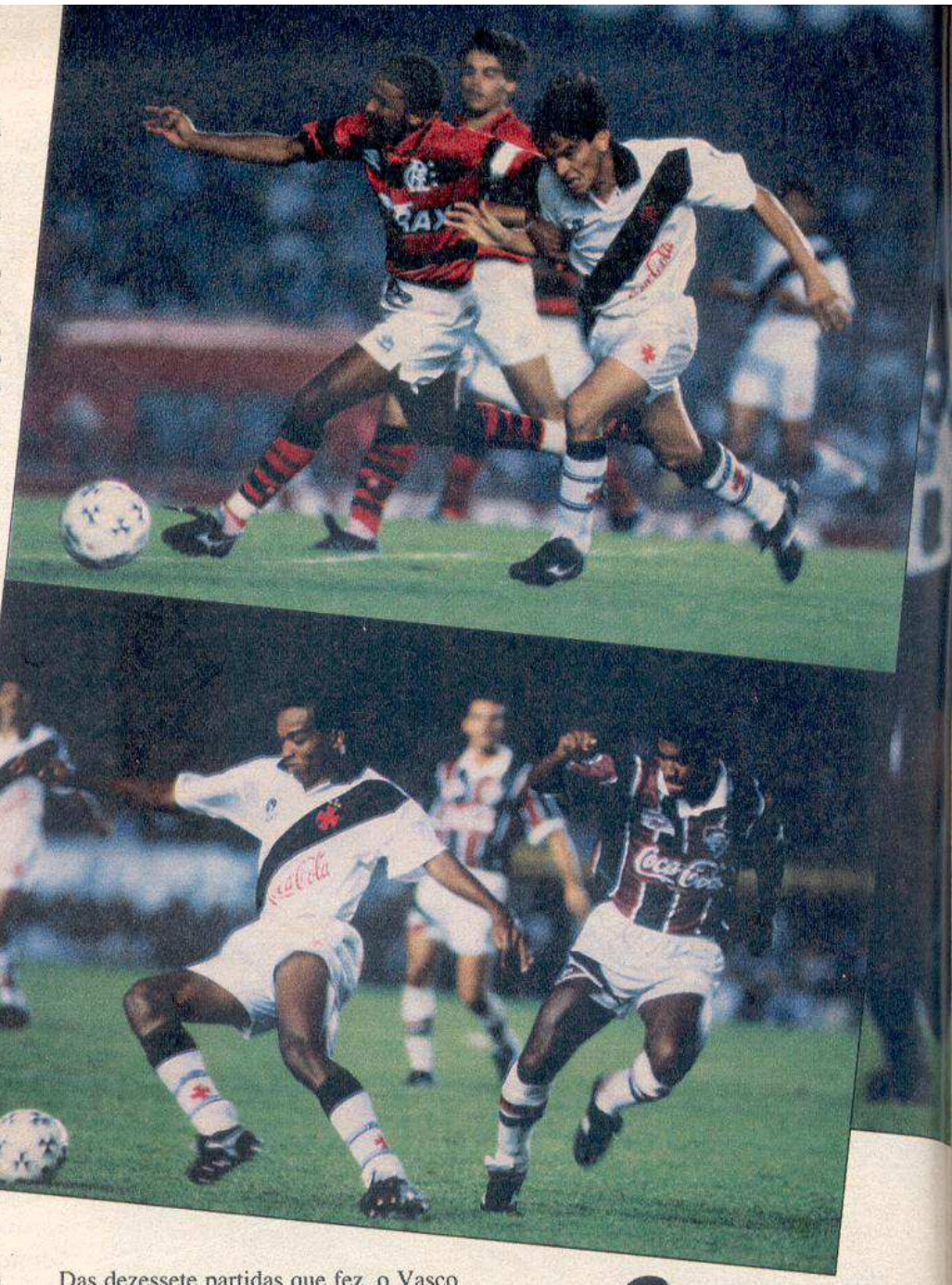
é tri. Tererê

No ritmo do funk, a galera vascaína comemorou o título inédito, que por um instante esteve perto dos rivais Flamengo e Fluminense mas que, por justiça, acabou mesmo em São Januário

JOÃO CERQUEIRA

Ainda faltavam quinze minutos para o fim, mas o marcador do Maracanã não deixava dúvidas de quem seria o campeão carioca. O Vasco batia o Fluminense por 2 x 0 com a naturalidade dos grandes vencedores e chegava ao seu tricampeonato inédito. Maioria nas arquibancadas, a torcida fazia a festa, cantando no ritmo do funk: "Tri, tri, o Vasco é tri. Tererê". Era o vigésimo título carioca dos vascaínos. E poucas vezes uma conquista foi tão merecida. A vitória na finalíssima, materializada nos dois gols do desengonçado centroavante Jardel, fez justiça à melhor equipe do Campeonato. Mas, antes, o Vasco precisou superar o drama da morte de Dener, em acidente de carro, justamente durante as finais. A importância do atacante na campanha vascaína, entretanto, não foi esquecida. "Ê, cafuné! Ê, cafuné! O Dener é mistura de Garrincha e Pelé", homenageou a torcida já com a taça na mão.

Com a hegemonia do futebol carioca há dois anos, o Vasco, além de contratar Dener, trouxe de volta o volante Luisinho, que estava no Celta, da Espanha, e alugou o passe de Ricardo Rocha, então titular da Seleção. "Com a minha chegada, o Vasco assegura o tri", proclamou o novo capitão ao se apresentar. E ele estava certo. Sua liderança, não só deu personalidade à defesa como fez o futebol dos demais crescer, especialmente o de Alexandre Torres. Ao lado de Rocha, o filho do capitão Carlos Alberto Torres atuou como nunca. "Com o Ricardo sinto mais segurança", enfatizou o zagueiro.



FOTOS MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Valdir em dia de Romário — Durante a fase de classificação, os clubes pequenos não ofereceram resistência. Mesmo os clássicos não foram difíceis. Primeiro o Flamengo foi atropelado por Valdir em dia de Romário. O matador fez dois gols e a galera vascaína saiu do Maracanã festejando a vitória por 3 x 1. Depois o Botafogo abusou da sorte ao perder um pênalti através de seu artilheiro Túlio. E o Vasco não perdoou: 2 x 0. Só o Fluminense acabou poupado — quando empataram em 0 x 0, os dois times já estavam classificados para o quadrangular. Mas no jogo extra que valeu a Taça Guanabara, os cruzmaltinos aplicaram 4 x 1 nos tricolores. "Começamos a ganhar o título na fase de preparação em Teresópolis. Nas finais, não vivi, só vegetei, pensando em decisão todos os dias", desabafou Valdir, artilheiro da equipe com nove gols.

A diferença entre o tricampeão e os rivais era cristalina. Enquanto Botafogo, Flamengo e Fluminense penavam para ganhar seus jogos, o Vasco vencia os dele com facilidade. Mas o clima de "já ganhou" incomodava o técnico Jair Pereira, que mantinha o apoiador William no banco. Depois da morte de Dener, em 19 de abril, Jair o efetivou entre os titulares. E William brilhou. "O nosso tri só escapa por acidente", resumiu.

Das dezessete partidas que fez, o Vasco só deixou de vencer seis, perdendo apenas para o Flamengo, com os jogadores abalados pela morte de Dener, cinco dias antes. Os times voltaram a se enfrentar uma semana depois, e o empate (1 x 1), colocou o Vasco na dependência de um tropeço rubro-negro. Tropeço que veio sete dias mais tarde, nos

JOÃO CERQUEIRA

Jardel: de reserva a artilheiro da decisão

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRA FASE
Vasco 2 x Volta Redonda 0
Vasco 1 x Bangu 0
Madureira 0 x Vasco 0
Itaperuna 1 x Vasco 2
Vasco 3 x Flamengo 1
América 0 x Vasco 1
Vasco 2 x Botafogo 0
Vasco 2 x Olaria 1
Campo Grande 0 x Vasco 2
Americano 0 x Vasco 0
Vasco 0 x Fluminense 0

QUADRANGULAR FINAL
Vasco 1 x Botafogo 0
Fluminense 1 x Vasco 1
Flamengo 2 x Vasco 1
Vasco 1 x Flamengo 1
Botafogo 1x Vasco 3
*Vasco 2 x Fluminense 0

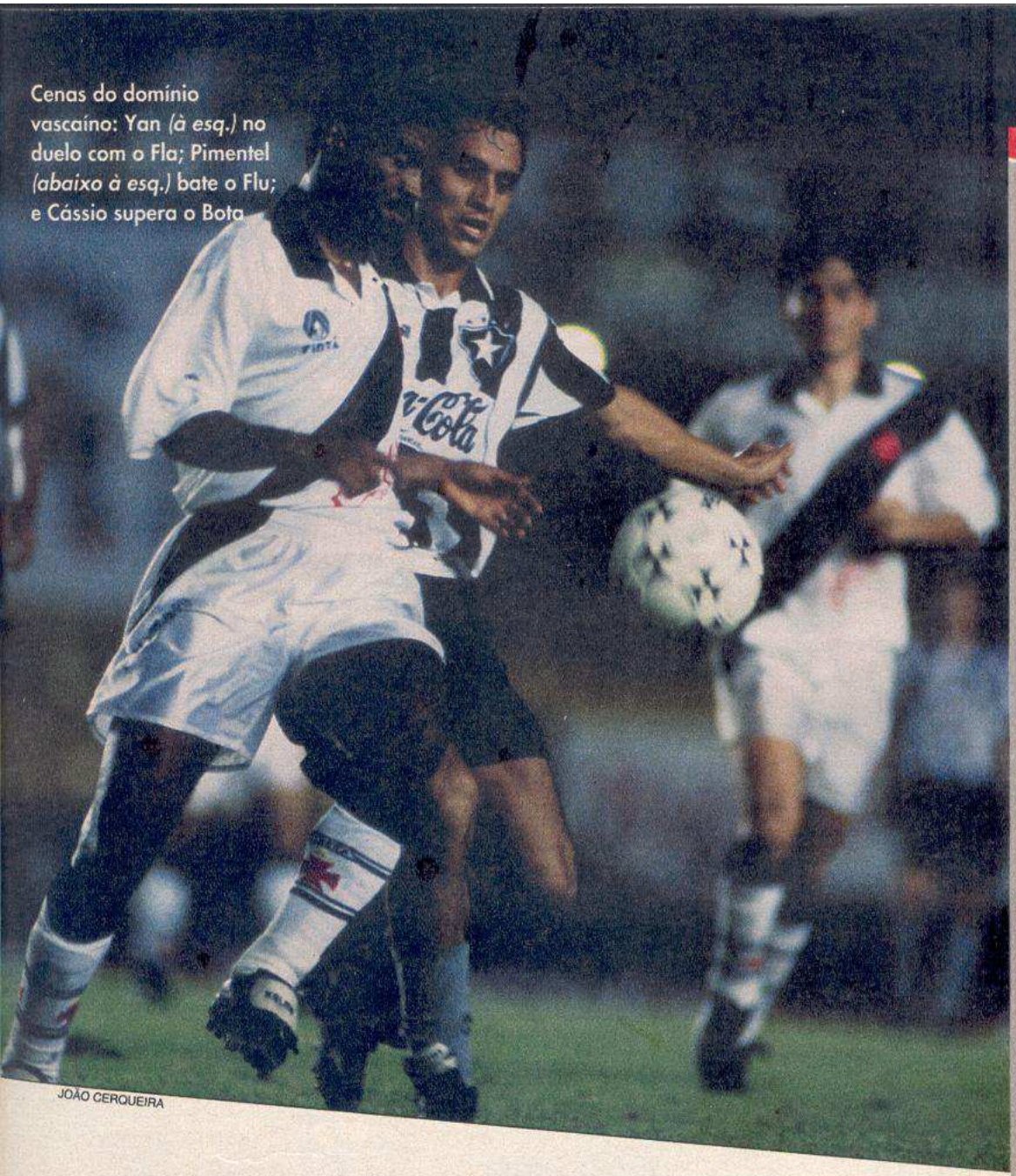
Obs.: o jogo-extra Vasco 4 x Fluminense 1, que decidiu a Taça Guanabara, não faz parte da campanha vascaína na conquistado título estadual de 1994. Os dois times conquistaram o direito de disputar a Taça por terem sido os vencedores em seus grupos na Primeira Fase do Campeonato Carioca.

15/maio/1994
***VASCO 2 X FLUMINENSE 0**

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Léo Feldman (RJ). **Cartão amarelo:** Ézio, Yan, Luís Henrique, Branco, Torres, Luís Antônio e Luisinho; **Gols:** Jardel 6 do 1º e 17 do 2º; **Renda:** CR$ 609 058 000; **Público:** 66 121
VASCO: Carlos Germano, Pimentel, Ricardo Rocha, Torres e Cássio; Leandro, Luisinho, William e Yan; Jardel e Valdir.
Técnico: Jair Pereira
FLUMINENSE: Ricardo Cruz, Alfinete, Rau, Luís Eduardo e Branco; Jandir, Cláudio (Lira intervalo), Luís Henrique e Luís Antônio; Mário Tilico e Ézio.
Técnico: Delei

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
17	11	5	1	24	8



Cenas do domínio vascaíno: Yan *(à esq.)* no duelo com o Fla; Pimentel *(abaixo à esq.)* bate o Flu; e Cássio supera o Bota

JOÃO CERQUEIRA

2 x 0 impostos pelo Fluminense. No domingo seguinte, seria a vez do tricolor fazer a final com os vascaínos. Foi uma decisão a três. Vencendo, o Vasco ganharia o tri. O Flu também precisa de uma vitória para conquistar o título. Já o empate daria o troféu aos flamenguistas de bandeja.

Quando o meia Yan perdeu um pênalti logo aos três minutos, a dupla Fla-Flu se animou. Mas aos seis, aproveitando cruzamento de Valdir, Jardel começou a sepultar as esperanças dos rivais: Vasco 1 x 0. Dominado, o Fluminense não assustava. E Jardel voltou a marcar aos dezessete do segundo tempo, com passe de William, que vestia a camisa 10 de Dener. No Maracanã, muitos tricolores começaram a tomar o caminho de casa mais cedo. Fora dele, milhares de rubro-negros desligaram seus radinhos de pilha e trataram de não pensar em futebol. Pelo menos enquanto o grito vascaíno de "tri-cam-pe-ão" perdurasse pelas ruas do Rio de Janeiro.

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Ricardo Rocha pára o rubro-negro Sávio: raça cruzmaltina

O COMANDANTE

Poucas vezes na história do futebol brasileiro houve caso de identificação tão imediata entre jogador, time e torcida. A impressão é que Ricardo Rocha e Vasco nasceram um para o outro. Afinal, em apenas quatro meses de clube, o tetracampeão mundial mostrou em campo a liderança que sempre marcou os grandes zagueiros vascaínos e conquistou um lugar eterno no melhor Vasco de todos os tempos, enquete promovida por PLACAR em sua edição de novembro (nº 1098). No Estadual, Ricardo encantou a torcida com sua garra e técnica e logo se transformou no grande comandante da campanha do tri. "Quando me contrataram, pensaram em alguém de peso, capaz de empurrar a equipe nos momentos difíceis. Cumpri essa missão graças ao apoio dos mais jovens", afirmou o jogador, que havia disputado o Campeonato Brasileiro de 1993 pelo Santos, ganhando a Bola de Prata de PLACAR. Seu empréstimo, de seis meses, custou 500 000 dólares, mas garantiu retorno imediato. Rocha assumiu a braçadeira de capitão de maneira inquestionável. Comandava a defesa, fazia o meio-de-campo correr e dava segurança aos atacantes. Tamanha presença em campo foi confirmada após o episódio da morte de Dener. Voltando da França, onde participou do amistoso entre a Seleção Brasileira e o Paris Saint-Germain (0 x 0), encontrou o time rendido e sem forças. A perda da invencibilidade diante do Flamengo (1 x 2), quatro dias depois, dimensionava a apatia da equipe. Então, o jogador de 32 anos reuniu o elenco e cobrou ânimo: "Devemos vencer o Campeonato para homenagear nosso amigo Dener." A derrota do Flamengo para o Fluminense por 2 x 0 foi o empurrão definitivo para a virada de ânimo. "Atropelamos o Flu. Nossa vitória de 2 x 0 foi tranqüila e justa", comemorou Rocha já com a faixa de campeão. "Senti muito orgulho em levantar a taça. Foi um momento especial na minha carreira."

VASCO - Tricampeão Car

Época 1992/93/94

PLACAR

Em pé: Ricardo Rocha, Carlos Germano, Alexandre Torres, Pimentel, Luisinho e Cássio; **agachados:** William, Leandro, Yan, Jardel e Valdir

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Com a marca da esperteza

Como uma raposa, o Cruzeiro explorou a confiança excessiva do Atlético para faturar uma taça que o Galo já considerava ganha

Ronaldo, bola dominada, dispara em direção ao gol adversário: terror para as defesas

FOTOS EUGENIO SAVIO

O título mineiro de 1994 teve sabor especial para o torcedor cruzeirense. Afinal, o Atlético fez grandes contratações e deixou sua galera com a certeza de que a conquista do Campeonato era certa. Não foi. Quem ganhou o título, invicto e com três rodadas de antecedência, foi o Cruzeiro. Uma vitória incontestável.

No começo da temporada, os atleticanos se reforçaram com nomes de peso, graças ao auxílio do ex-governador de Minas e deputado federal eleito Newton Cardoso, que prometeu emprestar 2 milhões de dólares ao clube. O presidente atleticano, Afonso Paulino, diz só ter recebido a metade. Mesmo assim contratou uma penca de jogadores famosos e rodados: o atacante Renato

O capitão Paulo Roberto ergue a taça de campeão: título invicto

O atacante Careca: parceiro de Ronaldo no infernal ataque que fez 59 gols em 22 partidas

Gaúcho (ex-Grêmio, Flamengo, Botafogo e Cruzeiro), o meia Neto (ex-Guarani, São Paulo, Bangu, Palmeiras e Corinthians), o lateral-direito Luís Carlos Winck (ex-Inter, Vasco, Grêmio e Corinthians), o centroavante Gaúcho (ex-Palmeiras e Flamengo), o zagueiro Adílson (ex-Cruzeiro e Inter), o meia Darci (ex-Grêmio e Santos), além do ponta Éder Aleixo (ex-Grêmio, Botafogo, Palmeiras e vários outros clubes), que voltou ao Atlético pela terceira vez. Jogadores que, esperava-se, levariam o clube ao título, ganho pela última vez em 1991.

Já a estratégia cruzeirense se baseou em contratações para as posições carentes: no gol, o jovem Dida; no meio-campo, o experiente Toninho Cerezo; e, no ataque, o veloz Catê. Na negociação com o ex-atleticano Cerezo, os cruzeirenses souberam tirar proveito de um erro do adversário. O Atlético pouco se empenhou em tê-lo de volta e o craque foi para a Toca da Raposa. Além disso, o Cruzeiro manteve o goleador Ronaldo durante o primeiro semestre. E ele atormentou as defesas.

No início da competição, enquanto as atenções se voltavam para o "Super Galo", o Cruzeiro agia como uma velha raposa. No primeiro jogo do Atlético, mais de 40 000 alvinegros compareceram ao Mineirão para testemunhar a pouco convincente vitória por 3 x 0 sobre o Valeriodoce. "Isso passa logo. É fogo de palha", profetizava Nelinho, então treinador do Cruzeiro, que trabalhava em silêncio. Mineiramente, o time acumulou vitórias até aplicar impiedosos 3 x 1 sobre o Atlético.

Num ano em que os complexos regulamentos foram trocados pela tradicional fórmula de pontos corridos, a diferença favorável ao Cruzeiro crescia a cada rodada. Enquanto os medalhões do Galo não se acertavam, o América (campeão de 1993) constatava que sem o ponta Euller, vendido ao São Paulo, o time não era o mesmo. E os cruzeirenses, avançavam. Sob o comando do experiente Ênio Andrade, que substituíra Nelinho, ado-

O ARTILHEIRO

EUGENIO SAVIO

O garoto Ronaldo: três gols numa partida contra o Galo

Quebrar recordes é a sina do garoto **Ronaldo**, que aproveitou o Campeonato Mineiro para alcançar novas e expressivas marcas. Primeiro, se tornou o terceiro jogador a marcar três gols num só Cruzeiro x Atlético, na vitória cruzeirense por 3 x 1 — antes, só o ex-ídolo atleticano Reinaldo e o uruguaio e ex-cruzeirense Revetria haviam balançado as redes adversárias três vezes no maior clássico mineiro. Depois, por terminar o Campeonato na liderança da artilharia, com 22 gols marcados em dezoito jogos, média de 1,22 por partida. Tudo isto aos 17 anos (fez 18 em 22 de setembro). Pena que os dólares do PSV Eindhoven o levaram para a Holanda. Restaram apenas as muitas histórias do menino-artilheiro para a torcida estrelada contar a quem não teve a felicidade de ver Ronaldo com a camisa azul. Entre as quais a dos três gols que até hoje servem de mote para que os cruzeirenses gozem os atleticanos.

FOTOS EUGENIO SAVIO

Cerezo, Cleison *(com um curativo na cabeça)*, Careca, Roberto Gaúcho e Ademir fazem a festa: papando um título que o Galo dava como certo

A classe de Toninho Cerezo: experiência que valeu meio time

tavam a velha estratégia de vencer em casa e, pelo menos, empatar fora. Deu certo. Tanto que a campanha foi invicta, mesmo com o time disputando, paralelamente, a difícil Taça Libertadores.

Já o Atlético tropeçava. Perdendo pontos, viu o time azul disparar. O Vila Nova, por exemplo, foi massacrado pelo Cruzeiro: 8 x 0. O América também não foi poupado: 6 x 1. "Acordamos tarde e não conseguimos nos aproximar deles", lamentou o ex-cruzeirense Renato Gaúcho, que afundava no barco alvinegro, enquanto o ex-atleticano Cerezo levava a equipe estrelada às vitórias. "Em alguns jogos, Cerezo foi meio-time", atesta Ênio Andrade. Assim, o Cruzeiro se tornou, de novo, campeão das Minas Gerais, o 25º título da história do clube e o 15º na era Mineirão. Uma conquista cinco estrelas.

A JORNADA DO CAMPEÃO

Villa Nova 2 x Cruzeiro 4
Cruzeiro 0 x Democrata 0
Cruzeiro 2 x Mamoré 0
Cruzeiro 4 x Valeriodoce 2
Atlético TC 0 x Cruzeiro 2
Alfenense 0 x Cruzeiro 3
Uberlândia 0 x Cruzeiro 1
Atlético 1 x Cruzeiro 3
Cruzeiro 2 x América 0
Patrocinense 1 x Cruzeiro 2
Cruzeiro 8 x Villa Nova 0
Mamoré 1 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 4 x Atlético TC 1
Cruzeiro 3 x Caldense 1
Valeriodoce 1 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 4 x Uberlândia 0
Cruzeiro 1 x Atlético 1
Cruzeiro 6 x América 1
Caldense 3 x Cruzeiro 5
Cruzeiro 1 x Patrocinense 0
Cruzeiro 2 x Alfenense 0
Democrata 0 x Cruzeiro 0
Obs.: Atlético TC= Atlético de Três Corações

***O JOGO DO TÍTULO**
11/maio/1994
CALDENSE 3 X CRUZEIRO 5
Local: Estádio Ronaldo Junqueira (Poços de Caldas); **Juiz:** Antônio William Gomes (MG). **Renda:** R$ 11 016; **Público:** 2 920; **Cartão amarelo:** Magu, Ademir, Cleison, Macalé e Roberto Gaúcho. **Gols:** Cleison 19, Macalé 42, Careca 44 do 1º; Fogueirinha 28, Magu 30, Cleison 32, Wantuir 44 e Catê 45 do 2º. **CALDENSE:** Zambaldi, Batista, Russo, Paulista e Romã; Dárcio, Ronaldinho (Magu), Fusquilo; Fogueirinha, Nildo e Zé Luís (Wantuir). Técnico: Aílton Lira. **CRUZEIRO:** Dida, Paulo Roberto, Célio Lúcio, Luizinho e Helinho; Ademir, Cerezo, Cleison; Macalé, Careca (Catê) e Roberto Gaúcho (Weberth). Técnico: Ênio Andrade.

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
22	17	5	0	59	15

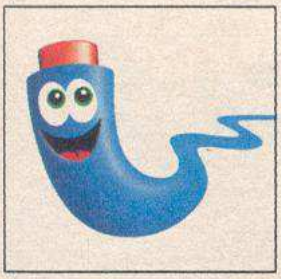
CRUZEIRO Campeão mineiro 1994

Em pé: Paulo Roberto, Dida, Célio Lúcio, Helinho, Luizinho e Cerezo; **agachados:** Ademir, Macalé, Ronaldo, Cleison e Roberto Ga

ZERO HORA

aúcho

REIPLAS. O FIO DO BRASIL.



A qualidade dos fios e cabos elétricos Reiplas é indiscutível. Fundada há 22 anos em São Paulo com capital 100% nacional, nascia uma pequena empresa com uma grande vocação: fornecer qualidade.

A Reiplas foi a primeira empresa do segmento de fios e cabos elétricos a obter o Certificado de Conformidade de Produtos em Setembro de 1991 e recentemente seus esforços e investimentos em qualidade resultaram no Certificado de Sistema da Qualidade - ISO 9000 - conferido pelo INMETRO, passando assim a integrar uma elite de empresas brasileiras com qualidade internacional.

Todas estas conquistas são fruto do trabalho dedicado e intenso de uma empresa que acredita e investe no Brasil, tendo como principal objetivo a satisfação de seus consumidores e clientes.

Exija Produtos com tecnologia de ponta a ponta. Exija Reiplas, o fio do Brasil.

REIPLAS
FIOS E CABOS ELÉTRICOS
TECNOLOGIA DE PONTA A PONTA.

Rua Francisco do Pilar nº 01 - CEP 05136-070
São Paulo - SP - Fax: (011) 261-5723 - Telex: 1163372
Serviço de Atendimento ao Consumidor: (011) 261-1737
PABX: (011) 831-4299

ESTAS CRIANÇAS ESTÃO PRECISANDO DE UM CARTÃO DE CRÉDITO.

O Unicef está lançando com a Credicard S.A. um cartão que vai deixar sua vida bem melhor. E a de milhares de crianças também. Com o Credicard MasterCard Unicef, a cada cartão emitido, a cada conta renovada e a cada compra que você fizer, uma porcentagem vai para o Unicef. E no final de cada ano, um balanço será emitido aos associados mostrando a aplicação do dinheiro. Você vai acabar ajudando as crianças sem gastar um centavo. Ou melhor ainda: gastando normalmente com você. Novo Credicard MasterCard Unicef. Não é só a sua vida que vai ficar melhor com ele.

NOVO CREDICARD MASTERCARD UNICEF.
O ATO DE COMPRA VIROU UM ATO DE AMOR.

O MUNDO QUER VOCÊ.

PARA SOLICITAR O SEU LIGUE:
0800 150505

O herói Galeano *(à dir.)*, com os reservas Veneza *(ao centro)* e Édson, abre o caminho para a taça: a Parmalat cria um novo gigante nos Pampas

A nova força que vem do sul

A Parmalat injetou dinheiro e talento no clube do interior gaúcho. O resultado foi uma bela campanha e o retorno à Primeira Divisão do Brasileiro

FOTOS EDSON VARA

Paulo Sérgio sobe contra o ataque goiano: força palmeirense a serviço dos gaúchos

Quando a multinacional italiana Parmalat anunciou, em agosto de 1993, o acordo de cogestão com o Juventude, da cidade de Caxias do Sul (RS), pouca gente deu importância. A empresa já parecia suficientemente vitoriosa e satisfeita com os resultados obtidos no Palmeiras e muitos acreditavam que o alviverde gaúcho serviria, no máximo, como uma ponte para enviar jogadores para São Paulo. De lá para cá, no entanto, 25 000 dólares passaram a entrar mensalmente nos cofres do Juventude, que ainda recebeu, por interferência da Parmalat, quatro jogadores emprestados pelo Palmeiras — os volantes Galeano e Júnior e os laterais Odair e Paulo Sérgio.

A Parmalat não parou aí. Disposta a reforçar ainda mais o elenco, a empresa levou para Caxias do Sul o atacante Mauricinho — ex-Guarani e Seleção Brasileira de Juniores — e o técnico Heron Ferreira, um carioca de 36 anos, ex-

auxiliar de Wanderley Luxemburgo no Bragantino, Flamengo e Guarani. Assim, quem duvidava que o acordo pudesse produzir vitórias, passou a comemorar o acerto da negociação em meados da segunda fase da Série B do Campeonato Brasileiro, quando a equipe deslanchou. Animada com a perspectiva de disputar a Primeira Divisão do Brasileirão depois de dezesseis anos — a última participação acontecera em 1979, em um torneio inchado por 96 clubes —, a diretoria até deixou de lado o Campeonato Gaúcho, priorizando a Segundona. A campanha do time ganhava dia-a-dia mais força. Foi assim que o clube garantiu uma vaga nas semifinais, vencendo a Ponte Preta de Campinas (SP) por 5 x 3, em Caxias do Sul.

O duelo seguinte aconteceu contra o Americano de Campos (RJ), time de coração do presidente da Federação do Estado do Rio de Janeiro, Eduardo "Caixa D'Água" Viana. O único receio dos gaúchos referia-se à influência política do dirigente, que poderia tentar beneficiar o Americano. Em campo, no entanto, prevaleceu o talento com a bola nos pés, e o Juventude deixou as semifinais com duas vitórias por 1 x 0. A primeira conquistada em Campos; a segunda, em Caxias do Sul.

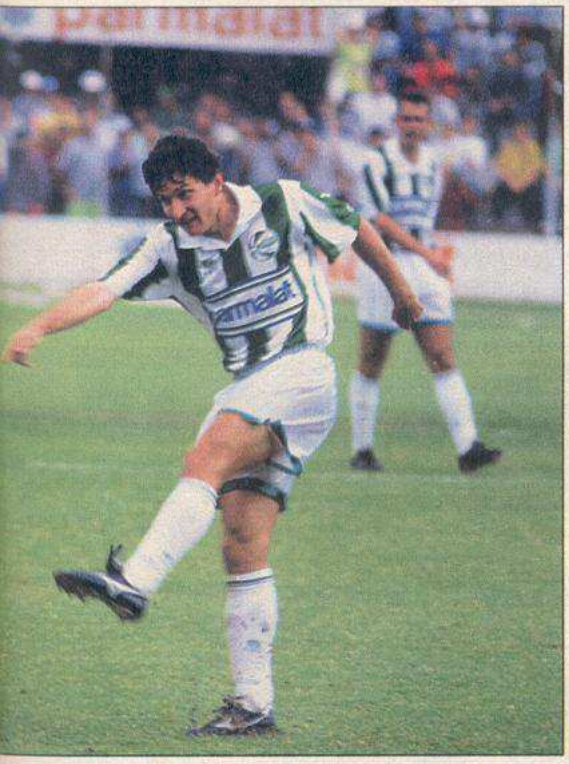
Àquela altura, o objetivo principal já havia sido alcançado. Com no mínimo o vice-campeonato assegurado, a equipe garantira presença na Primeira Divisão do Brasileiro. Mas nem assim o Juventude descansou. O passo seguinte era envergar a faixa de campeão da Segundona. No entanto, na primeira partida decisiva contra o Goiás, em Goiânia, o alviverde gaúcho tomou um susto: derrota por 2 x 1. A equipe tinha então que vencer em Caxias do Sul por qualquer marcador, já que possuía o maior número de pontos em todas as fases da competição.

Tudo pareceu ficar mais fácil depois do gol de Paulo Sérgio, aos 11 do primeiro tempo. Aos 42, porém, o atacante goiano Evandro despejou um balde de água fria sobre as pretensões gaúchas. Em vez de noventa minutos para tentar o gol da vitória, o Juventude passava a ter apenas 45. "No final, cada um queria resolver o jogo à sua maneira, na base do abafa", reconheceu o volante Júnior. Foi assim, porém, que o alviverde chegou a seu gol, aos 37 minutos do segundo tempo. Galeano aproveitou um cruzamento do lateral-direito Odair

O lateral Paulo Sérgio chuta para marcar o primeiro gol da decisão: faltava pouco para o título

FOTOS EDSON VARA

O ponta Mauricinho atormenta a defesa do Goiás pelo lado direito do ataque: velocidade para levar o Juventude de volta à Primeira Divisão



e concluiu para as redes, iniciando as comemorações no Estádio Alfredo Jaconi.

Durante o Campeonato, a torcida do Juventude trocou sua tradicional apatia por um ardoroso fanatismo. Um sentimento que proporcionou uma festa digna de um campeão brasileiro, mesmo que da Segunda Divisão. "Agora posso me sentir com o dever cumprido", desabafou o técnico Heron Ferreira. Afinal, foi ele o responsável por uma façanha capaz de fazer até mesmo a vitoriosa Parmalat propor um fortalecimento ainda maior da estrutura do time para 1995. Primeiro, reforçando o elenco. Depois, reaparelhando o clube com o mais moderno Departamento Médico do Rio Grande do Sul e remodelando parte do estádio. Mudanças que podem oferecer resultados ainda mais expressivos do que a já brilhante campanha do Juventude na Série B do Brasileiro: foram dezenove partidas, onze vitórias, quatro empates e quatro derrotas, 36 gols pró e 23 contra. Números que credenciam o clube gaúcho a outras surpresas e que prometem alegrias ainda maiores.

O ARTILHEIRO

Concluída a campanha da Série B do Brasileiro, o centroavante **Mário** Carlos Moraes Soares pode se orgulhar de levar um clube à Primeira Divisão pela terceira vez. Antes do Juventude, o camisa 9 levou o Guarani, em 1987, e o Bragantino, em 1989, ao Brasileirão. Dessa vez, no entanto, Mário foi além. Adaptou-se rapidamente à cidade situada na serra gaúcha, tornou-se o artilheiro do time (11 gols) e o principal ídolo da torcida. "Estava parado em Bragança e acho que acertei ao topar o desafio de vir para Caxias", garante o goleador. "Com time bom e entrosado não tem erro, tchê", afirma, forçando um sotaque gaúcho que ainda não adquiriu (Mário nasceu em Araguaína-GO). Seu orgulho maior, no entanto, é mesmo o de ter se tornado um especialista na Série B. Mário nem esconde a imodéstia. "Agora, já posso ser tratado de Rei da Segundona."

Mário (centro) ergue a taça e faz a festa: "Rei da Segundona"

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRA FASE
Tiradentes 0 x Juventude 3
Ponte Preta 2 x Juventude 1
Bangu 0 x Juventude 0
Juventude 2 x Ponte Preta 1
Juventude 2 x Bangu 2
Juventude 5 x Tiradentes 1
Coritiba 0 x Juventude 0
Mogi-Mirim 1 x Juventude 2
Juventude 0 x Mogi-Mirim 1
Juventude 1 x Coritiba 4

SEGUNDA FASE
Ponte Preta 0 x Juventude 1
Goiatuba 1 x Juventude 1
Atlético-PR 2 x Juventude 2
Juventude 4 x Atlético-PR 2
Juventude 2 x Goiatuba 0
Juventude 5 x Ponte Preta 3

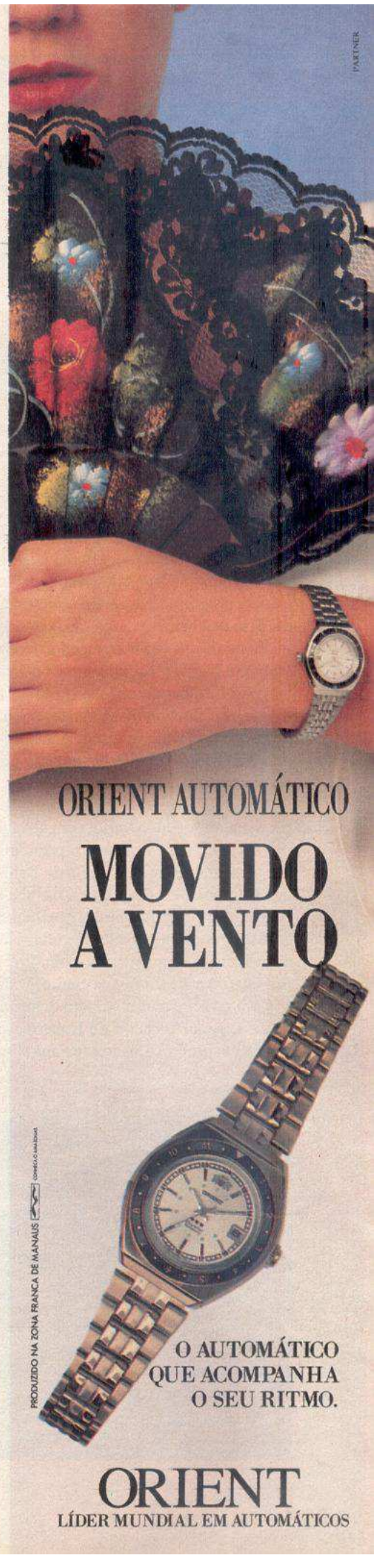
SEMIFINAIS
Americano 0 x Juventude 1
Juventude 1 x Americano 0

FINAIS
Goiás 2 x Juventude 1
★Juventude 2 x Goiás 1

★O JOGO DO TÍTULO
JUVENTUDE 2 x GOIÁS 1
Local: Alfredo Jaconi (Caxias do Sul); **Juiz:** Dalmo Bozzano (SC); **Renda:** R$ 36 556; **Público:** 10 127; **Gols:** Paulo Sérgio 11, Evandro 42 do 1º; Galeano 37 do 2º; **Cartão amarelo:** Mário, Paulo Sérgio, Reidner, Zé Teodoro e Márcio
JUVENTUDE: Isoton, Odair, Sandro, Paulo Marcelo e Paulo Sérgio; Galeano, Júnior e Julinho (Édson, intervalo); Mauricinho, Mário e Lauro. **Técnico:** Heron Ferreira
GOIÁS: Kléber, Zé Teodoro, Márcio, Richard (Émerson 36 do 1º) e Augusto; Reidner, Guará e Flávio; Paulinho (Marcelo Batista 38 do 2º), Baltazar e Evandro. **Técnico:** Wálter Nascimento

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
19	11	4	4	36	23



JUVENTUDE Campeão brasileiro da Segun

Em pé: Odair, Isoton, Paulo Marcelo, Sandro, Heron Ferreira (técnico) e Paulo Sérgio; **agachados:** Mauricinho, Galeano, Má

EDSON VARA

Mário, Júnior, Julinho e Lauro

Um time movido pela honra

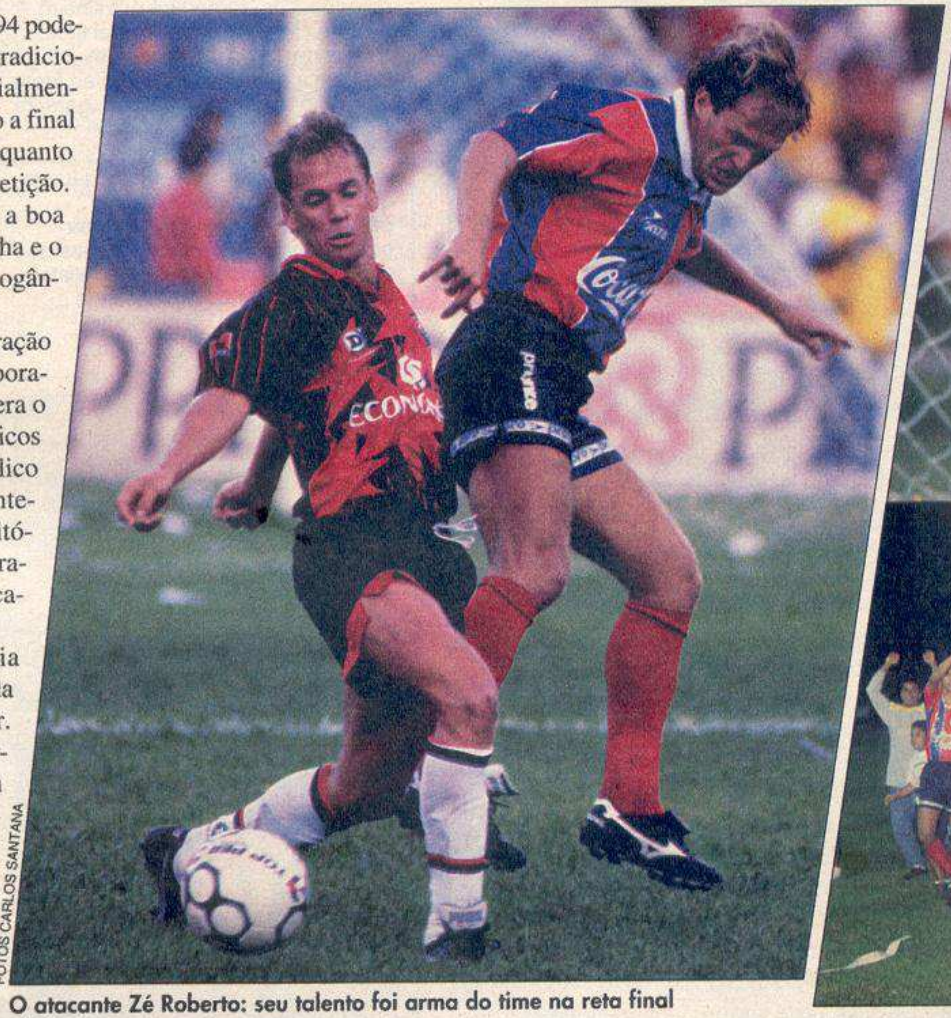
Mesmo começando mal, o tricolor deu a volta por cima e, estimulado pela rivalidade com o Vitória, pôs no peito a faixa do bi

Quem chegasse a Salvador no início de 1994 poderia sentir um clima diferente no ar. A tradicional rivalidade do futebol baiano estava especialmente acirrada. Motivo: o Vitória havia disputado a final do Brasileiro de 1993 contra o Palmeiras, enquanto o Bahia amargara o trigésimo lugar na competição. Assim, o time do Vitória queria provar que a boa campanha no Brasileiro não fora fogo de palha e o tricolor sonhava em acabar com a suposta arrogância do rival. Resultado: a Bahia pegou fogo.

Percebendo a força da rivalidade, a Federação Baiana programou doze Ba-Vis para a temporada. E se deu bem. O desejo de provar quem era o melhor colocou 445 000 torcedores nos clássicos da Fonte Nova, o equivalente a 66% do público total do Campeonato. Mas o Bahia, aparentemente, não tinha muitas chances contra o Vitória. Logo no primeiro turno, acabou massacrado pelo rival por 4 x 0. No entanto quem acabou levando o turno foi o Camaçari.

A vantagem do Vitória sobre o Bahia persistiu no segundo turno, com nova goleada por 4 x 0 e, desta vez, com o primeiro lugar. Foi o bastante para a diretoria do Bahia acordar. Cansado de humilhações, o clube trocou o treinador Artur Bernardes por Joel Santana e contratou dez jogadores, entre eles os experientes Odemílson (ex-Grêmio), Israel (ex-Olaria) e Raudinei (ex-Santo André).

Com os reforços mesclados a jogadores de casa, como Uéslei e Zé Roberto, além dos recém promovidos Jean e Paulo Emílio



FOTOS CARLOS SANTANA

O atacante Zé Roberto: seu talento foi arma do time na reta final

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Fase classificatória
Bahia 1 x Galícia 0
Bahia 4 x Camaçari 1
Vitória 4 x Bahia 0
Bahia 1 x Catuense 0
Fluminense 1 x Bahia 4
Semifinal
Bahia 0 x Vitória 0
Vitória 1 x Bahia 0
** Camaçari-vencedor do Primeiro Turno*

SEGUNDO TURNO
Fase classificatória
Catuense 1 x Bahia 0
Bahia 2 x Galícia 1
Bahia 1 x Fluminense 0
Bahia 0 x Vitória 4
Camaçari 0 x Bahia 0

Semifinal
Bahia 2 x River 1
River 0 x Bahia 0
Final
Bahia 1 x Galícia 0
Vitória * 1 x Bahia 0
**Vencedor do Segundo Turno*

TERCEIRO TURNO
Fase classificatória
Flumiense 2 x Bahia 3
Bahia 1 x Catuense 0
Bahia 2 x Camaçari 0
Bahia 1 x Galícia 0
Bahia 2 x Vitória 0

Semifinal
Vitória 0 x Bahia 1
Bahia 1 x Vitória 0

Final
Bahia 3 x Galícia 2
Bahia * 2 x Poções 2
** Vencedor do Terceiro Turno*

QUARTO TURNO
Fase classificatória
Bahia 0 x Catuense 0
Camaçari 0 x Bahia 2
Bahia 2 x Galícia 2
Bahia 2 x Vitória 0
Bahia 2 x Fluminense 0
Semifinal
Poções 0 x Bahia 0
Bahia 3 x Poções 0
Final
Bahia 1 x Catuense 1
Bahia* 2 x Vitória 0
** Vencedor do Quarto Turno*

FINAIS DO CAMPEONATO
Bahia 1 x Camaçari 0
Vitória 1 x Bahia 0
Camaçari 0 x Bahia 4
Bahia 1 x Vitória 1

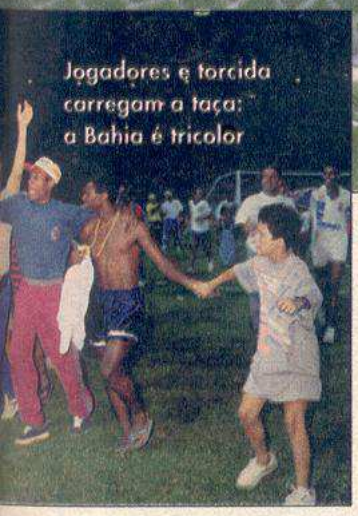
* ***O JOGO DO TÍTULO***
7/agosto/1994
BAHIA 1 X VITÓRIA 1
Local: *Fonte Nova (Salvador);* ***Juiz:*** *Márcio Rezende de Freitas (MG);* ***Renda:*** *R$ 226 905;* ***Público:*** *90 912;* ***Cartão amarelo:*** *China, Roger, Serginho, João Marcelo, Rodrigo e Raudinei;* ***Expulsão:*** *Gélson 44 do 1º e Souza 44 do 2º;* ***Gols:*** *Dão 43 do 1º e Raudinei 43 do 2º*

BAHIA: Jean, Odemílson Advaldo, Missinho e Serginho; Maciel (Raudinei 30 do 2º), Souza, Uéslei e Paulo Emílio; Zé Roberto (Naldinho 30 do 2º) e Marcelo. **Técnico:** Joel Santana
VITÓRIA: Roger, Rodrigo, João Marcelo (Gélson 35 do 2º), China e Roberto; Dourado, Giuliano e Ramon; Alex Alves, Dão e Pichetti (Fabinho 45 do 1º). **Técnico:** Sérgio Ramirez

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
38	23	9	6	53	26

Marcelo pressiona o goleiro Roger, do Vitória: decisão dramática



Jogadores e torcida carregam a taça: o Bahia é tricolor

(ambos de 21 anos), o tricolor decolou. A primeira prova disso aconteceu no terceiro turno. O time ganhou todos os cinco jogos da fase classificatória, venceu o Vitória nas semifinais e só empatou o último jogo da final contra o Poções, garantindo o primeiro lugar. A história repetiu-se no quarto turno, quando também assegurou o título. Assim, vencendo invicto o terceiro e o quarto turnos, chegou ao quadrangular decisivo com quatro pontos de bonificação.

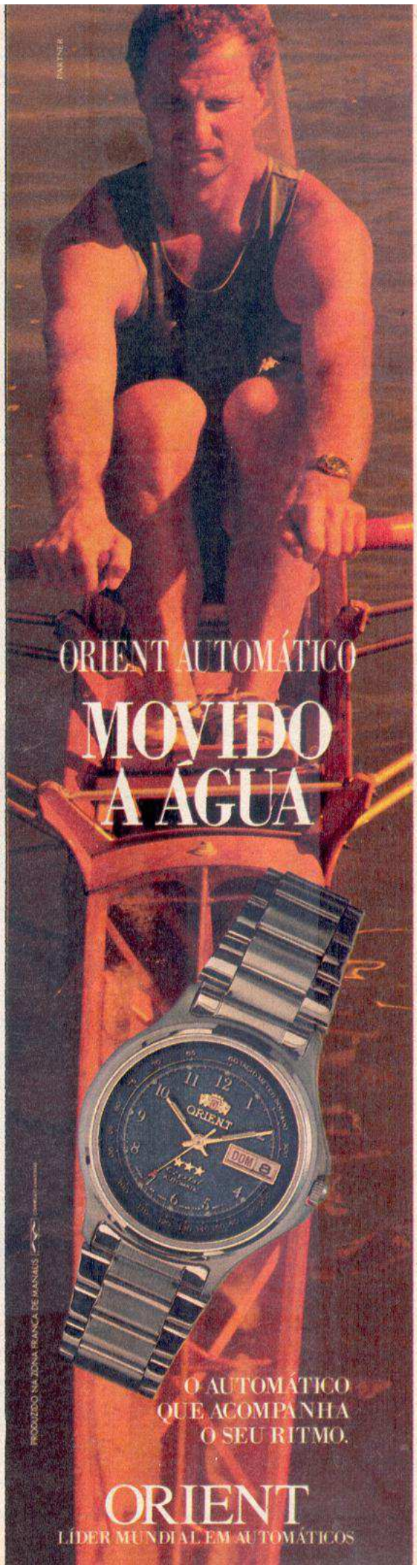
Com essa vantagem, o Bahia deu-se o luxo de ser derrotado no primeiro clássico do quadrangular e ainda chegou à última rodada precisando apenas de um empate contra o Vitória. Nem assim o Campeonato teve sua carga de dramaticidade diminuída. O Bahia perdia a partida até os 44 minutos do segundo tempo, quando Raudinei, que entrara aos 30, aproveitou um vacilo da defesa rubro-negra e concluiu para o gol. Com o grito do bicampeonato solto no ar, os trios elétricos tomaram conta das avenidas de Salvador. Afinal, o tricolor voltava a ser o gigante da Boa Terra.

O LÍDER

NICO ESTEVES

Uéslei: gols e raça com a mística do time

Técnica não é o seu forte. Mas na hora de entrar com mais vigor em uma dividida, ele jamais recuou. Por isso, **Uéslei** Raimundo Pereira (22 anos) tornou-se o maior ídolo da torcida do Bahia. "Ele encarna a mística da raça tricolor", diz Paulo Maracajá, ex-presidente do clube. Prova disso é que Uéslei também foi o recordista de jogos da equipe no Campeonato, participando de 36 das 38 partidas da campanha do título. E, de quebra, sagrou-se o principal goleador do time, ao lado do centroavante Marcelo, com oito gols.



BAHIA *Bicampeão baiano 1993/94*

PLACAR

CARLOS SANTANA

Em pé: Odemílson, Serginho, Missinho, Souza, Advaldo e Jean; **agachados:** Zé Roberto, Marcelo, Uéslei, Paulo Emílio e Israel

PROMOÇÃO

PLACAR

GANHE A HISTÓRIA DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Estes são os vencedores

. Daniel Prado Camargo (Limeira - SP)
. Patrícia Monteiro L. Guimarães (Olinda - PE)
. Suely Guedes (Engenheiro Beltrão - PA)
. Gabriel Campolina (Belo Horizonte - MG)
. Tiago Oliveira Santos (Araçatuba - SP)
. Thiago Marin Peres (Piracicaba - SP)
. Paulo Augusto Osório Carneiro (Volta Redonda - RJ)
. Fabrício Ciconi Tsutsui (Suzano - SP)
. Giseli Cristiani De Mari (São Vicente - SP)
. Rafael Lima e Silva (São Vicente - SP)
. Goncalo Soares Filho (Teresina - PI)
. Araciel Bosco Alves (São Paulo - SP)
. Rodrigo Limp Nascimento (Juiz de Fora - MG)
. Everton Zaccaria Nadalin (Jundiaí - SP)
. Andréa Paula S. Meneses de Paula (Brasília - DF)
. Aparecido Donizete da Silva (Ourinhos - SP)
. Diogo M. Porto (Indaiatuba - SP)
. Marco Antonio Tagliari (Campo Mourão - PR)
. Paulo Sérgio Heringer (Osasco - SP)
. Gilberto Leme Junior (Guarulhos - SP)
. Celso Teixeira Gonçalves (São Paulo - SP)
. Ted Feder (São Paulo - SP)
. Marcelo M. Hayashide (Londrina - PR)
. Rodrigo R. de Carvalho (São Paulo - SP)
. Flávio de França Leite (São Paulo - SP)
. Paulo Rafael de Aguiar Godoi (São José dos Campos - SP)
. Maria Inês D. Pereira (São Carlos - SP)
. Leonardo Vissotto dos Santos (São José dos Campos - SP)
. Fernando de C. Alves (Uberlândia - MG)
. Thiago de A.B. Nascimento (São Paulo - SP)
. Antonio Marcos Martins (Pinhão - PR)
. Milton Gomes Baptista Ribeiro (Rio de Janeiro - RJ)
. Zil Arquivo Futebolístico (Taubaté - SP)
. Janderlin Melo da Silva - (Ceará Mirim - RN)
. Luciene M. Calazans Bomfim (Salvador - BA)
. Silvia Elias Manhães (Larazinho - RS)
. Nildo Barbosa (Caçapava - SP)
. Fabio A. Susteras (São Paulo - SP)
. Christian Philbert Lane (Pindamonhangaba - SP)
. Elisabeth Rolim Gomes (Fortaleza - CE)
. Margareth Araújo (Sao Paulo - SP)
. Rodrigo Miguel Silva Sanches (São Caetano do Sul -SP)
. Tiago Taborda (Brasília - DF)
. Leonardo Vissotto dos Santos (São José dos Campos - SP)
. Joaquim Godoi Filho (São José dos Campos - SP)
. Sandra Hashiguchi (Pirapora - SP)
. Magno Rodrigues da Silva (São Paulo - SP)
. Thielly Cristian de Andrade (Belém - PA)
. Gabriel Barro Fiuza (São Paulo - SP)
. Rivaldo Ribeiro de Almeida (Aracajú - SE)

PARANÁ - BICAMPEÃO PARANAENSE

O novo papão do Estado

Em cinco anos de existência, o Paraná Clube desbancou a hegemonia dos rivais Coritiba e Atlético e já se tornou bicampeão estadual

FOTOS FELIPE CARPINELLI

Adoílson *(acima)* tenta vencer o zagueiro Márcio, do Londrina. No final do jogo *(destaque)*, a festa foi do bicampeão

Reza a cartilha do futebol paranaense que quando um clube chega ao seu bicampeonato, dificilmente deixa de se transformar no papão de títulos ao longo da década. A escrita começou nos anos 70, período em que o Coritiba conquistou não só o bi, mas o tri, o tetra, o penta e o hexacampeonato (1971 a 1976). Continuou com o Atlético — vencedor em 1982, 1983, 1985, 1988 e 1990. Agora, na reta final do Século XX, é o Paraná Clube quem quer continuar a tradição iniciada pelos rivais. E os primeiros passos já foram dados. Seguindo à risca a façanha dos coxas-brancas do Coritiba e dos rubro-negros do Atlético, o tricolor Paraná presenteou, este ano, sua torcida com o tão sonhado bi estadual.

Mas para chegar ao título, o time foi obrigado a driblar a crise que rondava o seu campo de jogo, o Estádio Durival de Britto Silva, na Vila Capanema. A forte pressão da torcida — cobrando um futebol cada vez mais competitivo e resultados sempre favoráveis — levou a equipe a mudar de técnico três vezes ao longo da temporada. Levir Culpi, que ocupava o cargo há um ano e meio, não suportou o desgaste com o elenco e caiu após a derrota de 1 x 0 para o Coritiba, a quarta sofrida no Campeonato. Seu substituto, o auxiliar-técnico Cleocir Santos, também não teve sorte e caiu depois de dois empates seguidos em casa. A solução, então, foi contratar o experiente treinador Rubens

A JORNADA DO CAMPEÃO

TURNO
Paraná 1 x Matsubara1
Apucarana 0 x Paraná 2
União 1 x Paraná 2
Paraná 4 x Toledo 0
Paraná 0 x Londrina 1
Cascavel 0 x Paraná 2
Coritiba 0 x Paraná 4
Paraná 1 x Grêmio 1
Paraná 2 x Atlético 0

RETURNO
Londrina 2 x Paraná1
Matsubara 2 x Paraná 1
Paraná 1 x Apucarana 0
Paraná 2 x União 1
Toledo 1 x Paraná 2
Paraná 2 x Cascavel 1
Paraná 0 x Coritiba 1
Grêmio 3 x Paraná 1
Atlético 0 x Paraná 1

SEMIFINAL
Turno
Paraná 2 x Batel 1
Cascavel 1 x Paraná1
Atlético 1 x Paraná 2
Returno
Batel 1 x Paraná1
Paraná1 x Cascavel 1
Paraná 0 x Atlético 0

FINAL
Turno
Paraná 0 x Atlético 0
Londrina 1 x Paraná 3
Paraná 2 x Coritiba 1
Returno
Atlético 2 x Paraná 2
★ Paraná 1 x Londrina 0
Coritiba 1 x Paraná 1

★ **O JOGO DO TÍTULO**
05/junho/1994
PARANÁ 1 x LONDRINA 0
Local: Estádio Érton Coelho Queiroz (Curitiba); **Juiz:** Carlos Jack Rodrigues Magno (PR); **Renda:** CR$ 64 130 000; **Público:** 12 826; **Gol:** Nei Júnior 44 do 2º
PARANÁ: Régis, Roberval, Marcão, Edinho Baiano e Denilson; Cássio, João Antônio, Adoílson e Luís Américo (Tadeu 12 do 2º); Claudinho (Paulo Miranda 39 do 2º) e Nei Júnior. **Técnico:** Rubens Minelli
LONDRINA: Júlio César, Cambé, Márcio Alcântara, Juliano e Marquinhos Santos; Amarildo (César 32 do 2º), Oséias, Alemão (Fabinho 28 do 1º) e Luciano; Agnaldo e Serginho Brasília. **Técnico:** Gainete

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
30	16	9	5	47	24

O líder e capitão João Antônio: lucidez em campo

Minelli, de 65 anos. Recordista de títulos brasileiros (Internacional, em 1975 e 1976, e São Paulo, em 1977) ao lado de Ênio Andrade (Internacional, em 1979, Grêmio, em 1981, e Coritiba, em 1985), Minelli desempenhou com brilho seu trabalho à frente do clube que já dirigira em 1990. A sequência de vitórias acalmou a torcida e encerrou de vez com as esperanças de Coritiba, Atlético e Londrina.

Na partida contra o Londrina, a penúltima do quadrangular derradeiro, o Paraná entrou em campo a fim de conquistar a faixa de campeão e evitar uma final contra o Coritiba. A lucidez, a técnica e a garra de jogadores como o centroavante Saulo e os meio-campistas João Antônio e Adoílson furaram a forte retranca do adversário. Em todo o jogo, o tricolor somou duas míseras chances de abrir o marcador. Uma no pênalti desperdiçado pelo próprio Adoílson e outra na cabeçada do atacante Nei Júnior, que deu a vitória e o título ao tricolor, aos 44 minutos do segundo tempo.

A dramática vitória de 1 x 0 bastou para enterrar as chances dos rivais e dar início à festa vermelha, azul e branca que tomou conta das ruas de Curitiba. O título deixou os torcedores tão confiantes que, agora, gostam de ironizar dizendo que já está ficando chato ser tricolor, tamanha a facilidade em ganhar títulos. Em cinco anos de existência, o Paraná Clube já faturou três Estaduais (1991, 1993 e 1994) e sagrou-se campeão da Segunda Divisão do futebol brasileiro em 1992. Este ano, ainda se deu ao luxo de terminar a temporada com quatro pontos à frente dos adversários. "Nosso segredo foi acreditar que tínhamos a melhor equipe da competição", contou o treinador Rubens Minelli, que, mesmo acostumado às vitórias, ficou muito emocionado com mais um título em sua carreira.

O ARTILHEIRO

RONALDO KOSTICHO

O artilheiro Saulo: 71 gols com a camisa do tricolor

Depois de uma passagem pouco convincente por Guarani e Palmeiras, o atacante **Saulo** retornou ao Paraná disposto a não mais polemizar com o técnico Levir Culpi — motivo que o afastou do clube em 1993. Mesmo sem lembrar 1992, quando foi o artilheiro do Estadual com 18 gols e do Brasileirão (Segunda Divisão) com 12, o mineiro Saulo da Fé de Freitas se firmou como o artilheiro da equipe na campanha do título (nove gols em vinte partidas). A regularidade em marcar gols também o transformou no maior artilheiro que o Paraná Clube já teve. Ao encerrar a campanha do bi, o time tricolor contabilizava 364 tentos nos seus cinco anos de existência. Ao todo, 71 com a assinatura de Saulo.

ESTAÇÃO DO ESPORTE
ARTIGOS ESPORTIVOS

A PARADA OBRIGATÓRIA DO ESPORTISTA

ESTAÇÃO DO ESPORTE
onde você encontra mais de 25.000 itens a sua inteira disposição.

ESTAÇÃO DO ESPORTE tem as mais renomadas grifes, Nacionais e Internacionais como:

ADIDAS, FILA, GUCCI, HEAD, NEW BALANCE, REEBOK, MIZUNO, PIERRE CARDIN, BALLANTINE'S, etc...

ESTAÇÃO DO ESPORTE, A LOJA QUE VENDE NO VAREJO COM PREÇO DE ATACADO

LOJA 01
RUA JUVENTUS, 337 - LOJA 07
CEP 3124-020 - TELEFAX 591-3822
MOOCA - SÃO PAULO - SP
LOJA 02
RUA PARÁ, 26 - CEP 09510-130
TELS.: 744-1970/453-6888
CENTRO SÃO CAETANO DO SUL - SP
LOJA 03
SHOPPING PLAZA SUL
2º PISO - LOJA 317
TELS.: 577-6655 - SÃO PAULO - SP
AMPLO ESTACIONAMENTO

Apresente este anúncio na compra de qualquer artigo e ganhe um brinde

PARANÁ Bicampeão paranaense 1993/94

Em pé: Denílson, Régis, Edinho Baiano, Marcão, Cássio, e Roberval; **agachados:** Luis Américo, Macalé, João Antônio, Adoíls

FELIPE CARPINELLI

on Claudinho e Ney Júnior

Um título que vale dois

Além de colocar a faixa no peito, o rubro-negro forçou o rival Náutico a amargar o quarto vice-campeonato seguido

A torcida do Sport, que dependia de um simples empate para conquistar o Campeonato, chegou à Ilha do Retiro mais entusiasmada do que nunca, sem se importar sequer com a abertura da Copa do Mundo, programada para a tarde seguinte. Afinal, naquela noite de 16 de junho, nada poderia superar a emoção de ganhar o Estadual e, de quebra, relegar o arquirrival Náutico ao quarto vice-campeonato consecutivo.

O meia Gilberto Gaúcho vence seu marcador: desmonte do adversário

A superioridade rubro-negra era inquestionável. Em 39 partidas disputadas até a decisão, a equipe vencera 24 e perdera apenas cinco. Verdade que para chegar à finalíssima, o Sport precisou superar dificuldades. Venceu o primeiro turno, mas sofreu derrotas inesperadas no segundo. Os dirigentes acabaram por demitir o técnico Nereu Pinheiro, responsável pela promoção de uma geração promissora de juniores, como os meias Juninho e Chiquinho.

Para substituí-lo, a escolha recaiu sobre Givanildo Oliveira, que já havia levado o clube ao título pernambucano de 1992. Não houve tempo, porém, de evitar a vitória do Náutico no segundo turno. Mas, na decisão, a vitória rubro-negra era uma certeza. Principalmente depois do primeiro jogo das finais, vencido pelo Sport por 1 x 0. Com a vantagem do empate, a equipe adotou a estratégia do contra-ataque. Sem outra alternativa, o Náutico partiu para a frente. Era tudo o que o Sport precisava para desmontar o adversário. Logo aos 13 do primeiro tempo, o atacante Fábio fulminou o goleiro Marco Aurélio (1 x 0). Aos 43 minutos do segundo, foi a vez do meia Chiquinho vencer o zagueiro Sérgio com dois dribles antes de chutar no canto direito (2 x 0). "Nem acreditei que éramos campeões e, ainda por cima, com um gol meu", festejou Chiquinho. A conquista representou o amadurecimento de uma geração de garotos talentosos que promete dominar o futebol pernambucano pelo resto da década. "O título foi muito importante para os meninos", assegura Givanildo. Um sinal, de que os rubro-negros ainda podem esperar alegrias por muito tempo.

FOTOS SOLANO JOSE

A festa dos garotos do Sport: alegria para o resto da década

O CAPITÃO

O homem-chave da campanha vitoriosa do Sport foi o atacante Sebastião Cândido da Silva, o **Zinho,** 27 anos. Suas arrancadas em diagonal, por trás dos defensores, se transformaram na maior arma para os contra-ataques do time. "A forma de jogar do Sport valoriza o meu futebol", admite o camisa 9. Natural de Picuí (PB), Zinho não só envergou a braçadeira de capitão como também se consagrou como o artilheiro da equipe com dezesseis gols. No Campeonato, o jogador também cultivou o saudável hábito de infernizar zagueiros com dribles rápidos e desconcertantes — qualidade que o atacante costuma aperfeiçoar depois dos treinos, ensaiando jogadas sozinho. "Para quem era cobrador de ônibus, chegar aonde cheguei, só mesmo pela graça de Deus", prefere justificar.

Zinho: de cobrador de ônibus a artilheiro

NICO ESTEVES

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Sport 2 x Estudantes 0
América 0 x Sport 5
Vitória 0 x Sport 5
Sport 2 x Náutico 1
Sport 1 x Destilaria 0
Santa Cruz 0 x Sport 0
Sport 1 x Central 0
Santa Cruz 0 x Sport 2
Central 1 x Sport 0
Náutico 2 x Sport 1
Sport 4 x Vitória 0
América 0 x Sport 1
Sport 2 x Santa Cruz 1
Vitória 2 x Sport 2
Sport 3 x Central 0
Sport 6 x América 0
Santa Cruz 0 x Sport 0
Sport* 1 x Náutico 0
** Campeão do Primeiro Turno*

SEGUNDO TURNO
Porto 3 x Sport 1
Destilaria 0 x Sport 2
Sport 2 x Vitória 2
Sport 4 x Ypiranga 0
Náutico 1 x Sport 0
Estudantes 1 x Sport 3
Sport 4 x América 0
Central 0 x Sport 1
Sport 1 x Santa Cruz 0
Sport 1 x Vitória 1
Sport 0 x Náutico 1
Santa Cruz 0 x Sport 2
Sport 2 x Central 0
Porto 1 x Sport 1
Vitória 0 x Sport 0
Náutico 2 x Sport 2
Sport 4 x Santa Cruz 1
Central 0 x Sport 0
Sport 1 x Porto 0
Santa Cruz 0 x Sport 0
** Náutico campeão do Segundo Turno*

FINAIS
Náutico 0 x Sport 1
★ Sport 2 x Náutico 0

★ **O JOGO DO TÍTULO**
16/junho/94
SPORT 2 X NÁUTICO 0
Local: Ilha do Retiro (Recife); **Juiz:** Wilson Souza Mendonça (PE); **Renda:** Cr$ 185 030 000; **Público:** 33 144; **Gols:** Fábio 13 do 1º; Chiquinho 43 do 2º; **Cartão amarelo:** Sérgio, Bizu, Fernando e Léo (Náutico)

SPORT: Jéfferson, Givaldo, Gílton, Adriano e Dario; Borçato, Chiquinho, Gilberto Gaúcho e Juninho (Lima 25 do 2º); Zinho e Fábio (Léo 30 do 2º). **Técnico:** Givanildo Oliveira

NÁUTICO: Marco Aurélio, Jecimar, Guinei, Araújo e Sérgio; Lúcio Surubim, Fernando (Léo 20 do 2º) e Catende (Paulo Leme 27 do 2º); Naílson, Bizu e Alex. **Técnico:** Gílson Nunes

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
40	25	10	5	72	20

SPORT Campeão pernambucano 1994

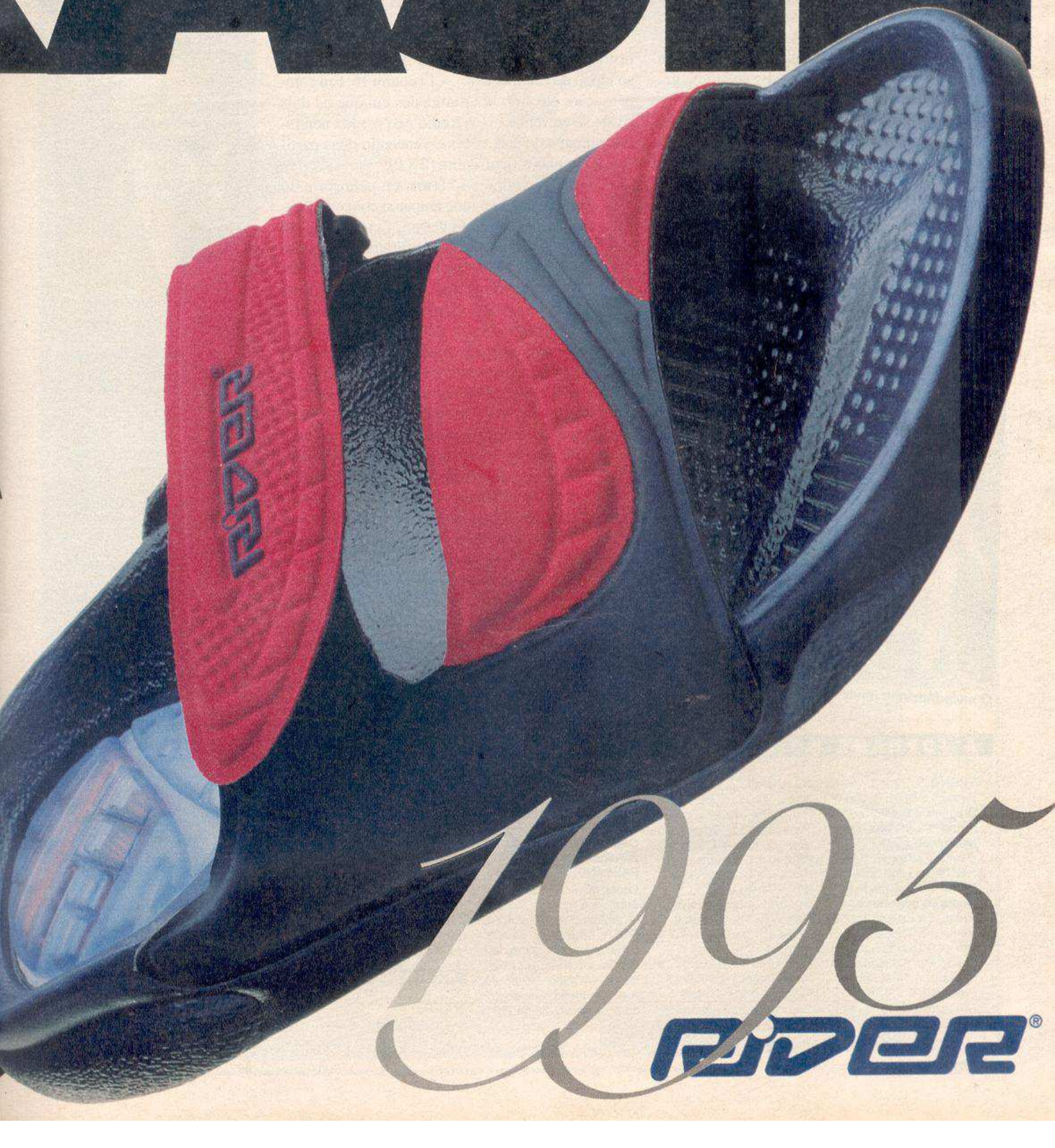
PLACAR

SOLANO JOSE

Em pé: Givaldo, Borçato, Gílton, Adriano, Dario e Jéfferson; **agachados:** Zinho, Gilberto Gaúcho, Juninho, Chiquinho e Fábio

O BR
DÁ
PÉ

RASIL



1995

RIDER®

VW/Brasil

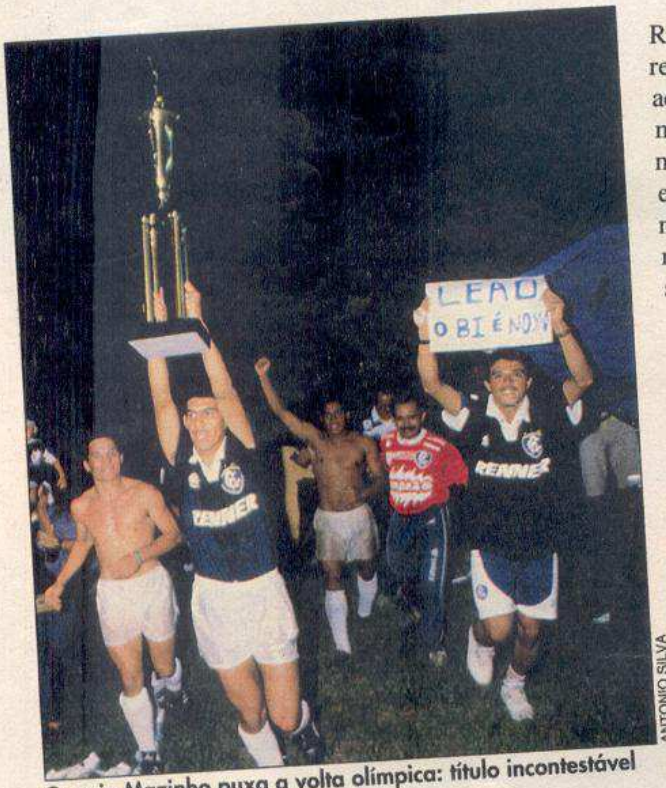
REMO - BICAMPEÃO PARAENSE

Acima de qualquer discussão

Na conquista do bicampeonato paraense, o Remo supera o Paysandu dentro e fora de campo, nocauteando o rival sem qualquer apelação

Nenhum dos oito participantes do Campeonato Paraense fez tantos gols quanto o Remo — 51, catorze deles através de Alex, o artilheiro da competição. Também ninguém se defendeu melhor — apenas doze gols sofridos, graças principalmente às atuações de Clemer, o goleiro menos vazado do Estadual. Até nas arquibancadas, o Leão Azul, como os remistas gostam de se referir ao time, manteve a supremacia com a média de 5 648 torcedores por jogo, contra 5 223 da torcida do Paysandu.

Como um duvidoso prêmio de consolação, só restou ao Paysandu ter o maior número de vitórias ao longo do Campeonato — 17 contra 16. Em compensação, nas oito oportunidades em que os dois rivais se enfrentaram, o Remo não perdeu nenhuma, empatando seis vezes e vencendo duas partidas, entre elas a finalíssima (2 x 0).



ANTONIO SILVA

O meia Mazinho puxa a volta olímpica: título incontestável

Os torcedores só temeram pela sorte do Remo quando o time empatou com o Pinheirense, no Segundo Turno. O técnico Tata acabou caindo, sendo substituído provisoriamente pelo supervisor técnico do clube, Fernando Oliveira. Nos últimos três jogos a equipe foi dirigida pelo treinador Waldemar Carabina, que, além de conquistar o bi, manteve o tabu de jamais perder para o Paysandu no comando do Remo.

A vitória final foi consagradora. Os dois golaços de Alex que garantiram o título aconteceram em momentos decisivos da partida. O primeiro deles, aos sete minutos do segundo tempo, nasceu de uma tabela entre o centroavante, Júnior e Tarcísio. Alex ainda enganou o zagueiro Luís Fernando com uma ginga e chutou forte, no ângulo. O Paysandu balançou, mas não caiu. A queda só se deu aos trinta minutos. O artilheiro percebeu o goleiro adiantado e tocou por cobertura, de longa distância. Um golaço. O Paysandu estava nocauteado. A festa do bi varou a madrugada numa grande euforia dos torcedores do Leão Azul, que papou, assim, mais um título incontestável.

A JORNADA DO CAMPEÃO

TURNO
Remo 5 x Sport Belém 0
Bragantino 0 x Remo 1
Remo 1 x Pinheirense 0
Marituba 0 x Remo 2
Remo 3 x Tirandentes 0
Remo 0 x Tuna Luso 0
Remo 0 x Paysandu 0
Quadrangular decisivo
Remo 3 x Bragantino 0
Remo 1 x Tuna Luso 1
Remo 0 x Paysandu 0
Tuna Luso 1 x Remo 4
Bragantino 1 x Remo 1
Paysandu 0 x Remo* 0
**Vencedor do Turno*

RETURNO
Remo 4 x Marituba 1
Remo 3 x Tiradentes 0
Tuna Luso 1 x Remo 0
Sport Belém 0 x Remo 2
Paysandu 1 x Remo 2
Remo 0 x Pinheirense 0
Bragantino 0 x Remo 1
Quadrangular decisivo
Remo 1 x Tuna Luso 0
Remo 8 x Sport Belém 0
Remo 1 x Paysandu 1
Tuna Luso 1 x Remo 1
Sport Belém 1 x Remo 2
Paysandu* 2 x Remo 2
**Vencedor do Returno*

FINAIS
Remo 1 x Paysandu 1
★ Paysandu 0 x Remo 2

★ **O JOGO DO TÍTULO**
21/julho/1994
PAYSANDU 0 x REMO 2
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** José Ribamar Ferreira de Araújo (PA); Renda: R$ 20 876; **Público:** 11 453; **Gols:** Alex 7 e 30 do 2º; **Cartão amarelo:** Luís Fernando, Marcelo, Belterra e Alex; **Expulsão:** Cláudio (32 do 2º) e Mauro (38 do 2º).

PAYSANDU: Oscar, Marcos, Augusto, Luís Fernando e Cláudio; Oberdan (Dutra 15 do 2º), César e Rogerinho; Edmílson, Kel (Sandro 10 do 2º) e Nenê Santarém. **Técnico:** Bira
REMO: Clemer, Marcelo, Belterra, Flávio e Júnior; Cléberton, Mazinho e Mauro; Helinho (Papelin 15 do 2º), Alex e Tarcísio (Jean 36 do 2º). **Técnico:** Waldemar Carabina

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
28	16	11	1	51	12

O ARTILHEIRO

ANTONIO SILVA

Alex, o matador da final, hoje, faz gols na Europa

No Remo, centroavante que não faz gol contra o Paysandu está sempre em débito com a torcida. Este era o drama de **Alex,** 22 anos, o goleador do time azulino e uma das principais estrelas do Campeonato. Mas o destino resolveu brindá-lo justamente na grande final. Alex fez os dois gols da vitória remista, levando o time ao bi e se firmando como principal artilheiro da competição (catorze gols). A bela exibição acabou sendo uma despedida em grande estilo já que, após a consagração em Belém, o artilheiro se transferiu para o Boavista, de Portugal. "É a minha chance de fazer a independência financeira", justificou o jogador, como que se desculpando. Nascido em Rio Brilhante (MS), Alex Dias de Almeida não esperava se transferir para o exterior quando chegou ao Remo. "Sonhava apenas jogar em algum time grande do Sul do país. Indo para a Europa, estou realizado", confessou o herói do título, que hoje continua a fazer seus gols, só que com a camisa quadriculada do time português.

REMO Bicampeão paraense 1993/94

PLACAR

ANTONIO SILVA

Em pé: Clemer, Belterra, César, Flávio e Marcelo; **agachados:** Helinho, Mazinho, Alex, Júnior, Cléberton e Tarcísio

A grande festa da rivalidade

O time de Ariquemes conquista seu segundo título, alcança o rival Ji-Paraná e inaugura a maior rixa de Rondônia

O goleiro Marcão evita o gol na cabeçada do atacante Fábio: por pouco o Ariquemes não marca o segundo contra o Ji-Paraná

FOTOS MENDES

Quando se iniciou a temporada de 1994 do Campeonato Rondoniano, os entusiastas do futebol profissional no Estado voltaram todas as atenções para além das fronteiras de Porto Velho. Afinal, se as equipes da capital ainda davam pouca importância para a competição, a rivalidade tomava conta dos dois principais clubes do interior. De um lado, o Ji-Paraná, bicampeão em 1991/92. Do outro, o Ariquemes, vencedor em 1993. A luta pela hegemonia do futebol em Rondônia pegou fogo.

Ao final do primeiro turno, no entanto, um fato atemorizou os torcedores das duas maiores potências do futebol local. Com campanhas discretas, tanto Ariquemes quanto Ji-Paraná haviam sido superados pelo Flamengo, de Porto Velho. Preocupada, a diretoria do Ariquemes resolveu se mexer. Começou contratando o técnico gaúcho Jaime Smith, que trouxe consigo o centroavante Fábio, uma jovem revelação do Internacional. Além dele, chegaram o goleiro Wanderley, os meias Kruger e Biro-Biro, além dos atacantes Pirilo e Neizinho, todos contratados ao Sorriso-MT.

Com os reforços, o time conquistou o título do segundo turno mostrando um ataque avassalador, capaz de marcar quinze gols em seis jogos, uma média de 2,5 por partida. Assim, garantiu a participação no quadrangular decisivo, ao lado de Flamengo, Ji-Paraná e Pimentense — os dois últimos classificados pelo índice técnico. Na reta de chegada, na qual entrou com um ponto de bonificação por ter conquistado um dos turnos, o Ariquemes voltou a enfrentar problemas. Nos cinco primeiros jogos, a equipe sofreu duas derrotas, exatamente para Ji-Paraná e Flamengo.

Mesmo assim, as duas vitórias contra o Pimentense, além dos 2 x 0 contra o Flamengo, no quadrangular, permitiram ao Ariquemes chegar à finalíssima contra o Ji-Paraná precisando só de um empate. Mas nem precisou utilizar a vantagem. Venceu por 1 x 0 e conquistou a taça. Melhor: igualou-se ao rival em número de títulos. Bom para o futebol de Rondônia que, em 1995, verá uma rivalidade ainda maior, quando valerá tudo pelo primeiro tri da história.

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Palmares 0 x Ariquemes 0
Ariquemes 2 x Vilhena 0
Ji-Paraná 2 x Ariquemes 0
Vila Nova 0 x Ariquemes 1
Ariquemes 2 x Flamengo* 3
Pimentense 1 x Ariquemes 0
**Vencedor do Primeiro Turno*

SEGUNDO TURNO
Ariquemes 3 x Palmares 0
Vilhena 0 x Ariquemes 4
Ariquemes 0 x Ji-Paraná 0
Ariquemes 5 x Vila Nova 0
Flamengo 1 x Ariquemes 0
Ariquemes* 3 x Pimentense 0
**Vencedor do Segundo Turno*

QUADRANGULAR FINAL
Pimentense 0 x Ariquemes 1
Flamengo 1 x Ariquemes 0
Ji-Paraná 2 x Ariquemes 1
Ariquemes 6 x Pimentense 0
Ariquemes 2 x Flamengo 0
★ Ariquemes 1 x Ji-Paraná 0

★ **O JOGO DO TÍTULO**
ARIQUEMES 1 x JI-PARANÁ 0
Local: Gentil Valério (Ariquemes); **Juiz:** Lourival Domingos Lopes; **Renda:** (não fornecida); **Público:** (não fornecido); **Gol:** Pirillo 43 do 1º; **Cartão amarelo:** Murilo, Fábio, Dos Santos, Antônio Carlos, Roberto Jaú, Marcão, Wanderley e Carlos André
ARIQUEMES: Wanderley, Silva, Pinela, Murilo e Émerson (Zé Roberto); Pablo, Kruger (Jean) e Biro-Biro; Neizinho, Fábio e Pirillo. **Técnico:** Jaime Smith
JI-PARANÁ: Marcão, Dos Santos, Batista, Cocão e Antônio Carlos; Paulinho, Roberto Jaú e Válber (Carlinhos); Quarentinha, Júlio César e Wendell (Carlos André). **Técnico:** Wilson Coutinho

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
18	10	2	6	31	10

ARTILHEIRO

Fábio Fermiano Fidélis chegou ao Ariquemes depois de ser promovido dos juniores do Inter gaúcho, onde esbarrou na concorrência de Paulinho — ex-Santos e titular da Portuguesa no Brasileiro de 1994. Disputou apenas dez partidas pelo Ariquemes, mas marcou doze gols. Virou goleador do time e ídolo da galera. "Agradeço ao técnico Jorge Smith, que me trouxe para cá", comenta. Mas, considerando encerrado seu ciclo em Rondônia, espera agora retornar ao Inter, para fazer ainda mais sucesso do que conseguiu no Ariquemes.

Fábio: gols com talento gaúcho

ARIQUEMES Bicampeão rondoniano 1993/94

PLACAR

MENDES

Em pé: Wanderley, Zé Roberto, Jean, Alex, Pinela, Murilo, Émerson e Silva; **agachados:** André, Biro-Biro, Neizinho, Fábio, Kruger, Pirilo Pablo e Dalmo

RIO BRANCO - CAMPEÃO ACREANO

A taça é novamente do melhor

Clube mais bem estruturado do Acre, o Rio Branco investiu 40 000 reais em reforços e reconquistou um título que lhe fugia desde 1992

O sexto campeonato profissional da história do Acre começou com uma dúvida: por que, mesmo possuindo indiscutivelmente a melhor estrutura do futebol local, o Rio Branco perdera o título de 1993 para o pobre Independência? O fracasso atormentava os torcedores e, por uma questão de honra, o clube não abria mão de pôr a faixa no peito este ano, alcançando o rival Juventos na façanha de erguer a taça pela segunda vez (o time fora campeão em 1992, sendo que o Juventus ganhou em 1989/90).

Para garantir a conquista, o Rio Branco não poupou esforços. Investiu 40 000 reais na contratação de jogadores como o meio-campista Douglas (dispensado dos juniores do Santos-SP no início do ano) e o antigo ídolo Kloswbey, goleiro revelado no clube, mas que defendeu o Atlético Acreano na temporada passada.

A perda do Primeiro Turno para o Juventus, no entanto, quase pôs tudo a perder. Abatido, o técnico Nino pediu demissão e só não deixou o cargo graças aos apelos dos jogadores. "Seria muito mais difícil nos entrosarmos mudando de treinador no meio da temporada", argumentou o centroavante Palmiro. O elenco estava certo. Uma goleada por 3 x 0 contra o mesmo Juventus marcou o início da reação. A vitória devolveu a confiança à equipe que, nas rodadas seguintes, garantiu a conquista do Segundo Turno. Para melhorar, o Rio Brando repetiu a façanha no Terceiro Turno, entrando na decisão contra o Juventus com a vantagem do empate.

Na finalíssima, havia mais do que a taça em disputa. Junto com Rio Branco e Juventus, entrava em campo a maior rivalidade do futebol acreano. Para tornar a partida ainda mais emocionante, os dois lutavam para manter pequenas escritas. O Juventus sonhava continuar com o recorde de títulos do estado; o Rio Branco queria prolongar o jejum de quatro anos do rival. "Tínhamos uma vontade muito grande de vencer, principalmente enfrentando o Juventus na final", conta o zagueiro Edimauro. Mas o time nem precisou ganhar o jogo. Confiando na boa atuação da defesa e principalmente na do goleiro Kloswbey, o Rio Branco manteve o marcador de 0 x 0 e saiu de campo com o título. Mais do que isso, igualou com o rival, conquistando dois títulos de campeão na história recente do futebol do Acre.

FOTOS AGENOR MARIANO

Palmiro, Douglas e Testa comandam as comemorações: igualando o rival

O ARTILHEIRO

Por ser oriundo das divisões inferiores do Rio Branco, o centroavante **Palmiro** Alves Ferreira Filho sempre contou com o apoio da torcida. A única exceção aconteceu em 1989, quando, ainda júnior, trocou o clube pelo Atlético Acreano. Bastou uma temporada, no entanto, para a saudade bater e o atacante retornar ao Rio Branco. De lá para cá, construiu sua trajetória como artilheiro e destaque da equipe. Em 1993, por exemplo, Palmiro anotou o gol de honra do time do Acre na derrota por 3 x 1 para o então campeão do mundo São Paulo, pela Copa do Brasil. Durante o Estadual deste ano, os gols multiplicaram-se. Palmiro balançou as redes doze vezes, sagrando-se artilheiro do Campeonato com cinco gols de vantagem sobre o vice-artilheiro (Ivo, do Juventus, que marcou sete). Criativo e de chute forte, Palmiro se mostra pouco modesto: "Quando pego bem na bola é difícil para o goleiro pegar."

O artilheiro Palmiro: seu chute forte é o terror dos goleiros

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Rio Branco 2 x Andirá 0
Rio Branco 0 x Vasco 0
Rio Branco 2 x Atlético 2
*Juventus Vencedor do Primeiro Turno

SEGUNDO TURNO
Rio Branco 5 x ADESG 0
Rio Branco 3 x Independência 2
Juventus 0 x Rio Branco 3
Grêmio 1 x Rio Branco 1

Decisão do Turno
Grêmio 0 x Rio Branco 1
Rio Branco* 4 x Grêmio 0
*Vencedor do Segundo Turno

QUADRANGULAR FINAL
Rio Branco 1 x Atlético 0
Rio Branco 1 x Vasco 0
★Juventus 0 x Rio Branco 0

★O JOGO DO TÍTULO
11/outubro/1994
JUVENTUS 0 x RIO BRANCO 0
Local: Estádio José de Melo (Rio Branco); **Juiz:** Raimundo Nonato Guimarães (AC); Renda: R$ 1 532; **Público:** 766; **Cartão amarelo:** Merica, Marcelo; **Expulsão:** Alex
JUVENTUS: Raílson, Alex, Josman, Marcelo e Aclaildo; Alan, Merica, Roque e Rol; Nadson e Ivo. **Técnico:** Aníbal Honorato
RIO BRANCO: Kloswbey, Jorge Cubu, Chicão, Nego e Carlos; Douglas, Ney, Kairala e Siqueira; Palmiro e Testa. **Técnico:** Nino

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
12	8	4	0	23	5

RIO BRANCO *Campeão acreano 1994*

PLACAR

AGENOR MARIANO

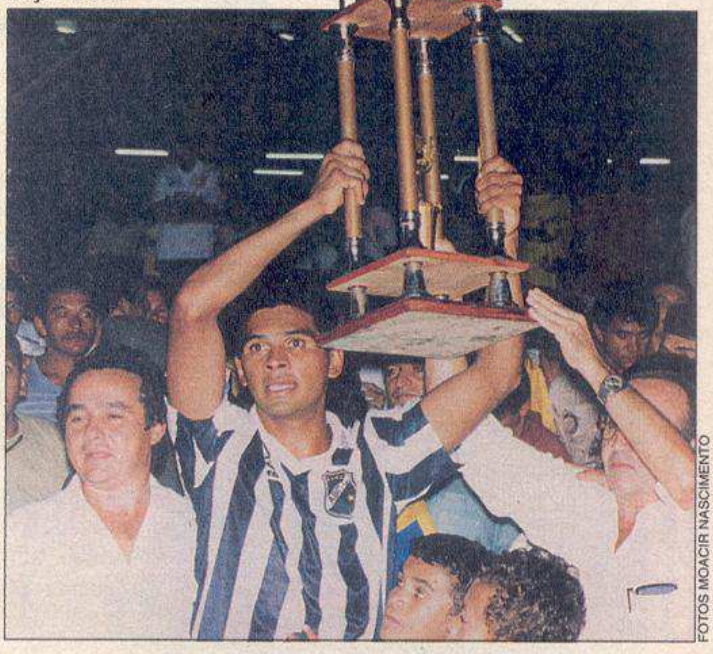
Em pé: Kloswbey, Sérgio da Mata, Chicão, Valta, Douglas, Sérgio, Ico, Jorge Cubu, Carlos Barros e Edmauro; **agachados:** Dênis, Testa, Siqueira, Palmiro, Marquinhos e Ney

ABC - BICAMPEÃO POTIGUAR

Como se escreve o bi

Após um começo ruim, o ABC reagiu para ganhar o título, ensinando o rival América a soletrar bi-cam-pe-ão

O zagueiro Romildo mostra a taça para a galera: ressaca do rival



FOTOS MOACIR NASCIMENTO

O equilíbrio marcou o Campeonato Potiguar de 1994. E o fiel da balança acabou sendo a raça dos jogadores do ABC. Com disposição e sempre acreditando numa virada, o time alvinegro soube sair de situações desfavoráveis para conquistar um bicampeonato histórico, depois de passar a maior parte da competição em desvantagem na eterna disputa com o velho rival América.

Como dinheiro não era o forte do ABC no começo da temporada, a solução mais econômica foi restringir a contratação de jogadores apenas às posições estritamente necessárias. Caso do goleiro Capelene, do meia Barata e do zagueiro Romildo, ex-jogador do América. Mas a disputa não se limitou aos dois grandes rivais. Sempre que o ABC e o América jogaram contra times pequenos, enfrentaram problemas. O ABC, por exemplo, quase perdeu o returno por causa de uma derrota (0 x 1) diante do Vênus, também de Natal. Já os americanos penaram contra o Corinthians, de Caicó, time-sensação do Campeonato — venceram os corintianos apenas uma vez, enquanto o ABC derrotou a mesma equipe três vezes.

Depois de um começo difícil, com o rival América ganhando o turno, o ABC soube reagir. Venceu o returno, obrigando que o título fosse disputado em jogos extras. Com a vantagem de poder empatar as duas partidas decisivas, o América se descuidou. Principalmente depois do primeiro jogo, que terminou 1 x 1. Na final, os americanos entraram em campo sonhando com o empate que valia o Campeonato e já pensando em fazer a festa no jogo do domingo seguinte, contra o Ceará, em Fortaleza, pela Segunda Divisão do Brasileiro. Acabaram, isto sim, curtindo na capital cearense a ressaca do vice-campeonato, enquanto a galera alvinegra promovia um carnaval pelas ruas de Natal, comemorando um título que teve a marca da capacidade de superação dos heróis do ABC.

O ARTILHEIRO

Renílson: poucos dribles, mas grande finalizador

A cada três gols marcados pelo ABC na campanha do bi, um levou a marca do centroavante **Renílson**. O camisa 9 balançou as redes adversárias 24 vezes, tornando-se artilheiro do Campeonato. Jogador de boa presença na área, mas pouco chegado ao drible, ele compensou a falta de habilidade mostrando grande capacidade de finalização. Alto (1,80 m) e bom cabeceador, foi o diferencial entre o ABC e seus rivais. Aos 28 anos, baiano de Santo Amaro da Purificação, Renílson Pereira fez o gol que abriu o caminho para a vitória alvinegra na final contra o América. "Foi sensacional poder dar este título para nossa torcida e ainda ser o artilheiro", festeja.

A JORNADA DO CAMPEÃO

TURNO
Primeira Fase
ABC 2 X Caicó 2
ABC 5 x Areia Branca 1
Currais Novos 0 x ABC 1
Desportiva 1 x ABC 3
ABC 0 x América 2
Caicó 2 x ABC 5
ABC 3 x Desportiva 1
ABC 1 Currais Novos 1
Areia Branca 1 x ABC 3
América 0 x ABC 2
Jogos extras:
América 4 x ABC 4
ABC* 1 x América 1
**Vencedor da Primeira Fase*
Segunda Fase
Potiguar 1 x ABC 1
ABC 5 x Potiiguar 0
Corinthians 2 x ABC 2
ABC 4 x Corinthians 0
ABC 2 x América 3
América* 1 x ABC 2
** Vencedor da Segunda Fase*
Jogos extras:
América 2 x ABC 1
ABC 0 x América* 3
** Campeão do Turno*
RETURNO
Primeira Fase
ABC 2 x Alecrim 0
ABC 4 x Potiguar 0
Corinthians 1 x ABC 2
ABC 2 x Vênus 2
América 1 x ABC 0
ABC 3 x Corinthians 0
Alecrim 0 x ABC 1
Vênus 1 x ABC 0
ABC 0 x América 2
Jogos extras:
ABC 1 x América 3
América 0 x ABC* 3
** Vencedor da Primeira Fase*
Segunda Fase
ABC 2 x Desportiva 2
Caicó 2 x ABC 0
ABC 3 x Caicó 3
Jogos extras:
ABC 1 x América 1
América* 2 x ABC 1
** Vencedor da Segunda Fase*
Decisão do Returno
ABC 1 x América 0
América 0 x ABC* 0
** Campeão do Returno*
FINAIS
América 1 x ABC 1
★ABC 3 x América 1

★O JOGO DO TÍTULO
18/8/1994
ABC 3 x AMÉRICA 1
Local: Estádio João Machado (Natal); Juiz: Charles Eliont (RN); **Renda:** R$ 25 768; **Público:** 10 590; **Gols:** Renílson 8 do 1º; Oliveira 19, Barata 33 e Baíca 37 do 2º; **Expulsão:** Pedrinho 42 do 1º, Odilon e Emerson 45 do 2º.
ABC: Capelene, Marinaldo, Edmar, Romildo e Émerson; Zelito, Odilon, Quirino e Barata; Oliveira e Renílson (Silvério 9 do 1º). **Técnico:** Danilo Menezes
AMÉRICA: Pedrinho, Tiê, Bagné, Gito e Mingo; Carioca, Josué, Erinovaldo (Biro-Biro 20 do 2º) e Baíca; Alcino e Bebeto (Eugênio 42 do 1º). **Técnico:** Baltazar Germano

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
40	18	12	10	77	50

ABC Bicampeão potiguar 1993/94

PLACAR

MOACIR NASCIMENTO

Em pé: Tinho, Marinaldo, Gilmar, Winington, Jaílton, Júlio e Capelene; **sentados:** Edmar, Bila, Romildo, Barata, Oliveira, Quirino, Émerson, Odilon, Renílson e Ricardo

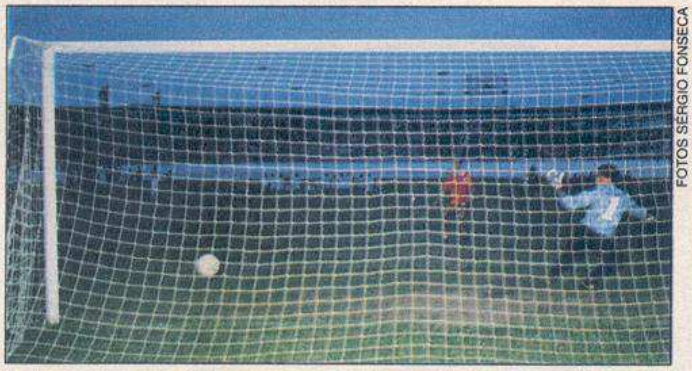
O Diabo renasce em Manaus

Campeão amador em 1954, o América fatura seu primeiro título profissional e faz as pazes com sua pequena torcida

Sem dúvida, o América é um time obstinado. Depois de conquistar um tetracampeonato ainda amador em 1954, o time passou quatro décadas sem levantar uma taça. A despeito do jejum, o clube não esmoreceu e, em 1994, finalmente sagrou-se campeão estadual festejando seu primeiro título no futebol profissional.

Nem mesmo o fracasso financeiro do Campeonato incomodou a pequena, mas fiel torcida americana. As rendas irrisórias e o público escasso que marcaram a competição foram a conseqüência direta da decisão dos grandes clubes amazonenses em abandonar o futebol profissional devido à crônica falta de recursos. Sem o Sul América (bicampeão do Estado em 1992/93) e o Rio Negro, além dos pequenos São Raimundo e Peñarol de Itacoatiara, a disputa acabou reunindo apenas quatro equipes: América, Nacional, Fast e Libermorro.

O Diabo, como o time também é conhecido, venceu todas as adversidades. Depois de uma campanha razoável (três vitórias, três empates e duas derrotas; oito gols pró e seis contra), a equipe comandada pelo veterano técnico Amadeu Teixeira, de 68 anos — 38 deles dirigindo o futebol no clube —, disputou uma conturbada final contra o Nacional, time de maior torcida no Amazonas.



FOTOS SÉRGIO FONSECA

Bola num canto, goleiro no outro: o título nas cobranças de pênalti

O empate de 1 x 1 no tempo normal levou a decisão para uma prorrogação emocionante. Aos dois minutos, o centroavante Nonato pôs o Nacional em vantagem. Mas a alegria durou pouco. Aos 18, o zagueiro João Rocha deixou novamente tudo igual. A expulsão do defensor Murica, do Nacional, esquentou ainda mais a partida. Inconformado com a atitude do árbitro Eliel Azevedo Costa, o jogador resolveu descontar sua raiva no pobre troféu, exposto à beira do gramado. Os irados chutes do becão deixaram a taça irreconhecível e o zagueiro só foi retirado de campo graças à intervenção da Polícia Militar. Antes do fim do jogo, mais quatro jogadores, dois de cada lado, ganharam o cartão vermelho.

O título acabou, então, decidido nos pênaltis. Deu América por 5 x 4. O goleiro americano Carlinhos transformou-se no herói da partida ao defender o pênalti cobrado pelo meio-campista Hidalgo. Festa em campo, delírio nas arquibancadas. O América, enfim, sentia novamente o saboroso gostinho de erguer uma taça. Mesmo que toda amassada.

Jogadores levantam a taça: um gesto que o clube quase esqueceu

A MURALHA

O herói americano na campanha do título não vive só de futebol. Além de defender o gol do América em 1994, Francisco Carlos da Silva trabalhava na montagem de aparelhos eletrônicos para a Zona Franca de Manaus. Depois do título, arrumou outro emprego, desta vez como segurança da Coca-Cola. Aos 23 anos, **Carlinhos** se transformou em herói ao defender três pênaltis contra o Nacional na fase decisiva do campeonato: dois no jogo extra do segundo turno e um na final. Cria do técnico Amadeu Teixeira nas categorias de base do clube, o goleiro do Diabo está mais empolgado do que nunca com sua ascensão no futebol. "Faço parte do time que quebrou um jejum de quarenta anos sem ganhar campeonatos. De quebra, vamos participar da Terceira Divisão do Brasileirão 95", comemora.

Carlinhos: o arqueiro do Diabo

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
América 2 x Fast Clube 0
América 2 x Libermorro 3
Nacional* 1 x América 0
**Vencedor do Primeiro Turno*

SEGUNDO TURNO
América 2 x Libermorro 1
América 1 x Fast Clube 0
Nacional 0 x América 0
*América 0 x Nacional 0
**Nos pênaltis, o América ganhou por 3 x 0 e se sagrou vencedor do Segundo Turno*

FINAL
★América 1 x Nacional 1*
**Na prorrogação, novo empate de 1 x 1. Nos pênaltis, o América venceu por 5 x 4*

★**O JOGO DO TÍTULO**
27/novembro/1994
América 1 x Nacional 1
Local: Estádio Vivaldo Lima (Manaus); **Juiz:** Eliel de Azevedo Costa (AM); **Renda:** R$ 800; **Público:** 450; **Gols:** Edmílson aos 28 e Nonato aos 35 do 2º. ***(Obs.:** Nonato aos 2 e João Rocha aos 18 da prorrogação. Nos pênaltis, Marcos Vinícius, Zé Augusto, João Rocha, Edmílson e Antônio Carlos para o América, e Buzina, Beto Pastor, Nonato e Nei para o Nacional);* **Cartão Amarelo:** Murica, Régis, Nascimento e Careca; **Expulsões:** Murica, Nascimento, Régis, Careca e Sidney.
AMÉRICA: Carlinhos, João Torres, Joãozinho, João Rocha e Antônio Carlos; Tavares, Régis e Marcos Vinícius; Zé Augusto, Edmílson e Careca. **Técnico:** Amadeu Teixeira.
NACIONAL: Reinaldo, Alexandre, Beto Pastor, Murica e Bujica (Nascimento, 20 do 2º); Marinho Macapá, Sidney e Hidalgo; Nei, Nonato e Carlão. **Técnico:** Elias Haddad.

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
8	3	3	2	8	6

***Obs.:** Os números de público e renda são aproximados, já que a Federação Amazonense de Futebol não dispõe desses dados.*

AMÉRICA Campeão amazonense 1994

PLACAR

SÉRGIO FONSECA

Em pé: Caetano, Antônio Carlos, Joãozinho, João Torres, João Rocha, Artur, Tavares, Carlinhos e Fredson; **agachados:** Tatu, Careca, Josimar, Régis, Zé Augusto e Edmílson

GAMA - CAMPEÃO BRASILIENSE

Líder de ponta a ponta

O alviverde comandou o Campeonato do início ao fim e mostrou que joga o melhor futebol do Distrito Federal

FOTOS NELIO RODRIGUES

Carlinhos marca o terceiro gol na vitória que deu ao Gama a alegria de levantar a taça *(destaque)*

A torcida do Gama começou o ano de 1994 aflita. Ninguém duvidava que o clube possuía o melhor elenco entre os times de Brasília e era um dos favoritos ao título. Havia, no entanto, a ameaça de ver repetir-se a trajetória de 1993, quando o time foi reconhecidamente superior aos adversários, mas deixou a taça escapulir na decisão contra o Taguatinga, quando venceu no tempo normal (1 x 0) mas perdeu na prorrogação (0 x 2). Assim, para os torcedores, ganhar a faixa este ano significava restituir a justiça ao Campeonato Brasiliense e saborear o doce sabor da vingança contra os rivais.

Por isso, o time não descuidou um momento sequer e, desde o início da competição, esbanjou superioridade com um jogo eficiente e ofensivo. "Nunca gostei de jogar na retranca", apregoava o técnico Joel Martins, que, apesar de montar a equipe com quatro jogadores no meio-campo, mandava o time procurar com insistência o gol adversário. Com essa receita, o treinador conquistou o primeiro turno e liderou o segundo até chegar à final contra o Samambaia. Apesar da bela campanha, a derrota significaria a disputa de um quadrangular decisivo contra Sobradinho, Brasília e o próprio Samambaia. A vitória, ao contrário, garantiria o título depois de quatro anos de jejum (o último Campeonato fora conquistado em 1990).

Disposto a arrancar a vitória com talento e raça, o time entrou em campo apostando na velocidade do ponta Niltinho (ex-Taguatinga) e nos gols do jovem centroavante Ânderson. Foi o que bastou para golear o rival por 4 x 0, fechando a brilhante campanha de 23 jogos com doze vitórias, sete empates e quatro derrotas.

Nas comemorações, o mais feliz era o ponta Niltinho, campeão pelo Taguatinga em 1993 e que festejava um bicampeonato pessoal. A seu lado, o técnico Joel Martins, campeão carioca pelo Botafogo em 1990, também se mostrava entusiasmado por proporcionar a vitória ao Gama. "Foi um título especial", repetia o treinador a quem fosse cumprimentá-lo. A torcida lhe dava toda a razão. Afinal, quebrar o jejum com números tão expressivos servia para provar que, em Brasília, ninguém pode com o Gama.

O ARTILHEIRO

O artilheiro **Ânderson** começou a jogar bola nas ruas da periferia de Brasília e, em pouco tempo, seu futebol de dribles curtos e precisos acabou descoberto pelos dirigentes do Gama. Em 1993, já era o maior destaque na campanha do vice-campeonato. Este ano, no entanto, a alegria foi total — tornou-se campeão e goleador da temporada com dezoito gols . "Meu objetivo agora é me transferir para um grande centro", confessa. A diretoria do Fluminense já chegou a sondar o Gama para contratá-lo. Por isso, em pouco tempo, o talento de Ânderson de Carvalho Barbosa poderá estar fazendo a alegria de outras torcidas.

Ânderson: dribles e gols que já interessam a outros clubes

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Ceilandense 0 x Gama 0
Gama 6 x Comercial 2
Gama 1 x Samambaia 0
Sobradinho 0 x Gama 0
Gama 2 x Taguatinga 1
Planaltina 0 x Gama 0
Guará 0 x Gama 2
Gama 2 x Brasília 3
Tiradentes 1 x Gama 1
Finais
Gama 1 x Sobradinho 0
Sobradinho 2 x Gama 1
Sobradinho 1 x Gama 0*

**Na prorrogação, Gama venceu por 2x0 e ganhou o Primeiro Turno*

SEGUNDO TURNO
Samambaia 4 x Gama 2
Gama 2 x Ceilandense 1
Brasília 2 x Gama 1
Comercial 2 x Gama 4
Gama 0 x Sobradinho 0
Taguatinga 0 x Gama 2
Gama 2 x Planaltina 0
Gama 2 x Guará 0
Gama 2 x Tiradentes 0
Finais
Samambaia 0 x Gama 0
★Gama* 4 x Samambaia 0

**Vencedor do Segundo Turno e campeão brasiliense*

★**O JOGO DO TÍTULO**
25/setembro/94
GAMA 4 x SAMAMBAIA 0
Local: Bezerrão (Gama); **Juiz:** Luciano Almeida; **Renda:** R$ 7 655; **Público:** 3 062; **Gols:** Chaguinha 9, Ânderson 21 do 1º; Carlinhos 9 e Niltinho 37 do 2º
GAMA: Gildo, Chaguinha, Leandro, Dias e Paulo Henrique; Leco, Pacheco (Jorge, 22 do 2º) e Ézio; Carlinhos, Ânderson e Niltinho (Flávio, 36 do 2º). **Técnico:** Joel Martins
SAMAMBAIA: Germano, Jânder, Pedrinho, Ganda e Niltinho; Serginho, Mozer e Lino; Batata (Lula, 15 do 2º), Jairo e Tuta. **Técnico:** Jonas Foca

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
23	13	6	4	37	19

GAMA Campeão brasiliense 1994

PLACAR

NELIO RODRIGUES

Em pé: Dias, Gildo, Chaguinha, Leandro e Teco; **agachados:** Niltinho, Ézio, Ânderson, Paulo Henrique, Pacheco e Carlinhos

Triunfo do futebol ofensivo

Jogando no ataque, a Desportiva fez uma campanha irretocável, faturando os dois turnos do Campeonato e levando a taça direto, sem disputar as finais

Dois fatos provam que a Desportiva se apresentou como o melhor time do Campeonato Capixaba: venceu os dois turnos, evitando a partida extra para decidir o título, e somou o maior número de pontos — 46 em sessenta possíveis, seis a mais que o vice, o São Mateus. Esta estatística deixa bem clara a filosofia que impulsionou a equipe durante toda a competição. "Busquei inspiração no São Paulo de Telê Santana para colocar o time na ofensiva. Mas sem esquecer a disciplina", explicou o técnico Arnaldo Traspadini, ex-goleiro do clube, repetindo Telê.

Assim, a Desportiva, fundada em 1963, traçou a trajetória rumo ao seu 14º título estadual. Para isso, contou com jogadores conhecidos apenas dentro do próprio Espírito Santo. Bem diferente do Rio Branco, que, apesar de recheado de veteranos como Bigu (ex-Flamengo) e o experiente Cláudio Adão, ficou pelo caminho.

A verdadeira ameaça aos grenás da Desportiva vinha, porém, do interior. Campeão capixaba no ano passado, o Linhares trouxe o técnico Gil, vice-campeão brasileiro com o Botafogo em 1992. O time chegou às semifinais da Copa do Brasil, mas no Estadual era a Desportiva quem somava pontos, graças às boas atuações de Dirley (goleiro menos vazado do campeonato com dezessete gols) e dos meias Morelato e Marquinhos, que criavam as jogadas para os atacantes Wélder e Mário transformarem em gols. Os grenás tinham ainda a seu favor os passes precisos da revelação Alex Santana no meio-campo.

Em casa a Desportiva chegou a sofrer um resultado preocupante: derrota de 3 x 0 para o São Mateus. Tropeço normal para uma equipe que pretendia jogar ofensivamente. Em compensação, os grenás acumularam um respeitável saldo de trinta gols. Por ironia, o título acabou conquistado num empate de 0 x 0, mas com a volta olímpica ainda mais gostosa, dada no campo do rival Rio Branco.

FOTOS CHICO GUEDES

O goleador Mário contra a zaga do Rio Branco: vitória da juventude

O DESTAQUE

Morelato: força e talento para levar a Desportiva ao título

O tamanho e o físico fazem lembrar um daqueles cabeças-de-área de estilo força bruta. Mas a altura (1,80m) e os músculos privilegiados estão a serviço do bom futebol. Aos 23 anos, Paulo Sérgio **Morelato** conquistou seu segundo título capixaba pela Desportiva — antes, faturou o de 1992 —, firmando-se como um meia firme no desarme e dono de excelente visão de jogo. Para completar, seu chute funcionou como verdadeira arma na campanha dos grenás. Morelato costuma desferir tiros violentos e bem colocados. Tantas qualidades já despertam o interese de times de Portugal. Disposta a manter o craque, a Desportiva estipulou o preço do seu passe em 500 000 dólares. Foi a forma encontrada para valorizar um jogador feito em casa e tentar manter o seu talento para a campanha do bi, em 1995.

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Desportiva 1 x Rio Branco 0
Estrela 1 x Desportiva 3
Desportiva 1 x Comercial 0
Desportiva 2 x Colatina 0
Nova Venécia 0 x Desportiva 0
Desportiva 0 x São Mateus 3
Linhares 2 x Desportiva 2
Desportiva 3 x Castelo 0
Muniz Freire 0 x Desportiva 0
Desportiva 3 x Rio Branco VN 0
Aracruz 0 x Desportiva 0
Desportiva 4 x Alfredo Chaves 1
Rio Pardo 0 x Desportiva 4
Desportiva 2 x Vitória 0
Mariano 0 x Desportiva 0

SEGUNDO TURNO
Desportiva 2 x Estrela 2
Comercial 1 x Desportiva 1
Colatina 0 x Desportiva 1
Desportiva 2 x Nova Venécia 0
São Mateus 0 x Desportiva 1
Desportiva 2 x Linhares 2
Castelo 2 x Desportiva 1
Desportiva 2 x Muniz Freire 1
Rio Branco VN 1 x Desportiva 2
Desportiva 3 x Aracruz 0
Alfredo Chaves 1 x Desportiva 1
Desportiva 1 x Rio Pardo 0
Vitória 0 x Desportiva 2
Desportiva 1 x Mariano 0
★ Rio Branco 0 x Desportiva 0

Obs.: Rio Branco VN = Rio Branco de Venda Nova

★O JOGO DO TÍTULO
RIO BRANCO O X DESPORTIVA O
Local: Kléber Andrade (Vitória); **Juiz**: Wilson Marcelino (ES); **Renda**: R$ 16 375; **Público**: 19 041; **Cartão amarelo**: Mauro, Marquinho, Arildo Peçanha e Neném Carioca.

RIO BRANCO: Marcionílio, Braga, Alex Passos, Arildo Peçanha e Neném Carioca; Paulo César (Bujica), Luiz Carlos e Serginho; Tonico, Tico (Anderson) e Valério. **Técnico:** Samuel Lima

DESPORTIVA: Dirley, Paulinho, Mauro, Careca e Clifton; Morelato, Marquinhos e Valtinho (Cruvinel); Teté (Eusébio), Wélder e Mário. **Técnico:** Arnaldo Traspadini

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
30	18	10	2	47	17

DESPORTIVA Campeã capixaba 1994

PLACAR

CHICO GUEDES

Em pé: Mauro, Clifton, Luiz Carlos, Paulinho, Morelato, Dirley, Careca e Agnaldo; **agachados:** Jeancarlo, Mário, Wélder, Marquinhos, Valtinho, Eusébio, Teté e Cruvinel

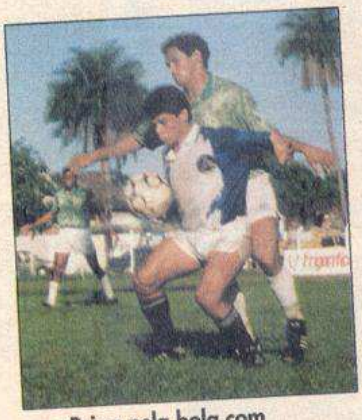
A revolução que deu certo

Graças à capacidade de seu técnico, o União Araguainense reconstruiu o elenco com jogadores experientes e levantou o primeiro caneco de sua história

O técnico Sérgio Belfort chegou ao União Araguainense, da cidade de Araguaína, a 416 quilômetros de Palmas, a capital, em meados de fevereiro, já ciente de que enfrentaria grandes dificuldades no Campeonato de Tocantins. Sabia que assumiria um clube em seu segundo ano de profissionalismo e, por isso mesmo, extremamente inexperiente. Na apresentação, no entanto, levou um susto. Com poucos recursos financeiros, o União mantinha apenas sete jogadores no elenco. A situação era pior do que a imaginada pelo treinador.

Mesmo assustado, Belfort não se deu por vencido e deflagrou uma grande revolução. O primeiro passo foi remontar o elenco com contratações de jogadores de reconhecida experiência. Chegaram o goleiro Celso (ex-Maringá-PR), o meia Fabinho (ex-Anapolina-GO), o ponta-direita Bala (ex-Bacabau-MA) e o centroavante Gil (ex-Vila Nova-GO).

A segunda tarefa parecia ainda mais difícil: a quarenta dias do início da temporada, ainda faltava dar conjunto a uma equipe recém-montada. As dúvidas sobre a viabilidade do time duraram apenas até a estréia, quando o União venceu o Miracema por 3 x 1, resultado que encheu a torcida de otimismo. Nas rodadas seguintes, não havia mais dúvidas de que o trabalho de Belfort frutificara. Tanto assim que os jogadores trazidos pelo treinador eram considerados os maiores responsáveis pela boa campanha. Principalmente o centroavante Gil, artilheiro da temporada com oito gols.



Briga pela bola com direito a show nas finais

A perspectiva do título crescia a cada rodada, mas a certeza de sua conquista só se cristalizou depois da goleada por 4 x 0 contra o forte Tocantinópolis. A vitória auxiliou o União a vencer a segunda fase. Como vencera também a primeira, só precisou disputar a decisão contra o Tocantins devido a um capricho do regulamento, que previa um confronto entre os dois primeiros colocados da segunda fase.

Para a justiça prevalecer, o time deu um show na primeira partida das finais e, mesmo atuando fora de casa, aplicou expressivos 3 x 0 no Tocantins — três gols do artilheiro Gil. Bastava confirmar o favoritismo jogando em Araguaína, onde a vitória por 2 x 0 fez a torcida comemorar o primeiro título da história do clube. "Foi uma conquista do esforço da equipe", garantia o centroavante Gil. E, claro, do técnico Sérgio Belfort, que, além do título, construiu a base para tentar o bicampeonato em 1995.

O campeão tocantinense no ataque: contratação de jogadores de reconhecida experiência

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRA FASE
União 3 x Miracema 1
União 2 x Tocantinópolis 1
Kaburé 0 x União 0
Miracema 1 x União 1
Tocantinópolis 0 x União 0
União* 2 x Kaburé 0
**Vencedor da Primeira Fase*

SEGUNDA FASE
União 3 x Gurupi 1
União 2 x Tocantins 1
Tocantinópolis 0 x União 4
Gurupi 0 x União 0
Tocantins 0 x União 0
União* 0 x Tocantinópolis 1
**Vencedor da Segunda Fase*

FINAIS
Tocantins 0 x União 3
★ União 2 x Tocantins 0

★ **O JOGO DO TÍTULO**
12/junho/94
UNIÃO 2 x TOCANTINS 0
Local: Gauchão (Araguaína); **Juiz:** Manoel Messias (TO); **Renda:** CR$ 92 000; **Público:** 3 059; **Gols:** Fabinho 32 do 1º; Jonas 30 do 2º

UNIÃO: Celso, Zé Carlos, Júlio, Duílio e Juanito; Ari, Baia e Fabinho; Bala, Gil e Jonas. **Técnico:** Sérgio Belfort
TOCANTINS: Neneca, Raimundo, Cocó, Baiano e Cândido; Rainel, Cocada e Filinho; Régis, Branco e Belziran. **Técnico:** Paulinho

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
14	8	5	1	22	6

O ARTILHEIRO

O centroavante Gilmedes de Souza Fernandes, o **Gil,** não prima pela regularidade. Em doze dos catorze jogos do União no Campeonato Tocantinense, o jogador foi apenas discreto. Contribuiu para as jogadas de ataque, mas quase não chegou perto das redes. Nas outras duas partidas, no entanto, fez jus ao rótulo de artilheiro. Marcou três gols na estréia (3 x 1 contra o Miracema), dando confiança à equipe para o resto da temporada. Para melhorar, anotou mais três na primeira partida decisiva contra o Tocantins, assegurando também a artilharia do Campeonato. Mesmo assim, prefere dividir os méritos com a torcida: "Ela sempre me apoiou."

Gil anotou seis gols em dois jogos: presença decisiva

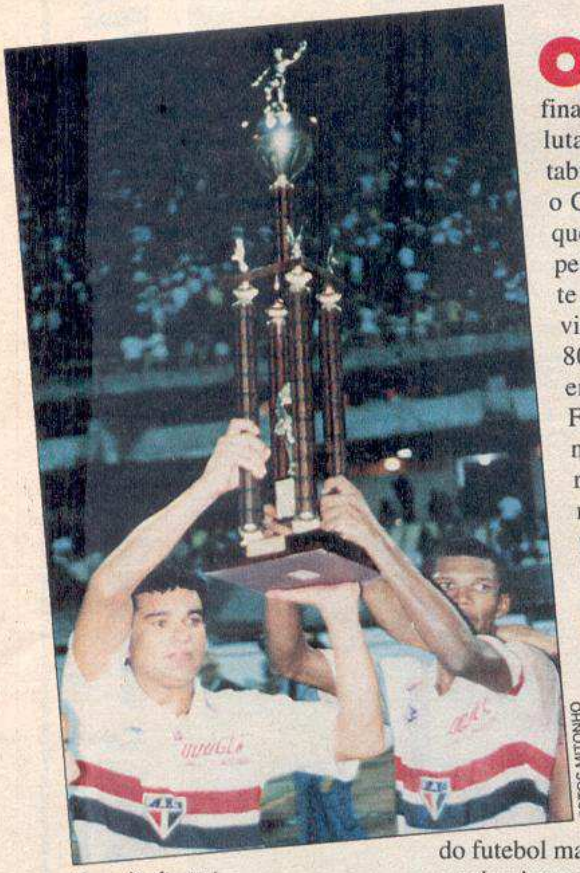
UNIÃO Campeão tocantinense 1994

PLACAR

Em pé: Celso, Sídnei, Juanito, Júlio, Ricardo, Zé Carlos, Duílio e Ari; **agachados:** Zé Filho, Fabinho, Bil, Bala, Gil, Esquerdinha, Baia e Ivan

Fim de tabu em grande estilo

Depois de um jejum de seis anos, o Ferrão dá a volta por cima, faz excelente campanha e fatura o oitavo título estadual de sua história



FOTOS MITONHO

Lima *(à direita)* e Cícero Ramalho comemoram com a taça em punho: prêmio ao melhor da competição

O Campeonato Cearense viveu um verdadeiro duelo de titãs em sua finalíssima. De um lado, o Ferroviário lutando bravamente para quebrar um tabu de seis anos sem títulos. Do outro, o Ceará defendendo sua hegemonia e querendo envergar a faixa de tricampeão estadual. Beneficiado pelo empate graças à excelente campanha (21 vitórias, treze empates e três derrotas; 80 gols marcados e 24 sofridos) e empurrado até pela torcida do rival Fortaleza, que não queria o Ceará de novo com o caneco nas mãos, o Ferrão confirmou sua condição de melhor time do Campeonato e garantiu briosamente o empate em 0 x 0. Tornou-se campeão do Estado e, de quebra, consagrou três novos artilheiros para o futebol cearense: Batistinha (20 gols), Acássio (19) e Cícero Ramalho (14).

Para chegar ao triunfo, porém, a equipe viveu momentos conturbados ao trocar de técnico por cinco vezes. José Dutra, o primeiro, veio do futebol maranhense, arrumou a casa e faturou o primeiro turno. Reivindicou aumento salarial e ganhou as contas. Humberto Maio assumiu seu lugar, fez um segundo turno medíocre e também acabou dispensado. Sobrou para o auxiliar José Maria Paiva, que assumiu interinamente até passar o comando para o preparador de goleiros, Edmundo Marcelo Câmara Silveira, que comandou apenas duas partidas. A solução, então, foi trazer o ex-técnico do clube, César Moraes.

Na partida final, prevaleceu o toque de bola no meio-campo, com poucas chances de gol no primeiro tempo. Enquanto o time do Ceará partia para cima, os atacantes Reginaldo e Batistinha, do Ferrão, puxavam os contra-ataques e incomodavam a defesa adversária. Na zaga tricolor, os defensores Santos e Batista disputavam o título de melhor em campo, e no centro do gramado, o incansável Lima exibia todo seu fôlego e disposição.

Apesar do marcador em branco, o jejum de seis anos terminava em grande estilo, coroando o melhor time em todo o Campeonato. Assim, o Ferroviário voltava a provar o doce sabor da vitória com seu oitavo título estadual.

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Guarany (Sobral) 1 x Ferroviário 1
Ferroviário 0 x Tiradentes 2
Ferroviário 2 x Icasa 1
Ceará 0 x Ferroviário 1
Guarani (Juazeiro) 0 x Ferroviário 1
Ferroviário 2 x Quixadá 2
Ferroviário 6 x Calouros do Ar 0
Ferroviário 1 x América 0
Ferroviário 3 x Itapipoca 1
Fortaleza 2 x Ferroviário 2
Ferroviário 1 x Guarany 1
Itapipoca 2 x Ferroviário 2
Ferroviário* 4 x Itapipoca 0
**Vencedor do Primeiro Turno*

SEGUNDO TURNO
Ferroviário 4 x Tirandentes 0
Quixadá 1 x Ferroviário 1
Ferroviário 4 x Guarani 0
Ferroviário 1 x Ceará 1
Ferroviário 5 x Guarany 1
Icasa 0 x Ferroviário 0
Ferroviário 2 x América 0
Itapipoca 0 x Ferroviário 6
Calouros do Ar 0 x Ferroviário 3
Fortaleza 0 x Ferroviário 5
Ferroviário 0 x Guarany 1
**Ceará vencedor do Segundo Turno*

TERCEIRO TURNO
Ferroviário 5 x América 0
Ferroviário 5 x Calouros do Ar 0
Icasa 0 x Ferroviário 0
Ferroviário 1 x Tiradentes 2
Ferroviário 1 x Itapipoca 1
Quixadá 1 x Ferroviário 2
Ferroviário 2 x Guarany 1
Fortaleza 2 x Ferroviário 2
Ceará 0 x Ferroviário 1
Ferroviário 1 x Itapipoca 1
Ceará 1 x Ferroviário 1
Ferroviário* 2 x Ceará 0
**Vencedor do Terceiro Turno*

FINAL
★Ferroviário 0 x Ceará 0

★O JOGO DO TÍTULO
4/dezembro/1994
FERROVIÁRIO 0 x CEARÁ 0
Local: Castelão (Fortaleza); **Juiz:** Dacildo Mourão (CE); **Renda:** R$ 54 295; **Público:** 21 029; **Cartões amarelos:** Jaime, Charles, Branco, Naza, Mastrilo, Airton, Ricardo Lima, Batista, Catatau, Eron e Roberval. **Expulsão:** Vítor Hugo 13 do 2º
FERROVIÁRIO: Roberval, Naza, Batista, Santos e Branco; Lima, Ricardo Lima e Basílio (Alex 28 do 2º); Reginaldo (Eron 18 do 2º), Cícero Ramalho e Batistinha. **Técnico:** César Moraes
CEARÁ: Chico, Jaime, Airton, Vítor Hugo e Charles (Ronaldo 19 do 1º); Mastrilo, Ivanildo, Elói (Paulo César 13 do 2º); Catatau, Hélio e Sérgio Alves. **Técnico:** Dimas Figueiras

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
37	21	13	3	80	24

DESTAQUE

Lima, o "Pulmão de Aço": craque do ano no Ceará

O meia Francisco **Lima** Gouveia tem motivos de sobra para estar feliz da vida. Não bastasse a conquista do Estadual, o jogador de 23 anos recebeu o título de o craque do ano no Ceará. O "Pulmão de Aço", como é chamado pelos cronistas locais, encheu os olhos da torcida com sua disposição e garra. Lima começou nos juvenis do Nacional de Manaus e, aos 17 anos, já fazia parte do elenco profissional do São Raimundo (AM). Jogou também no Sul América (AM), antes de chegar ao Ferroviário em agosto de 1993. Com o passe fixado em 500 000 dólares, o armador só espera, agora, a chance de atuar no futebol paulista.

FERROVIÁRIO Campeão cearense 1994

PLACAR

MITONHO

Em pé: Naza, Batista, Lima, Roberval, Santos e Branco; **agachados:** Ricardo Lima, Cícero Ramalho, Basílio, Batistinha, e Reginaldo

Prêmio para quem acreditou

Único time a investir em contratações, o Picos passou por cima dos rivais e faturou seu segundo título estadual

Nem mesmo a conquista do Mundial dos Estados Unidos pelo Brasil serviu para esquentar o Campeonato Piauiense. Em meio às dificuldades financeiras dos clubes, à falta de jogadores consagrados e à apatia da maioria dos torcedores, pouco se podia esperar do Estadual. O Picos, no entanto, não se deixou abater pelas condições adversas e reforçou sua equipe com onze atletas do futebol pernambucano — entre eles, o goleiro Aluízio, o armador Júnior e o atacante Serginho, todos trazidos pelo técnico Maurício Simões, que assumiu o cargo no início da temporada. O esforço deu certo. O time da cidade de Picos, localizada a 310 quilômetros ao sul da capital Teresina, repetiu a façanha de 1991 e sagrou-se campeão do Piauí. Dos 36 jogos realizados, venceu 22, empatou oito e perdeu seis. Marcou 63 gols e sofreu 31.

No turno final da competição, tanto o Picos quanto o Flamengo somavam dez pontos. Ainda faltava a última rodada e, pelo regulamento, a equipe que obtivesse o maior número de pontos levaria o caneco. Se persistisse o empate, uma partida extra em confronto direto apontaria o vencedor. Mas o regulamento mal elaborado fez o campeão piauiense dar a volta olímpica sem exibir a tradicional taça de campeão, já que os dois candidatos ao título fizeram o último jogo da fase decisiva no mesmo dia e horário. O Picos recebeu o Paysandu em casa, enquanto o Flamengo enfrentou o 4 de Julho em Piripiri. Como a distância entre as duas cidades é de 472 quilômetros, a Federação Piauiense de Futebol decidiu só entregar o troféu ao ganhador no dia seguinte.

Alheios aos problemas criados pela cartolagem, os times foram a campo. Enquanto o Flamengo amargava uma derrota de 2 x 1 para o 4 de Julho, o Picos festejava os 2 x 0 sobre o Paysandu. No apito final, a pacata cidade de Picos explodiu de alegria. E, na sede do clube, houve até quem começasse a sonhar com o Picos conquistando a próxima Copa do Brasil.

FOTOS CÍCERO ROCHA

Marquinhos: um dos destaques na vitória do Picos sobre o Flamengo por 4 x 1

O ARTILHEIRO

O goleador Serginho: craque do ano no Piauí

Quando chegou a Picos, em março de 1994, o atacante **Serginho** engrossava a lista dos muitos reforços que o clube da cidade trazia para o Estadual. Ao longo da competição, no entanto, este pernambucano de 29 anos provou que suas qualidades iam além das de um mero coadjuvante. Atacante oportunista, de boa velocidade e impulsão, Oscar Pereira da Silva — o apelido deve-se à semelhança física com Serginho Chulapa, ex-técnico do Santos — só conquistou definitivamente a admiração da torcida no terceiro turno, quando desembestou a fazer gols. Ao todo foram dezoito, número suficiente para coroá-lo artilheiro do Campeonato. Não bastasse, a imprensa local ainda o elegeu o "Craque do Ano".

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Picos 2 x Cori-Sabbá 1
Picos 1 x Auto Esporte 0
Comercial 0 x Picos 3
Picos 1 x 4 de Julho 2
Picos 0 x Paysandu 0
Flamengo 1 x Picos 2
Picos 2 x Caiçara 1
River 2 x Picos 2
Picos 0 x Parnaíba 0

Semifinais
Flamengo 2 x Picos 4
Picos 3 x Flamengo 1

Final
Picos 1 x 4 de Julho 0
4 de Julho 0 x Picos* 1
**Vencedor do Primeiro Turno*

SEGUNDO TURNO
Parnaíba 0 x Picos 0
4 de Julho 1 x Picos 1
Picos 3 x Comercial 0
Cori-Sabbá 1 x Picos 3
Auto Esporte 2 x Picos 1
Picos 2 x Flamengo 2
Caiçara 1 x Picos 2
Paysandu 0 x Picos 2
Picos 4 x River 1

Semifinais
Caiçara 0 x Picos 0
Picos 0 x Caiçara 2
**Flamengo vencedor do Segundo Turno*

TERCEIRO TURNO
Parnaíba 1 x Picos 2
Picos 2 x Flamengo 1
Flamengo 1 x Picos 0
Picos 4 x Parnaíba 3

Final
Picos 0 x 4 de Julho 0
4 de Julho* 3 x Picos 2
**Vencedor do Terceiro Turno*

TURNO FINAL
Flamengo 2 x Picos 1
Picos 4 x Flamengo 1
4 de Julho 1 x Picos 2
Paysandu 0 x Picos 1
Picos 2 x 4 de Julho 0
★ Picos 2 x Paysandu 0

★ **O JOGO DO TÍTULO**
20/novembro/1994
PICOS 2
PAYSANDU 0
Local: Estádio Helvídio Nunes (Picos); **Juiz:** Emílio Porto (PI); **Renda:** R$ 4 001; **Público:** 2 775; **Gols:** Serginho 41 do 1º e 13 do 2º; **Cartão Amarelo:** Roberval, Marquinhos, Pedrinho, Preto e Celso

PICOS: Aluízio, Pedrinho, Roberval, Cláudio e Lauro; Júnior, Paulo Peixe e Marco Antônio; Marquinhos, Serginho e Miolinho (Noemir 18 do 2º). Técnico: Maurício Simões

PAYSANDU: Hermes, Cleiton, Freitas, Márcio e Gérson; Celso, Preto e Nena; Iarlei, Iran e Everardo. Técnico: Jacinto

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
36	22	8	6	63	31

PICOS Campeão piauiense 1994

PLACAR

CICERO ROCHA

Em pé: Pedrinho, Roberval, Lauro, Cláudio, Aluízio e Betinho; **agachados:** Reginaldo (massagista), Noemir, Paulo Peixe, Marco Antônio, Serginho e Miolinho

Vitória construída a cada ano

Com apenas quatro remanescentes da campanha passada, o Comercial montou novo time para fazer a festa do bi

Invariavelmente a história se repete no Campeonato do Mato Grosso do Sul. Assim que termina a disputa, os principais jogadores vão embora, seduzidos por propostas mais tentadoras de outros centros do futebol brasileiro. Deixam para trás os clubes do Estado envolvidos na tarefa de remontar seus elencos a cada início de temporada. Para não fugir à regra, o Comercial começou 1994 com apenas quatro remanescentes da campanha do título de 1993. A reconstrução da equipe ficou a cargo do técnico Julinho, ex-Corinthians e Juventus-SP.

Julinho baseou seu trabalho na experiência, recomendando ao clube que gastasse seus 150 000 dólares na contratação de jogadores tarimbados, como o atacante Biro-Biro e o meia Odair, ambos trazidos do arquirrival Operário, e o veterano atacante Marcos Severo, ex-Grêmio, que chegou no início do segundo turno. Assim, a equipe parecia pronta para brigar pelo título, mas o acontecimento que viria a temperar a campanha surgiu no jogo contra o Paranaibense. O Comercial perdeu por 0x1 e os jogadores, dirigentes e comissão técnica fizeram um pacto. Daí para frente, o time ficou irresistível. Tanto que não perdeu mais nenhuma partida.

FOTOS ISAIAS MEDEIROS

Na decisão contra o Pontaporanense, bastou uma simples vitória. O Comercial saiu na frente com um gol de Abelardo no primeiro tempo, mas cedeu o empate na segunda etapa. Quando a torcida já temia a prorrogação, o atacante Chaveirinho desceu pela ponta e cruzou sob medida para o meia Massei concluir de cabeça e marcar o gol do título. A festa varou a madrugada. No dia seguinte, no entanto, o elenco estava novamente desfeito. Restou a expectativa de que, em 1995, o clube consiga montar outra equipe tão boa quanto a que ganhou o título de 1994.

Marcos Severo parte para cima dos zagueiros do Pontaporanense, na finalíssima: força e valentia para o time botar a mão no troféu *(acima, à dir.)*

O ARTILHEIRO

O centroavante **Marcos** Luerden **Severo** exibe força e valentia em campo, características que marcam o futebol gaúcho, de onde veio. Seu físico favorece o estilo. Alto (1,90 m) e troncudo, atormenta os zagueiros abrindo espaço com jogadas de corpo. Por isso, rapidamente destacou-se no ataque do Comercial, tornando-se o goleador da equipe com treze tentos em quinze partidas. Só não conseguiu conquistar a artilharia do Campeonato — Marco Antônio, do Operário, e Muniz, do Dourados, fizeram quinze gols cada. Seu desempenho, no entanto, já o faz até mesmo sonhar com transferências para outros países. "Qualquer jogador pensa em atuar no exterior", planeja o jogador, já imaginando os dólares no bolso.

O centroavante Marcos Severo: estilo gaúcho a serviço do time

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Comercial 2 x Maracaju 0
Comercial 3 x Naviraiense 0
Dourados 0 x Comercial 3
Operário 0 x Comercial 5
Comercial 0 x Paranaibense 1
Ivinhema 1 x Comercial 1
Taveirópolis 0 x Comercial 2
Comercial 4 x Treslagoense 1
Comercial 1 x Pontaporanense 0
Operário 1 x Comercial 1

SEGUNDO TURNO
Naviraiense 0 x Comercial 1
Maracaju 0 x Comercial 1
Comercial 3 x Operário 0
Comercial 2 x Dourados 1
Paranaibense 1 x Comercial 1
Comercial 3 x Ivinhema 0
Treslagoense 0 x Comercial 0
Comercial 2 x Taveirópolis 1
Pontaporanense 0 x Comercial 0
Comercial 2 x Operário 0

SEMIFINAIS
Operário 1 x Comercial 1
Comercial 3 x Operário 1

FINAIS
Pontaporanense 0 x Comercial 0
★ Comercial 2 x Pontaporanense 1

★ **O JOGO DO TITULO**

COMERCIAL 2 x PONTAPORANENSE 1
Local: Pedro Pedrossian (Campo Grande); **Juiz:** Getúlio Barbosa Souza Júnior (MS); **Renda:** CR$ 7 359 000; **Público:** 2 052; **Gols:** Abelardo 41 do 1º; William 17 e Massei 25 do 2º

COMERCIAL: Osmar, Gonçalves, Marcão, Luís Antônio e Renê; Eduardo (Paulinho, 15 do 2º), Sales e Massei; Abelardo, Marcos Severo e Chaveirinho (Tiganá, 38 do 2º). **Técnico:** Julinho

PONTAPORANENSE: Paulão, Marco Antônio, Naldo, Alder e Rumenig; Zé Roberto, Marcinho (Ferrício, 10 do 2º) e Reginaldo; Nenê, Gílson e Rossete (William, 15 do 2º). **Técnico:** Édson Soares

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
24	16	7	1	43	10

COMERCIAL Bicampeão sul-mato-grossense 1993/94

PLACAR

ISAIAS MEDEIROS

Em pé: Osmar, Marcão, Renê, Luís Antônio, Gonçalves, Claudinho e Sales; **agachados:** Paulinho, Massei, Marcos Severo, Neilor, Eduardo, Chaverinho, Abelardo e Tiganá

OPERÁRIO - CAMPEÃO MATO-GROSSENSE

O ano da redenção tricolor

Sete temporadas depois de seu último título, o time de Várzea Grande faz a festa e acaba com a gozação dos rivais

FOTOS AILTON SIQUEIRA

Wender marca na finalíssima contra o Dom Bosco: festa completa para uma torcida sofrida

Durante sete anos, a história se repetiu em Mato Grosso. A cada final de temporada, os torcedores do Mixto e os do Dom Bosco dirigiam-se ao rivais do Operário com um sorriso irônico no rosto. Afinal, o tempo passava e o time de Várzea Grande não conseguia um título (o último fora o tri de 1985/86/87). Cansado das gozações, o Operário decidiu: 1994 marcaria o ano de sua redenção.

Para isso, o tricolor de Várzea Grande contratou jogadores experientes como o zagueiro Édson Luís (ex-Seleção de Juniores), o atacante Didi (ex-Uberaba) e o volante Andrade (o mesmo que se sagrou campeão mundial interclubes em 1981 pelo Flamengo). Com esses jogadores e mais a prata da casa, como o atacante Wender e o goleiro Agnaldo, o Operário ganhou os dois primeiros turnos do Estadual e chegou ao quadrangular decisivo como favorito ao título.

Andrade: toque de experiência para chegar ao título

Mesmo assim, a torcida temia que o time morresse na praia, como ocorrera em 1993, quando terminou com o vice-campeonato. O primeiro objetivo, porém, já havia sido cumprido: o Operário ia para as finais à frente do arquirrival Mixto. Para completar a felicidade, veio a vitória por 3 x 1 contra o Dom Bosco, fora de casa, na primeira partida do quadrangular decisivo. A conquista do título passava a ser mera questão de paciência.

Mas, mesmo jogando a segunda partida decisiva em seu campo, o Operário teve problemas. Saiu na frente com um gol de Wender, mas sofreu a virada e perdia por 2 x 1 até os 29 minutos do segundo tempo, quando o atacante Wender resolveu desequilibrar. Marcou dois gols, quase enlouquecendo os 18 000 tricolores presentes ao Estádio Verdão. Assim, quando o juiz apontou o final do jogo, uma multidão vestida de verde, vermelho e branco tomou as ruas de Várzea Grande como não acontecia há sete anos. Uma festa de gente sofrida, que trazia no rosto, a alegria de voltar a gritar: "É campeão!".

O ARTILHEIRO

O garoto Wenderson de Arruda Said, o **Wender** (17/4/1975), saiu de Uirapuru no Mato Grosso pensando na fama. Passou rapidamente pelo Dom Bosco, mas acabou seduzido por uma proposta do Operário de Várzea Grande, em 1993. Na campanha vitoriosa de 1994, Wender sagrou-se artilheiro do Campeonato com dezessete gols, feito que lhe assegurou uma transferência para o Sport Recife. No Operário, ofuscou até o veterano volante Andrade (ex-Flamengo) que, para muitos, tinha tudo para tornar-se o destaque da equipe, apesar dos 38 anos. Mesmo já tendo parte de seus sonhos realizados, Wender não descansa: "Quero chegar a um clube de São Paulo".

O artilheiro Wender sonha com o sucesso em São Paulo

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Sinop 1 x Operário 0
Tangará 1 x Operário 2
Operário 0 x São José 0
Operário 3 x Sorriso 0
Vera 1 x Operário 4
Operário 2 x Vera 0
Operário 2 x Sinop 0
Operário 1 x Mixto 0
São José 2 x Operário 0
Mixto 2 x Operário 1
Operário 4 x Tangará 1
Sorriso 1 x Operário 0
Operário* 6 x Mixto 5
**Vencedor do primeiro turno*

SEGUNDO TURNO
Vila Aurora 0 x Operário 1
Juventude 0 x Operário 1
Dom Bosco 1 x Operário 1
Operário 3 x Barra do Garças 1
Dom Bosco 0 x Operário 0
Barra do Garças 0 x Operário 0
Operário 1 x Vila Aurora 0
Operário* 7 x Juventude 2
**Vencedor do Segundo Turno*

SEMIFINAIS
Sinop 2 x Operário 2
Operário 4 x Sinop 1

FINAIS
Dom Bosco 1 x Operário 3
★Operário 3 x Dom Bosco 2

O JOGO DO TÍTULO
11/junho/94
★**OPERÁRIO 3 x DOM BOSCO 2**
Local: Verdão (Cuiabá); **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas/MG; **Renda:** CR$ 55 364 000; **Público:** 18 141; **Gols:** Wender 30, Luís Carlos 34 do 1º; Carlos Fernandes 24, Wender 29 e 39 do 2º

OPERÁRIO: Agnaldo, Josenílson, Édson Luiz, Jailson e Ricardo Arandu; Ado, Andrade e Yuca; Rogério Uberaba (Marcelo Papagaio), Didi e Wender. **Técnico:** Célio Lara

DOM BOSCO: Carlos Alberto, Dinei, Marco Antônio, Paulo César Ferreira e Zé Valdo; Marcinho, Ernâni e Paulo César Jabuticaba; Serginho, Luís Carlos Apucarana e Niltinho. **Técnico:** Hélio Machado

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
25	16	5	4	51	23

OPERÁRIO *Campeão mato-grossense 1994*

PLACAR

AILTON SIQUEIRA

Em pé: Adrisson, Jaílson, Édson Luiz, Ado, Hernandez, Agnaldo, Ricardo Arandu e Victor; **agachados:** Josenílson, Andrade, Didi, Yuca, Rogério Uberaba, Marcelo Papagaio, Renatinho e Wender

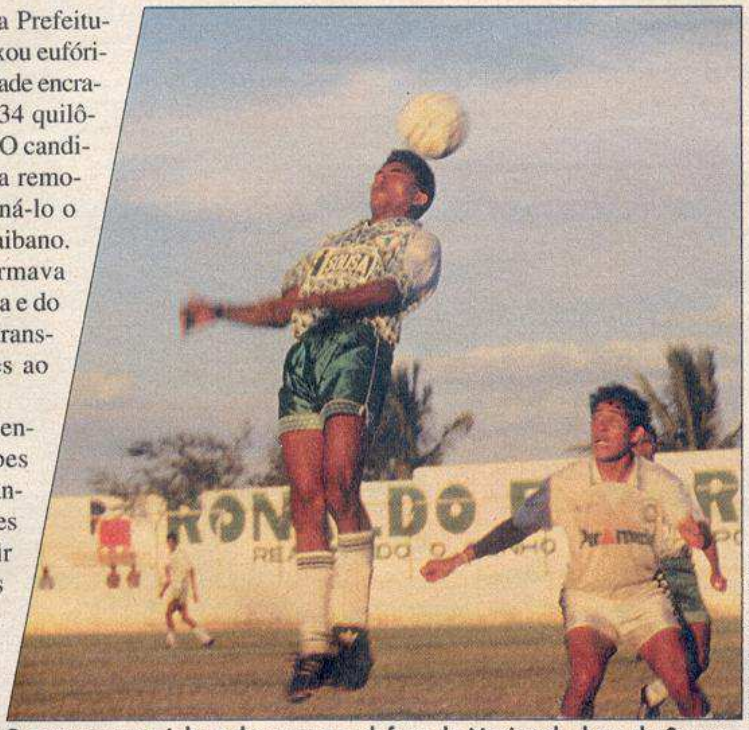
SOUSA - CAMPEÃO PARAIBANO

O sertão virou um mar de alegria

Em vez de chorar a seca, a Prefeitura de Sousa investiu em futebol e fez a festa para o primeiro título da cidade

A campanha eleitoral para a Prefeitura de Sousa, em 1992, deixou eufóricos os amantes do futebol da cidade encravada no sertão nordestino, a 434 quilômetros da capital João Pessoa. O candidato Mauro Abrantes prometia remodelar o Estádio Marizão e torná-lo o mais moderno do interior paraibano. Para completar, Abrantes afirmava que rechearia os cofres do Sousa e do Sociedade (os clubes locais), transformando-os em pretendentes ao título estadual.

"Promessa de campanha", pensavam os torcedores dos clubes adversários. Mas, eleito, Abrantes deixou de lado as prioridades do município e decidiu cumprir o prometido. Depois de dois anos de investimentos municipais, o Sousa surpreendeu os rivais: levantou o título da terceira fase do Estadual e entrou no quadrangular final com um ponto de bonificação.



OLENILDO NASCIMENTO

O centroavante Inha sobe contra a defesa do Nacional: show do Sousa

O responsável, além do dinheiro da Prefeitura, foi o técnico Dias Pereira. Contratado para atuar no meio-campo, Pereira — sentindo o peso de seus 41 anos — abandonou a carreira depois de quatro partidas e assumiu o cargo de treinador, lançando na equipe titular as boas revelações dos júniores, como o quarto-zagueiro Júlio César, o meia Wéverton e o atacante Dover. Com a experiência do zagueiro Wellington e do meia Inha, o time ganhou ainda mais força.

Para completar, o Sousa acabou beneficiado pela má fase dos grandes clubes do Estado. O Treze, por exemplo, ficou na 11ª colocação e acabou rebaixado. Assim, na reta de chegada, a revelação do sertão não enfrentou muitos problemas. Na última rodada, necessitava apenas de um empate contra o Atlético de Cajazeiras para garantir a taça. Com o resultado de 1 x 1, a fama de Sousa ser a cidade sorriso da Paraíba ficou confirmada nos rostos de cada um de seus habitantes. Tudo para fazer uma comemoração digna do primeiro título de sua história.

O MAESTRO

Filho de craque, craque é. Isso pelo menos é o que se pode deduzir do talento do meia Francisco Édson da Silva, o **Inha.** Filho do antigo centroavante Edílson, do Sociedade de Sousa, nos anos 60, Inha iniciou a carreira no Trespontano-MG e passou por um fracassado período de testes no Cruzeiro. Apenas no Sousa conseguiu revelar suas qualidades de grande armador, tornando-se o maestro da equipe. Mas sem se descuidar dos gols: foi o artilheiro do time, marcando doze vezes. "Só não sei se tenho o estilo de meu pai, pois não o vi jogando", conta o craque, nascido em 17 de setembro de 1972. Quem assistiu ao pai e ao filho em ação não tem dúvidas: o futebol é herança de família.

JUAREZ SILVA

Inha armou e fez gols: herança de família

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRA FASE
Esporte 2 x Sousa 2
Botafogo 0 x Sousa 1
Sousa 0 x Sociedade 1
Sousa 0 x Socremo 0
Treze 2 x Sousa 2
Sousa 1 x Guarabira 0
Sousa 2 x Esporte 1
Botafogo 1 x Sousa 0
Sousa 1 x Sociedade 0
Socremo 3 x Sousa 3
Sousa 1 x Treze 3
Guarabira 2 x Sousa 0
**Atlético vencedor da Primeira Fase*

SEGUNDA FASE
Auto Esporte 0 x Sousa 1
Sousa 1 x Campinense 1
Sousa 1 x Sociedade 1
Sousa 1 x Vila Branca 0
Sousa 1 x Nacional 0
Atlético1 x Sousa 0
Sousa 0 x Auto Esporte 1
Campinense 3 x Sousa 1
Vila Branca 2 x Sousa 2
Sousa 1 x Sociedade 0
Nacional 1 x Sousa 1
Sousa 1 x Atlético 0
Socremo 4 x Sousa 1
**Botafogo Vencedor da Segunda Fase*

TERCEIRA FASE
Botafogo 4 x Sousa 0
Sousa 5 x Campinense 1
Nacional 0 x Sousa 0
Sousa 0 x Sociedade 0
Socremo 2 x Sousa 1
Sousa 2 x Atlético 1
Sousa 4 x Esporte 0
Sousa 1 x Botafogo 0
Campinense 1 x Sousa 3
Sousa 2 x Nacional 0
Sociedade 0 x Sousa 0
Sousa 3 x Socremo 0
Atlético 2 x Sousa 2
Esporte 1 x Sousa 1
** Vencedor da Terceira Fase*

QUADRANGULAR
Atlético 0 x Sousa 1
Sousa 3 x Nacional 0
Botafogo 2 x Sousa 2
Sousa 2 x Botafogo 0
Nacional 1 x Sousa 2
★ Sousa 1 x Atlético 1

★ **O JOGO DO TÍTULO**
SOUSA 1 x ATLÉTICO 1
Local: Marizão (Sousa); **Juiz:** Genival Batista Júnior (PB); **Renda:** R$ 3 303; **Público:** 2 303; Gols: Dover 32 do 1º; Júnior 44 do 2º; **Cartão amarelo:** Júlio César, Wellington, Caçote, Biel, Coronel e Garrinchinha

SOUSA: Miranda (Ednaldo), Gi, Wellington, Júlio César e Wéverton; Rafael, Juninho e Inha; Caçote (Róbson Baiano), Hélder e Dover. Técnico: Dias Pereira
ATLÉTICO: Valério, Roberto Carlos, Biel, Fábio e Dário; Ricardo, Coronel e Garrinchinha; Cristóvão, Júnior e Edílson. **Técnico**: Jacinto

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
45	20	15	10	60	45

SOUSA Campeão paraibano 1994

PLACAR

Em pé: Miranda, Toninho, Nilson Lázaro, Róbson Baiano, Wellington, Neném, Gi, Ednaldo e Dinarte; **fila do meio:** Juninho, Gilmar, Júlio César, Dover, Wéverton, Caçote e Hélder; **agachados:** Batatinha, Rafael, Paulinho, Gadelha e Inha

CSA - CAMPEÃO ALAGOANO

Atacando até a cartolagem

Com a melhor campanha e um ataque digno dos esquadrões do passado, o CSA não deixou nem o regulamento atrapalhar sua caminhada

Qual time brasileiro seria capaz de fazer mais de cem gols em uma única temporada? Os torcedores poderiam se lembrar do Corinthians de 1951 ou do Santos de Pelé nas décadas de 50 e 60. Em 1994, no entanto, a glória cabe ao CSA de Alagoas, que anotou 109 gols em 43 partidas — média de 2,53 por jogo.

Mas a cartolagem alagoana quase atrapalhou a festa do clube. Isso porque elaborou um regulamento confuso que previa três turnos. O CSA conquistou os dois primeiros. Bastaria ganhar também o terceiro para ficar com o caneco, mas a perda da primeira fase deste turno forçou a realização de um jogo extra contra o rival CRB. Nele, o CSA teria que ganhar no tempo normal ou na prorrogação para evitar a realização de um octogonal. Na decisão, a vitória só veio no último minuto da prorrogação, quando o zagueiro Marcelo Soares aproveitou a sobra de um cruzamento para empurrar a bola para as redes e marcar o gol salvador. "O gol foi para provar que o título está muito bem entregue", vibrou Marcelo Soares em meio à festa da torcida.

O mais feliz, no entanto, era o treinador Natalívio Freitas. Eleito nas duas temporadas anteriores como o melhor técnico de Alagoas, apesar de, na época, dirigir o modesto Ipanema, Freitas exultava pela conquista do primeiro campeonato de sua carreira. "Sempre acreditei em meu trabalho", dizia, feliz. Com tanta competência e a juventude da equipe, toda formada em casa, o CSA aposta que vai repetir a festa nos próximos anos. A começar pelo sonhado bi em 1995.

JOSE RONALDO

Catanha, Dino e Wilson: a força do ataque de 109 gols

O ARTILHEIRO

JOSE RONALDO

O goleador Catanha: em busca do recorde alagoano

O atacante Henrique Guedes da Silva, o **Catanha,** quase se entristeceu com a conquista antecipada do CSA. "Se houvesse octogonal, eu seria o recordista de gols em Alagoas", lamenta, referindo-se ao recorde de Joãozinho Paulista (do CRB), que marcou 34 vezes em 1984. Contratado ao São Cristóvão-RJ no início do ano, o pernambucano Catanha marcou 31 gols. Mas com apenas 22 anos ainda há tempo para o recorde.

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Primeira fase
Comercial 0 x CSA 0
CSA 1 x Bom Jesus 0
CSA 3 x Capela 0
ASA 2 x CSA 6
CRB 1 x CSA 4
CSA 5 x Cruzeiro 2
CSA 2 x CSE 1
Linense 1 x CSA 5
Ipanema 0 x CSA 2
CSA * 1 x CRB 3
** Vencedor da primeira fase*
Segunda fase
Bom Jesus 1 x CSA 1
CSA 1 x Bom Jesus 0
Cruzeiro 1x CSA 2
CSA * 1 x Cruzeiro 1
** Vencedor da segunda fase e Campeão do Primeiro Turno*

SEGUNDO TURNO
Primeira fase
CSA 2 x Ipanema 1
Capela 1 x CSA 0
Bom Jesus 1 x CSA 2
CSE 0 x CSA 4
CSA 4 x Linense 0
CSA 2 x CRB 2
CSA 7 x Comercial 1
Cruzeiro 0 x CSA 2
CSA 7 x ASA 1
CRB 0 x CSA* 2
** Vencedor da primeira fase*
Segunda fase
Capela 2 x CSA 2
CSA 4 x Capela 2
CRB 0 x CSA 2
CSA* 0 x CRB 2
(na prorrogação, CSA 3 x 0)
** Vencedor da segunda fase e Campeão do Segundo Turno*

TERCEIRO TURNO
Primeira fase
CSA 1 x Capela 0
Linense 1 x CSA 6
CSA 3 x Cruzeiro 1
ASA 3 x CSA 3
CRB 1 x CSA 1
CSA 2 x Bom Jesus 0
Ipanema 0 x CSA 0
Comercial 0 x CSA 1
CSA 2 x CSE 2
CSA 1 x CRB * 2
** Vencedor da primeira fase*
Segunda Fase
CSA 4 x CSE 0
CSE 0 x CSA 3
CSA 0 x CRB 0
CRB 0 x CSA * 3
** Vencedor da segunda fase*

Decisão do Terceiro Turno
★ CRB 1 x CSA 1
(CSA 1 x 0, na prorrogação)

★ **O JOGO DO TÍTULO**
28/setembro/94
CRB 1 x CSA 1
(CRB 0 x CSA 1, na prorrogação)
Local: Rei Pelé (Maceió); **Juiz:** Manoel Francisco Cavalcante (AL); **Renda:** R$ 49 600; **Público:** 26 080; **Gols:** Hamílton 14, Wílson 20 do 1º; Marcelo Soares 15 do 2º da prorrogação; **Cartão amarelo:** Jorge Reis, Marcelo Soares, Valdo, Márcio, Jean, Wellington, Lourenço e Paulo César; **Expulsões:** Talvanes 25 do 2º, Carlos Limoeiro 14 do 1º da prorrogação, Alberto 6 e Hamílton 12 do 2º da prorrogação
CRB: Márcio, Jean, Carlos Limoeiro, Bartô e Júnior (Paulo César); Sílvio, Wellington e Elenílson; Édson, Hamílton e Lourenço (Ivanildo). **Técnico:** José Vergetti
CSA: Flávio, Talvanes, Alberto, Marcelo Soares e Ivan; Édson (Oséias), Jorge Reis e Lino; Wílson, Catanha e Dino (Valdo). **Técnico:** Natalívio Freitas

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
43	30	10	3	109	37

CSA Campeão alagoano 1994

PLACAR

JOSE RONALDO

Em pé: Lima, Ivan, Beu, Val, Filho e Flávio; **no meio:** Gérson, Valdo, Rivaldo, Catanha, Oséias, Lino, Talvanes, Wílson e Jorge Reis; **sentados:** Batista, Adalberto, Miguel, Dino, Mica e Edson

Um troféu para a garotada

Com apenas uma contratação reforçando a prata da casa, o time alcançou o segundo título, um feito inédito no Estado

FOTOS HORÁCIO MARINHO

A torcida invade o gramado e carrega a taça: festa para um segundo título histórico

A estratégia para a conquista do título amapaense parecia simples para os dirigentes do Ypiranga. Com quase todo o elenco composto por jovens formados no próprio clube, a diretoria decidiu apostar e contratou apenas um jogador: o experiente zagueiro Gilberto Cametá, ex-Remo-PA. Alguns torcedores até julgaram a decisão perigosa, mas os temores duraram pouco. Logo na estréia, a molecada segurou o empate em 0 x 0 com o São José — maior rival do Ypiranga — e deu mostras de que poderia vencer a disputa estadual.

A boa impressão da estréia confirmou-se nos dois primeiros turnos do Campeonato, que classificava os quatro melhores para o quadrangular decisivo. O Ypiranga obteve vitórias expressivas como os 3 x 0 contra o Macapá e os 6 x 2 sobre o Independente. Terminou a fase classificatória em primeiro lugar e entrou nas finais com um ponto de bonificação. Àquela altura, restavam apenas três partidas para o Ypiranga garantir seu segundo título estadual. Um recorde, já que o Campeonato Amapaense adotou o profissionalismo há apenas quatro anos e nenhum time havia ganho mais do que um título. Nos dois primeiros jogos que faltavam, empatou por 1 x 1 contra o Trem e venceu o São José por 3 x 2, assegurando a vantagem do empate no último e decisivo confronto, contra o Macapá. A torcida ainda levou um susto, quando o atacante Catita abriu o marcador para o Macapá. Mas a alegria alheia durou pouco. Aos 43 minutos do primeiro tempo, Gilberto Cametá empatou. O resultado assegurou a taça e já deixou os garotos sonhando acordados. Eles querem agora encantar o país na próxima Copa do Brasil, torneio que o Ypiranga ganhou o direito de disputar ao conquistar o título estadual.

KIT NASCIMENTO

O goleiro Tomás voa para agarrar a bola e garantir o empate do Ypiranga

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Ypiranga 0 x São José 0
Ypiranga 1 x Trem 1
Ypiranga 1 x Independente 0
Ypiranga 1 x Londrina 0
Ypiranga 1 x Cristal 1
Ypiranga 0 x Macapá 3

SEGUNDO TURNO
Ypiranga 1 x Londrina 0
Ypiranga 1 x Trem 1
Ypiranga 3 x São José 1
Ypiranga 3 x Cristal 1
Ypiranga 6 x Independente 2
Ypiranga 0 x Macapá 3

QUADRANGULAR FINAL
Ypiranga 1 x Trem 1
Ypiranga 3 x São José 2
★ Ypiranga 1 x Macapá 1

★ **O JOGO DO TÍTULO**
11/dezembro/94
YPIRANGA 1 x MACAPÁ 1
Local: Zerão (Macapá); **Juiz:** Francisco Santana Martins/AP; **Renda:** não fornecida; **Público:** não fornecido; **Gols:** Catita 6 e Gilberto Cametá 43 do 1º

YPIRANGA: Tomás, Barito, Mauro, Gilberto Cametá e Nerivaldo; Dengo, Jardel e Adaílton; Xereco, Bujuba e Rui. **Técnico:** Maranhão
MACAPÁ: Ivair, Sânderson, Bilon, Fofão e Catita; Zé Augusto, Juari e Juca; Nazareno, Zó e Cairo. **Técnico:** Manga

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
15	7	7	1	23	17

A SEGURANÇA

O zagueiro Gilberto Afonso Estumano Valente, ou **Gilberto Cametá** — apelido que recebeu por ter nascido na cidade paraense do mesmo nome — construiu quase toda a sua carreira no Remo, onde conquistou os Estaduais de 1991 e 1993. Uma rápida passagem pelo Trem-AP, em 1993, no entanto, alertou os dirigentes do Ypiranga, que necessitavam de um zagueiro eficiente. Cametá chegou como o único reforço da equipe e destacou-se por dar total segurança à defesa. Mesmo assim, foi no ataque que conquistou uma honra eterna: marcar o gol do título. Uma glória que os os torcedores do Ypiranga jamais esquecerão.

O zagueiro Gilberto Cametá: herói do gol do título

YPIRANGA Campeão amapaense 1994

PLACAR

HORÁCIO MARINHO

Em pé: César, Gilberto Cametá, Mauro, Tomás, Neirivaldo, Francinaldo e Roberto; **agachados:** Bujura, Jardel, Adaílton, Bebeto, Dengo, Bereco e Rui

A volta do gigante verde

Para apagar a péssima imagem de 1993, o Goiás retorna à Primeira Divisão do Brasileiro e ganha, na mesma temporada, seu 13º Campeonato Estadual

No final de 1992, os torcedores do Goiás exultavam de felicidade. Pela primeira vez, o time sagrava-se tricampeão estadual e, paralelamente, firmava-se como um tradicional personagem da Primeira Divisão do Brasileiro. Dois anos depois, ao iniciar o Campeonato Goiano, um terremoto parecia ter desmontado a estrutura do clube. A derrota no estadual de 1993 para o Vila Nova — seu maior rival — e o rebaixamento para a Série B do Brasileiro colocava o alviverde diante de apenas uma alternativa para 1994: vencer.

A diretoria ainda esbarrou em um problema. Sem dinheiro, teria que tentar o título com um time jovem. As duas exceções foram o centroavante Baltazar, o veterano *artilheiro de Deus*, 35 anos, e o lateral-direito Zé Teodoro, 31 anos, que começou no próprio Goiás e andou pelo São Paulo, Guarani e Fluminense. Com o toque de experiência dos dois veteranos e o entusiasmo da garotada, o Goiás colecionou ótimos resultados em 1994. Venceu 27 jogos, empatou treze e foi derrotado apenas cinco vezes no Estadual.

"Felizmente conseguimos montar um time bom e barato", alegra-se o presidente Rubens Brandão. Com o empate em 1 x 1 na primeira partida, uma vitória bastava para recuperar a supremacia do futebol goiano. E foi o que aconteceu. Baltazar abriu a contagem e um gol contra de Beto selou a vitória do Goiás. Com os 2 x 0, o time ergueu a taça, três semanas depois de confirmar seu retorno à Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro com o vice na Segundona. E mais: foi o 13º título goiano do alviverde que é, de novo, o maior papão do Estado, com um campeonato a mais que o rival Vila Nova. Assim, o Goiás entra 1995 novamente com pose de gigante.

FOTOS CARLOS COSTA

O meia Reidner ganha na disposição: a juventude ajudou o Goiás

O ARTILHEIRO

Baltazar: gols aos 35 anos

Baltazar esperou dezesseis anos para realizar um sonho: ser campeão do Estado onde nasceu. Quase chegou lá pelo Atlético, em 1978, quando fez 31gols no Estadual, recorde até hoje. Daí em diante, Baltazar Maria de Morais passou por Grêmio, Palmeiras, Flamengo, Botafogo, Celta da Espanha e foi artilheiro até do Campeonato Espanhol, em 1989, pelo Atlético Madrid. "Jamais me desliguei de Goiás", revela, aos 35 anos, o *artilheiro de Deus* e do Campeonato Goiano, com 25 gols, ao lado de Bé, do Vila Nova.

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRA FASE

Primeiro Turno
Goiás 2 x Piracanjuba 0
Anapolina 2 x Goiás 2
Inhumas 1 x Goiás 1
Goiás 4 x Pires do Rio 0
Goiás 0 x Rio Verde 0
Santa Helena 0 x Goiás 2
Goiás 5 x Luziânia 1
Itumbiara 3 x Goiás 1
Goiás 1 x Goiatuba 0
Goiás 5 x Jataiense 1
Anápolis 2 x Goiás 2
Goiás 0 x Vila Nova 0
Goiás 4 x Crac 0
Goiás 2 x Caldas 2
Quirinópolis 1 x Goiás 1
Goiás 4 x América 1
Goiás 1 x Atlético 0

Segundo Turno
Piracanjuba 0 x Goiás 0
Goiás 2 x Anapolina 2
Goiás 2 x Inhumas 0
Pires do Rio 0 x Goiás 2
Rio Verde 1 x Goiás 3
Goiás 0 x Santa Helena 0
Luziânia 0 x Goiás 1
Goiás 2 x Itumbiara 1
Goiatuba 3 x Goiás 5
Jataiense 0 x Goiás 1
Goiás 1 x Anápolis 0
América 1 x Goiás 1
Vila Nova 2 x Goiás 1
Atlético 0 x Goiás 1
Crac 3 x Goiás 4
Caldas 0 x Goiás 1
Goiás 4 x Quirinópolis 0

SEGUNDA FASE

Primeiro Turno
Goiás 3 x Atlético 2
Caldas 1 x Goiás 1
Anápolis 1 x Goiás 3
Goiás 2 x Itumbiara 0

Segundo Turno
Goiás 3 x Anápolis 0
Atlético 4 x Goiás 2
Goiás 1 x Caldas 0
Itumbiara 1 x Goiás 0

Semifinais
Goiás 3 x Atlético 2

Finais
Goiás 1 x Vila Nova 1
★ Vila Nova 0 x Goiás 2

★ O JOGO DO TÍTULO

18/dezembro/1994
VILA NOVA 0 X GOIÁS 2
Local: Serra Dourada (Goiânia); **Juiz:** Antonio Pereira da Silva (GO); **Renda:** R$162 045; **Público:** 26 690; **Gols:** Baltazar 29 e Beto (contra) 41 do 2º; **Cartões amarelos:** Guará e Beto. **Expulsão:** Paulo Silva 17 do 2º
VILA NOVA: Josenildo, Jorge Rauli, Paulo Silva, Marcelo e Célio Gaúcho; Beto, Fabinho (Cacá 6 do 2º) e Tim; Rubinho (Luciano Goiano 35 do 2º), Bé e Luciano Mineiro. **Técnico:** Roberval Davino
GOIÁS: Kléber, Zé Teodoro, Márcio, Luis Carlos e Augusto; Reidner, Romeu e Guará (Marcelo Batista 13 do 2º); Adriano, Baltazar e Émerson. **Técnico:** Wálter Nascimento

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
45	27	13	5	87	39

GOIÁS Campeão goiano 1994

PLACAR

CARLOS COSTA

Em pé: Adélson, Zé Teodoro, Augusto, Márcio, Flávio, Luís Carlos e Kléber; **agachados:** Paulinho, Reidner, Evandro, Baltazar e Émerson

Conquista para a história

Em um Campeonato longo, confuso e mal elaborado, o Colorado se dá bem e fatura seu 32º título estadual

FOTOS NICO ESTEVES

Dinei ganha mais uma contra o Veranópolis: vitória que valeu o título

Quem, no futuro, se lembrará do Gaúchão 94? Boa parte dos torcedores certamente terão preferido esquecer este que é considerado o pior Estadual de todos os tempos no Rio Grande do Sul. Longo (durou nove meses), contestado (Grêmio e Inter tinham as vagas garantidas para a Copa do Brasil independentemente da colocação final da competição) e tão absurdo que, num mesmo dia, 11 de dezembro, o Grêmio foi obrigado a jogar três vez: às 14 horas, enfrentou o Aimoré (0 x 0); às 16, o Santa Cruz (4 x 3); e, às 18, o Brasil (1 x 0). Mas toda essa série de trapalhadas acabará na lata de lixo, já que o Internacional se tornou pela 32ª vez campeão. E isso, na verdade, é o que permanecerá na história.

Porém, verdade seja dita, o Inter só passou a valorizar o Gauchão depois de eliminado da Copa do Brasil e do Brasileirão. Mesmo assim, dos 44 jogos realizados, venceu 26, empatou quinze e perdeu apenas três. Marcou 66 gols e sofreu dezoito. Uma bela campanha para uma equipe que trocou de técnico três vezes. Começou com Antônio Lopes, continuou com Procópio Cardoso e terminou com Cláudio Duarte.

Na partida que definiu o título — duas antes da rodada final —, o Colorado venceu o Veranópolis por 1 x 0 e realizou modesta festa para os 3 347 torcedores que estiveram no Beira-Rio. E no último Gre-Nal do Campeonato, o Inter faturou o rival por 4 x 1. Nas comemorações, o zagueiro Alex era um dos mais exaltados: "Valeu o esforço". Verdade: o Inter fez história.

O GUERREIRO

Argel é um lutador. O zagueiro Argélico Fuchs comanda o time como os velhos xerifes, embora tenha apenas 20 anos de idade. Aguerrido, destacou-se pela disposição em campo e, principalmente, por exercer uma liderança incontestável, o que lhe valeu até a convocação para a Seleção Pré-Olímpica. Em toda a campanha, Argel só não participou de três jogos, um deles, inclusive, o do título contra o Veranópolis. "Estava cumprindo suspensão", lamenta. No Gauchão, marcou apenas dois gols: "O que me atrapalhou foi a trave", brinca.

O zagueiro Argel: Seleção nele

A JORNADA DO CAMPEÃO

Brasil (Farroupilha) 0 x 0 Inter
Inter 1 x 0 Bagé
Inter 4 x 0 Guarany (Cruz Alta)
Juventude 0 x 0 Inter
Pelotas 1 x 3 Inter
Inter 1 x 0 São Paulo
Inter 1 x 0 Guarany (Garibaldi)
Aimoré 0 x 4 Inter
Inter 2 x 1 Grêmio Santanense
Santa Cruz 0 x 0 Inter
Lajeadense 1 x 1 Inter
Inter 3 x 1 Guarani (Venâncio Aires)
Veranópolis 1 x 2 Inter
Inter 1 x 0 Grêmio
Ypiranga 0 x 0 Inter
Inter 6 x 0 São Luiz
Inter 0 x 0 Glória
Esportivo 0 x 3 Inter
Inter 0 x 0 Brasil (Pelotas)
Inter 3 x 0 Inter (Santa Maria)
Caxias 1 x 0 Inter
Inter 2 x 0 Lajeadense
Passo Fundo 0 x 1 Inter
Inter 0 x 0 Santa Cruz
Guarany (Garibaldi) 0 x 3 Inter
Inter 1 x 1 Brasil (Far)
Bagé 0 x 0 Inter
Inter 2 x 1 Ypiranga
Inter 2 x 0 Pelotas
Inter (Santa Maria) 2 x 1 Inter
São Paulo 1 x 1 Inter
Inter 1 x 0 Esportivo
Inter 1 x 0 Aimoré
Inter 0 x 0 Caxias
Glória 1 x 2 Inter
Brasil (Pelotas) 0 x 0 Inter
Inter 4 x 1 Passo Fundo
Guarani (Venâncio Aires) 1 x 1 Inter
São Luiz 0 x 2 Inter
Guarany (Cruz Alta) 1 x 2 Inter
Grêmio Santanense 0 x 0 Inter
★ Inter 1 x 0 Veranópolis
Inter 0 x 1 Juventude
Grêmio 1 x 4 Inter

O JOGO DO TÍTULO
13/dezembro/1994
★ **INTER 1 x 0 VERANÓPOLIS**
Local: Beira-Rio; **Juiz:** Antônio Guerra (RS); **Renda:** R$ 1 344; **Público:** 3348; **Cartão Amarelo:** Alex, Caíco, Dinei, Fábio e Caçapava; **Gol:** Dinei 10 do 2º
INTER: Sérgio, Winck, Jairo, Alex e Zinho (Zózimo 31 do 2º); Luiz Fernando, Souza, Celso Vieira (Luis Fernando Gomes, intervalo) e Caíco; Leandro, Nando e Dinei. **Técnico:** Cláudio Duarte
VERANÓPOLIS: Gilmar, Júlio César, Sidnei, André (Luiz Antônio 8 do 2º) e Fábio; Maurício, Riva e Caçapava; Carlinhos, Sandro e Lucianinho. **Técnico:** Tite

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
44	26	15	3	66	18

INTERNACIONAL campeão gaúcho 1994

PLACAR

VALDIR FRIOLIN/ZH

Em pé: Luís Carlos Winck, Jairo, Luiz Fernando, Alex, Zinho e Sérgio; **agachados:** Caíco, Celso Vieira, Leandro, Nando e Dinei

Reação com raça e valentia

Depois de um início recheado de dificuldades, o Maranhão encontra forças para reagir e dá mais uma alegria para sua galera

R. CAVALCANTI

Com sete gols, o atacante Dindô caiu nas graças da torcida e se transformou no herói do time

Tudo conspirava para que o Campeonato Maranhense de 1994 fosse o melhor da história. Afinal, antes do início da competição, clubes, federação e imprensa se reuniram para tentar elaborar uma fórmula de disputa menos complicada e, conseqüentemente, mais atraente para o torcedor. Apesar de tanta boa vontade, o desentendimento falou mais alto e nada foi conseguido. Assim, o público continuou sem interesse. Pior: dois clubes do interior — Imperatriz e Bacabal — recusaram-se a entrar em campo na capital São Luís. Foram punidos com a perda de todos os pontos e com a eliminação do próximo Campeonato Estadual.

Mas em meio a tanta confusão, destacou-se o futebol alegre e agressivo do Maranhão, que soube contornar suas dificuldades e arrancar o bicampeonato estadual. Com grande parte do elenco emprestado a equipes de outros Estados, o clube teve que se valer do talento dos garotos vindos de suas divisões inferiores. Mas, de saída, o time decepcionou ao empatar um e perder três dos quatro clássicos disputados contra Sampaio Corrêa e Moto Clube. Aos poucos, o sonho da conquista parecia virar um pesadelo.

A reação, contudo, não tardou e o Maranhão obteve o mérito de quebrar a invencibilidade do Moto Clube, aplicando-lhe humilhantes 4 x 2. Mas o ânimo que faltava só renasceu mesmo com o retorno de alguns jogadores emprestados, caso do lateral Marcos e do volante César. Além disso, o técnico Luciano Sabino assumiu o cargo em substituição a Zé Carlos, que permaneceu no clube na função de auxiliar técnico. Com sangue novo, a equipe se reabilitou e pôde comemorar uma histórica goleada de 6 x 1 sobre o rival Sampaio Corrêa. Era o incentivo que o Maranhão precisava para voltar a enfrentar na final o mesmo Sampaio Corrêa. Na melhor de quatro pontos, o Maranhão empatou o primeiro jogo, venceu o segundo por 1 x 0 e bastou empatar o terceiro em 0 x 0 para sagrar-se bicampeão. Num jogo difícil e de muita pressão do adversário, os jogadores do Maranhão tiveram tranqüilidade para levar o 0 x 0 até o final. A invasão da torcida e a festa que tomou São Luís davam a dimensão da alegria maranhense.

ARTILHEIRO

O atacante Francisco Ozeni Souto, **o Dindô,** 23 anos, iniciou a temporada de 1994 disposto a resolver um crônico problema do Maranhão: a falta de gols. Em todo o Campeonato, anotou sete tentos que garantiram ao time a chegada à final. Também encantou a torcida por seu futebol explosivo, veloz e habilidoso. Mas principalmente pela fome de gols que lhe granjearam a fama de um implacável matador.

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Maranhão 0 x Moto Clube 3
Sampaio Corrêa 1 x Maranhão 1
Maranhão 2 x Boa Vontade 1
Maranhão 0 x Sampaio Corrêa 1
Moto Clube 0 x Maranhão 1

OCTOGONAL
Maranhão 3 x Caxiense 0
Sampaio Corrêa 1 x Maranhão 0
Maranhão 4 x Moto Clube 2
Imperatriz 2 x Maranhão 2
Maranhão 2 x Bacabal 0
Maranhão 3 x Coroatá 1
Maranhão 3 x Tupan 0

SEGUNDA FASE
Maranhão 0 x Porto Franco 0
Caxiense 1 x Maranhão 0
Maranhão 0 x Moto Clube 2
Sampaio Corrêa 1 x Maranhão 6

FINAL
Maranhão 0 x Sampaio Corrêa 0
Sampaio Corrêa 0 x Maranhão 1
★Maranhão 0 x Sampaio Corrêa 0

★O JOGO DO TÍTULO
18/dezembro/1994
MARANHÃO 0 x SAMPAIO CORRÊA 0
Local: Estádio Castelão (São Luís); **Juiz:** Domingos Macedo (MA); **Renda:** não fornecida; **Público:** não fornecido; **Cartão Amarelo:** Paulo César, Reginaldo, Oliveira Lima, Cleiton, Jackson, Lúcio Surubim e Filho; **Expulsão:** Ica 43 do 2º
MARANHÃO: Raimundo, Marcos, Carlinhos, Oliveira Lima e Reginaldo; Lúcio Surubim, César e Marlon (Léo 31 do 2º); Jackson, Dindô (Zé Roberto 23 do 2º) e Álvaro. **Técnico:** Luciano Sabino
SAMPAIO CORRÊA: Ronilson, Carlinhos (Piti 11 do 2º), Paulo César, Ragner e Filho; Evandro (Cleiton 8 do 2º), Baica e Ica; Mael, Valdo e Robertinho. **Técnico:** Izone Carvalho.

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
19	9	5	5	28	16

MARANHÃO *bicampeão maranhense 1993/94*

PLACAR

Em pé: Oliveira Lima, Magu, Marlon, Carlinhos e Raimundo; **agachados:** Léo, Reginaldo, Jackson, Dindô, Álvaro e Zé Roberto

O tetra chega ao nordeste

Los Angeles é Aracaju: no ano do quarto mundial da Seleção, o Sergipe ganha seu quarto campeonato seguido

O ano de 1994 começou com um sonho para o Sergipe. O título estadual significava o primeiro tetracampeonato de sua história, aproximando-se do Itabaiana, o único a conquistar um pentacampeonato no Estado (entre 1978 e 1982). Mais do que isso, fazia seus torcedores comemorar o segundo tetra do ano, depois de acompanharem Romário & Cia. brilhando nos Estados Unidos. A única preocupação parecia ser decifrar o confuso regulamento criado pelos atabalhoados dirigentes da Federação local.

O que parecia ser o único problema no início da temporada, acabou tornando-se apenas uma das várias dificuldades. Com contratações modestas, o Sergipe colecionou maus resultados na primeira fase, trocou de técnico três vezes e terminou essa etapa do Campeonato atrás do Confiança. Por isso, o time precisou correr atrás do prejuízo. Começou reforçando o elenco com alguns jogadores experientes como o centroavante Matias (ex-Portuguesa-SP) e o meio-campista Elenílson (ex-CRB-AL).

A partir daí, o Sergipe não tomou conhecimento dos adversários e entrou na fase final com tudo. Apesar da derrota por 3 x 2 contra o Confiança, ao Sergipe bastava só um empate contra o Itabaiana. Foi o que aconteceu no Estádio Batistão, em Aracaju. O Sergipe conseguiu o resultado de 0 x 0, suficiente para a torcida pintar as ruas de Aracaju de vermelho e branco. Tudo para comemorar a maior conquista da história do clube: um tetracampeonato feito de emoção do início ao fim.

FOTOS LUIZ CARLOS MOREIRA

O Sergipe desce pela direita: conquista com emoção do começo ao fim

O ARTILHEIRO

Ele foi um tormento para todas as defesas rivais. Deslocava-se pelos dois lados do gramado, em alta velocidade e com um faro de gol extraordinário. Aos 22 anos, Job **Marcelo** de Jesus, encantou sua torcida e consagrou-se como o principal goleador da temporada, com 25 gols. Apontado como revelação do futebol local, o atacante já sonha com uma transferência. "Quero me realizar financeiramente", diz. Para isso, conta com a vantagem de ser o dono de seu passe, depois de passar por clubes como o Santa Cruz de Estância-SE, União de Propriá-SE, Tanabi-SP e Itabaiana-SE. Difícil será convencer a diretoria do Sergipe, que tem prioridade na compra de seu passe, a liberar o artilheiro para algum outro clube.

Marcelo: prioridade do clube

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Fase Classificatória
Sergipe 1 x Gararu 0
Cotinguiba 2 x Sergipe 1
Sergipe 6 x América 0
Itabaiana 1 x Sergipe 1
Sergipe 3 x São Cristóvão 1
Maruinense 0 x Sergipe 0
Sergipe 2 x Vasco 0
Dorense 0 x Sergipe 1
Sergipe 1 x Confiança 2
Gararu 0 x Sergipe 0
Sergipe 3 x Cotinguiba 1
América 1 x Sergipe 1
Sergipe 2 x Itabaiana 2
São Cristóvão 0 x Sergipe 1
Sergipe 2 x Maruinense 1
Vasco 1 x Sergipe 1
Sergipe 6 x Dorense 0
Confiança * 1 x Sergipe 1
* Vencedor da Fase Classificatória

Quadrangular
Maruinense 1 x Sergipe 1
Sergipe 3 x Itabaiana 2
Confiança 3 x Sergipe 3
Sergipe 1 x Maruinense 0
Itabaiana 1 x Sergipe 1
Sergipe * 3 x Confiança 1
* Vencedor do Quadrangular

SEGUNDO TURNO
Fase Clasificatória
Sergipe 2 x Gararu 0
Cotinbuiga 1 x Sergipe 3
Sergipe 2 x América 0
Itabaiana 1 x Sergipe 2
Sergipe 2 x São Cristóvão 0
Maruinense 0 x Sergipe 0
Sergipe 1 x Vasco 1
Dorense 2 x Sergipe 2
Sergipe 2 x Confiança 1
Sergipe 2 x Cotinguiba 1
América 1 x Sergipe 1
São Cristóvão 0 x Sergipe 1
Gararu 0 x Sergipe 1
Sergipe 1 x Maruinense 1
Vasco 0 x Sergipe 1
Sergipe 4 x Dorense 0
Sergipe 0 x Itabaiana 1
Confiança 1 x Sergipe * 2
*Vencedor da Fase Classificatória

Quadrangular
Sergipe 0 x Confiança 0
Maruinense 2 x Sergipe 0
Itabaiana 2 x Sergipe 3
Sergipe 1 x Maruinense 1
Sergipe 4 x Itabaiana 2
Confiança 0 x Sergipe 0
* Maruinense vencedor do Quadrangular

Quadrangular Final
Sergipe 3 x Maruinense 1
Itabaiana 1 x Sergipe 2
Sergipe 2 x Confiança 3
Maruinense 0 x Sergipe 0
★ Sergipe 0 x Itabaiana 0
Confiança 1 x Sergipe 1

★ O JOGO DO TÍTULO

16/dezembro/94
SERGIPE 0 X ITABAIANA 0
Local: Batistão (Aracaju); **Juiz:** Alberto Róbson Santos Oliveira/SE; **Renda:** R$ 19 115,50; **Público:** 3800; **Cartão amarelo:** Elenílson e Reginaldo; **Cartão vermelho:** Toté, Denílson, Pedro Costa
SERGIPE: Dílson, Careca, Édson, Denílson e Gildásio (Hamílton 15 do 2º); Osvaldo, Alemão e Elenílson (Paulo Sérgio 28 do 2º); Léniton, Marcelo e Roberto. **Técnico:** Mauro Fernandes
ITABAIANA: Carlos, Assis, Geovani, Toté e Róbson; Reginaldo, Nílson Pedrinhas, Boguito e Éverton; Wílson (Aílton 33 do 2º) e Pedro Costa. **Técnico:** Luís Pondé

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
54	28	21	5	90	45

SERGIPE *tetra campeão sergipano 91/92/93/1994*

PLACAR

LUIZ CARLOS MOREIRA

Em pé: Hamílton, Adílson Pernambucano, Vítor, Gildásio, Osvaldo, Edson, Careca, Denílson, Carlos Henrique, Júnior e Dílson; **agachados:** Marcelo, Roberto Micheli, Alemão, Lenílton e Elenílson

Valeu esperar duas décadas

Depois de 19 anos de jejum, o clube comemora uma conquista histórica e recupera o título para Florianópolis

Foi o mais longo e atabalhoado Campeonato dos últimos tempos. Desde seu início, no longínquo 18 de fevereiro de 1994, passaram-se 259 jogos em dez meses de disputa, incluindo partidas durante a Copa do Mundo e uma paralisação para o Criciúma poder participar do Brasileirão. A maratona não agradou ao público — a média por jogo foi pouco superior a 1300 pagantes.

Quem acompanhou a temporada, terminou o ano com uma certeza: Deus ama o futebol. Afinal, só um milagre pode explicar que tamanha confusão terminasse com uma das finais mais empolgantes da história. Vencendo fora de casa a primeira partida decisiva por 1 x 0, e confirmando o título em Florianópolis com um 2 x 0, diante de sua sofrida torcida, o Figueirense recuperou a taça ganha pela última vez em 1974. Foi o nono Campeonato Catarinense do clube, que já havia experimentado outro longo jejum. Depois de faturar o campeonato de 1941, o Figueirense só voltou a vencer em 1972.

A conquista deste ano também quebrou a hegemonia do futebol do interior — um time da capital Florianópolis não se sagrava campeão do Estado desde 1988, quando o Avaí ergueu a taça.

FOTOS ANTONIO C. MAFALDA

O Figueirense na batalha contra o Criciúma: valentia em campo

E a campanha do Figueirense foi marcada pela luta e pela capacidade de superação. O time passou quase toda a competição entre o terceiro e o sexto lugares, às voltas com sérios problemas, como a devolução de vários jogadores emprestados. Para piorar, o artilheiro Barbosa, contundido, deixou a equipe na reta de chegada. O time parecia sem forças para reagir, mas o técnico Lula Pereira soube motivar seus jogadores. "Eles executaram em campo tudo o que planejamos", vibrava após a vitória final. Entusiasmados com a conquista, os torcedores invadiram o gramado aos 36 minutos do segundo tempo e impediram o final da partida. E agora ninguém agüenta esperar pelo bi em 1995.

O DESTAQUE

O símbolo da conquista do Figueirense após duas décadas de sofrimento tinha de ser alguém com uma força interior muito grande. Tal qualidade foi encontrada no alagoano **Flávio** de Pádua Costa, 22 anos. O atacante superou a infância pobre para vencer no futebol. "Estou vivendo o maior momento de minha vida", festejou na final. Contratado no começo do ano, ficou na reserva. Com a contusão do titular Barbosa, Flávio recebeu a espinhosa missão de substituir o goleador. Marcou cinco vezes, aparecendo em momentos decisivos para levar o Figueirense ao título. "Ser campeão era meu sonho de menino", desabafou.

Flávio entrou no time na reta final: sonho de menino

A JORNADA DO CAMPEÃO

PRIMEIRO TURNO
Atlético 3 x Figueirense 3
Figueirense 2 x Araranguá 1
Chapecoense 1 x Figueirense 0
Figueirense 0 x Marcílio Dias 1
Blumenau 1 x Figueirense 3
Figueirense 2 x Tubarão 1
Figueirense 1 x Caçadorense 0
Concórdia 2 x Figueirense 1
Joaçaba 1 x Figueirense 3
Figueirense 4 x Criciúma 1
Juventus 1 x Figueirense 0
Figueirense 4 x Inter 0
Joinville 0 x Figueirense 0

RETURNO
Figueirense 2 x Atlético 0
Araranguá 2 x Figueirense 0
Figueirense 5 x Chapecoense 0
Marcílio Dias 2 x Figueirense 1
Figueirense 0 x Blumenau 1
Tubarão 0 x Figueirense 0
Caçadorense 1 x Figueirense 1
Figueirense 3 x Concórdia 2
Figueirense 1 x Joaçaba 1
Criciúma 1 x Figueirense 1
Figueirense 5 x Juventus 0
Inter 1 x Figueirense 1
Figueirense 1 x Joinville 0

SEGUNDA FASE
Figueirense 1 x Tubarão 1
Joinville 1 x Figueirense 1
Criciúma 2 x Figueirense 3
Figueirense 2 x Joinville 2
Tubarão 0 x Figueirense 2
Figueirense 1 x Criciúma 1
Juventus 2 x Figueirense 0
Figueirense 0 x Juventus 0

TERCEIRA FASE
Figueirense 1 x Blumenau 2
Marcílio Dias 1 x Figueirense 1
Figueirense 2 x Criciúma 0
Criciúma 3 x Figueirense 1
Blumenau 2 x Figueirense 0
Figueirense 5 x Marcílio Dias 0

SEMIFINAIS
Figueirense 2 x Juventus 0
Juventus 1 x Figueirense 1

FINAIS
Criciúma 0 x Figueirense 1
★ Figueirense 2 x Criciúma 0

★O JOGO DO TÍTULO
FIGUEIRENSE 2 X CRICIÚMA 0
Local: Estádio Orlando Scarpelli (Florianópolis); **Juiz:** Dalmo Bozzano (SC); **Renda:** R$ 142 113; **Público:** 19 248; **Gols:** Ricardo 17 e (pênalti) 23 do 1º; **Cartão amarelo:** Biro-Biro, Sílvio e Paulo da Pinta; **Expulsão:** Mário

FIGUEIRENSE: Rogério, Felício, Gelásio, Solis e Coutinho; Gilmar Serafim, Mário e Ricardo; Biro-Biro (Oliveira), Flávio e Narciso. **Técnico:** Lula Pereira

CRICIÚMA: Roni, Daniel Júnior, Vilmar (Carlos Henrique), Wilson e Sílvio; Alexandre Lopes, Paulo da Pinta e Daniel; Maringá (Marcos Gaúcho), Dauri e Jairo Lenzi. **Técnico:** Lori Sandri

RESUMO DA CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
44	19	14	11	70	42

FIGUEIRENSE *campeão catarinense 94*

PLACAR

ANTONIO C. MAFALDA

Em pé: Rogério, Gilmar Serafim, Gelásio, Coutinho, Solis, e Luisinho; **agachados:** Flávio, Mário, Narciso, Ricardo e Biro-Biro

BOCA DO LEITOR

Artilheiros do Rio

Eu e mais dois pesquisadores — Herbert Trinta Filho e Roberto Nahal — recorremos a diversos jornais cariocas desde 1906 e fizemos um levantamento completo de todos os artilheiros dos Campeonatos do Rio de Janeiro, o que nos levou a inúmeras descobertas, como os 12 x 0 do Paysandu sobre o Mangueira em 1912, com oito gols de Harry Robinson, o verdadeiro artilheiro daquele campeonato da Liga Metropolitana de Football.

Pedro Varanda
Rio de Janeiro, RJ

EU QUERIA SABER

Os argentinos

Solicito a publicação da lista de todos os campeões dos torneios argentinos Apertura e Clausura. Aliás, por que na Argentina existem dois Campeonatos Nacionais a cada temporada ?

João Evangelista Ottoni
Campinas, SP

CAMPEONATO ARGENTINO

Disputado desde 1893, o Campeonato Argentino se tornou profissional em 1931, quando se dividiu em duas ligas — Associação Argentina de Futebol (AAF) e Liga Argentina de Footbaal (LAF). Em 1935 surgia a Associação de Futebol Argentino (AFA). Daí até 1966 foi disputada uma competição por temporada. Em 1967 estreava o Campeonato Metropolitano, reunindo apenas clubes da região de Buenos Aires, por sinal, os principais do país. Este torneio — realizado pela última vez em 1984 — chegou a ser considerado mais importante do que o nacional. No ano seguinte, o calendário argentino foi sincronizado com o europeu, começando em meados de um ano e terminando em meados do ano seguinte. Surgiram então os torneios Apertura, disputado no segundo semestre, e Clausura, realizado no primeiro semestre. No início, eram apenas turnos, com o título argentino sendo decidido entre seus vencedores. A partir da temporada 1990/91, Apertura e Clausura passaram a valer o título nacional, separadamente. Por isso, o país tem dois campeões por temporada e ambos se classificam para a Taça Libertadores.

	ANO	CAMPEÃO
CLAUSURA	1991/92	River Plate
	1992/93	Boca Juniors
	1993/94	River Plate
APERTURA	1991/92	Newell's Old Boys
	1992/93	Vélez Sarsfield
	1993/94	Independiente

OS GOLEADORES CARIOCAS

ANO	ARTILHEIRO	CLUBE	GOLS
1906	Horácio Costa	Fluminense	18
1907	Flávio Ramos	Botafogo	6
1908	Emílio Etchegaray	Fluminense	
	Edwin Cox	Fluminense	13
1909	Flávio Ramos	Botafogo	16
1910	Abelardo de Lamare	Botafogo	22
1911	James Calvert	Fluminense	5
1912	Henry Robinson	Paysandu (LMSA)	24
	Mimi Sodré	Botafogo (AFRJ)	12
1913	Mimi Sodré	Botafogo	13
1914	Ojeda	América	
	Welfare	Fluminense	
	Riemer	Flamengo	9
1915	Welfare	Fluminense	19
1916	Aluizio	Botafogo	12
1917	Luiz Menezes	Botafogo	16
1918	Luiz Menezes	Botafogo	21
1919	Braz de Oliveira	São Cristovão	24
1920	Arlindo	Botafogo	
	Claudionor	Bangu	17
1921	Nonô	Flamengo	11
1922	Pastor	Bangu	10
1923	Nonô	Flamengo	17
1924	Telê	Andaraí (LMDT)	16
	Nilo	Fluminense (Amea)	28
1925	Nonô	Flamengo	27
1926	Vicente	São Cristovão	25
1927	Nilo	Botafogo	30
1928	Vicente	São Cristovão	
	Telê	Andaraí	20
1929	Russinho	Vasco	
	Telê	América	23
1930	Preguinho	Fluminense	
	Ladislao	Bangu	20
1931	Russinho	Vasco	17
1932	Preguinho	Fluminense	21
1933	Nilo	Botafogo (Amea)	19
	Tião	Bangu (LCF)	13
1934	Alfredinho	Flamengo (LCF)	10
	Bianco	Andaraí (Amea)	13
1935	Ladislao	Bangu (FMD)	18
	China	Bonsucesso (LCF)	16
1936	Carvalho Leite	Botafogo (FMD)	15
	Hércules	Fluminense (LCF)	23
1937	Niginho	Vasco	25
1938	Carvalho Leite	Botafogo	
	Leônidas	Flamengo	16
1939	Carvalho Leite	Botafogo	22
1940	Leônidas	Flamengo	30
1941	Pirillo	Flamengo	39
1942	Heleno de Freitas	Botafogo	28
1943	João Pinto	São Cristovão	26
1944	Geraldino	Canto do Rio	19
1945	Lelé	Vasco	15
1946	Rodrigues	Fluminense	28
1947	Dimas	Vasco	18
1948	Otávio	Botafogo	
	Orlando	Fluminense	21
1949	Ademir	Vasco	30
1950	Ademir	Vasco	25
1951	Carlyle	Fluminense	23
1952	Zizinho	Bangu	
	Menezes	Bangu	19
1953	Benitez	Flamengo	22
1954	Dino da Costa	Botafogo	24
1955	Paulinho	Flamengo	23
1956	Waldo	Fluminense	22
1957	Paulo Valentim	Botafogo	22
1958	Quarentinha	Botafogo	20
1959	Quarentinha	Botafogo	25
1960	Quarentinha	Botafogo	25
1961	Amarildo	Botafogo	18
1962	Saulzinho	Vasco	18
1963	Bianchini	Bangu	18
1964	Amoroso	Fluminense	19
1965	Amoroso	Fluminense	10
1966	Paulo Borges	Bangu	16
1967	Paulo Borges	Bangu	13
1968	Roberto	Botafogo	13
1969	Flávio	Fluminense	15
1970	Flávio	Fluminense	18
1971	Paulo César Caju	Botafogo	11
1972	Doval	Flamengo	16
1973	Dario	Flamengo	15
1974	Luisinho	América	20
1975	Zico	Flamengo	30
1976	Doval	Fluminense	20
1977	Zico	Flamengo	27
1978	Zico	Flamengo	
	Cláudio Adão	Flamengo	
	Roberto	Vasco	19
1979	Zico	Flamengo	34
1979	(Especial) Zico	Flamengo	26
1980	Cláudio Adão	Fluminense	20
1981	Roberto	Vasco	31
1982	Zico	Flamengo	21
1983	Luisinho	América	22
1984	Baltazar	Botafogo	
	Cláudio Adão	Bangu	12
1985	Roberto	Vasco	12
1986	Romário	Vasco	20
1987	Romário	Vasco	16
1988	Bebeto	Flamengo	17
1989	Bebeto	Flamengo	18
1990	Gaúcho	Flamengo	14
1991	Gaúcho	Flamengo	17
1992	Ézio	Fluminense	15
1993	Valdir	Vasco	19
1994	Charles	Flamengo	
	Túlio	Botafogo	14

LMF - *Liga Metropolitana de Fottball (1906 a 1907)*
LMSA - *Liga Metropolitana de Sports Atléticos (1908 a 1916)*
AFRJ - *Associação de Football do Rio de Janeiro (1912)*
LMDT - *Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (1917 a 1924)*
Amea - *Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (1924 a 1934)*
LCF - *Liga Carioca de Futebol (1933 a 1936)*
FMD - *Federação Metropolitana de Desportos (1935 a 1936)*
LRFJ - *Liga de Futebol do Rio de Janeiro (1937 a 1941)*
FMF - *Federação Metropolitana de Futebol (1942 a 1959)*
FCF - *Federação Carioca de Futebol (1960 a 1975)*
FFERJ - *Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (a partir de 1976)*

AGENDA DO TORCEDOR-1995

TODOS OS DIAS DO ANO COM SEU TIME DE CORAÇÃO

Participe da maior jogada do ano com a Agenda do Torcedor. Diferente, original, informativa, um **VERDADEIRO TROFEU!**

A capa é a foto da própria camisa oficial do clube. No miolo, em todas as páginas, o escudo do time, nas cores oficiais. **QUE VISUAL!**

Além dos espaços para anotações de seus compromissos do dia-a-dia, as páginas trazem informações completas do time: a história, as conquistas, os artilheiros, a letra do hino e **MUITO MAIS!**

Você vai acompanhar a atuação de seu clube, durante 1995, nas páginas reservadas para anotações sobre os jogos nos campeonatos.

PEÇA JA A SUA, e não se esqueça de seus parentes e amigos. A Agenda do Torcedor é um ótimo presente para este fim de ano!

AGENDA DO TETRA

Você ainda não viu nada igual!

Tudo sobre as copas de 58, 62, 70 e 94: artilheiros, recordistas, confrontos, resultados dos jogos, escalações, e muitas outras informações sobre a nossa Seleção em 80 anos de glórias!

2 OPÇÕES DE PAGAMENTO!

À VISTA - Envie para **Caixa Postal 8.500 - RJ - CEP 20.212-970**, Cheque ou Vale Postal em nome de **BRUTH EDITORIAL**, junto com o cupom-resposta abaixo. No caso de Vale Postal, a agência de destino é **Rua Bela, código 522.481**. Se preferir, pode depositar em qualquer agência do **Banco Itaú - conta nº 18045-3 Ag. 0580 - Gamboa**. Favor enviar cópia do depósito.

SEDEX À COBRAR - Envie o cupom-resposta preenchido ou telefone para (021) 239-1320 e 239-0496. O pagamento deverá ser feito somente quando retirar seu pedido na agência do Correio mais próxima de sua casa.

PREÇOS

- À VISTA (CHEQUE/VALE POSTAL/ DEPÓSITO EM CONTA).....R$ 19,00
- SEDEX À COBRAR CAPITAIS/INTERIOR DOS SEGUINTES ESTADOS: DF, ES, MG, MS, PR, SC, SP, RJ.....R$ 23,00
- SEDEX À COBRAR DEMAIS CAPITAIS/INTERIOR.....R$ 29,00

GRÁTIS - NA COMPRA DE 2 OU MAIS AGENDAS, RECEBA UM BRINDE SURPRESA DE SEU TIME!

CUPOM-RESPOSTA

BRUTH EDITORIAL
CAIXA POSTAL 8.500 - RJ
CEP 20.212-970

NOME: _____

END.: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____

ESTADO: _____ CEP: _____

PL-1099

☐ Prefiro pagar à vista.
Estou enviando junto com este cupom:
☐ Cheque nº.....Bco.....
☐ Vale Postal
☐ Cópia do depósito
☐ Prefiro pagar quando receber no correio, pelo Sedex à cobrar.

Desejo receber a(s) seguinte(s) agenda(s):

☐ Botafogo	Qtas?.....	☐ Cruzeiro	Qtas?.....
☐ Flamengo	Qtas?.....	☐ Atlét. MG	Qtas?.....
☐ Fluminense	Qtas?.....	☐ Internac.	Qtas?.....
☐ Vasco	Qtas?.....	☐ Grêmio	Qtas?.....
☐ Corinthians	Qtas?.....	☐ Bahia	Qtas?.....
☐ Palmeiras	Qtas?.....	☐ Vitória	Qtas?.....
☐ São Paulo	Qtas?.....	☐ CBF/Brasil	Qtas?.....
☐ Santos	Qtas?.....		

Desejo receber o BRINDE SURPRESA do seguinte time:

☐ Botafogo	☐ Cruzeiro
☐ Flamengo	☐ Atlét. MG
☐ Fluminense	☐ Internac.
☐ Vasco	☐ Grêmio
☐ Corinthians	☐ Bahia
☐ Palmeiras	☐ Vitória
☐ São Paulo	☐ CBF/Brasil
☐ Santos	

Bebeto no Vascão

Vestindo a camisa do Vasco, a mais bonita do planeta, quantos gols o craque Bebeto marcou?

Paulo Roberto C. da Silva
João Pessoa, PB

Em seus três anos de Vasco da Gama, o atacante marcou cinqüenta gols em 99 jogos. Contratado numa sensacional transação que o tirou do Flamengo em julho de 1989, Bebeto atuou pelo Vasco até meados de 1992, quando se transferiu para o Deportivo La Coruña, da Espanha.

DANIEL AUGUSTO JR

Bebeto: 50 gols com a camisa vascaína

Evair no Verdão

Quantos gols Evair já marcou com a camisa do Palmeiras?

Tatiana Evangelista
São Paulo, SP

Até o dia 27 de novembro, quando jogou contra o Paysandu, Evair já marcara 94 gols com a camisa alviverde. Evair surgiu no Guarani e defendia o Atalanta de Bergamo, da Itália, antes de se transferir para o Palmeiras em 1991, trocado por Careca Bianchesi. O clube italiano recebeu ainda uma compensação financeira.

Túlio no Fogão

Gostaria de saber quantos gols o artilheiro Túlio marcou pelo time alvinegro.

Getúlio Rodrigues da Silva
Rio de Janeiro, RJ

Contratado no começo de 1994 ao Sion da Suíça, por empréstimo, Túlio logo conquistou a torcida do Botafogo. Foi artilheiro do Campeonato Carioca ao lado de Charles, do Flamengo, com quatorze gols, feito que não era alcançado por um jogador botafoguense desde 1984, quando Baltazar terminou na liderança dos artilheiros ao lado do bangüense Cláudio Adão com doze gols. Até o dia 29 de outubro, quando enfrentou o Sport, somava 27 gols com a camisa do Botafogo.

COLHER-DE-CHÁ

Em pé: Michola, Nego, Piau, Hailly, Josias, Negão, Bula, Edmílson e Cobra. Agachados: Moacir, Arcanjo, Ronaldo, Túlio, Rui, Baldo e Ronan

Verdadeiro campeão

Toda de verde, a equipe do Mutunópolis Atlético Clube. Trata-se de um time ex-profissional que já disputou o Campeonato Goiano da Segunda Divisão. No currículo, uma conquista: Campeão do Torneio Início do Norte Goiano em 1993, registrado e reconhecido pela federação de futebol local.

Luciano Flávio Gonçalves
Rio Verde, GO

SUPER MERCADO

Tudo do Vasco

Sou vascaíno fanático e compro material sobre o Vasco da Gama. Também desejo adqüirir as edições de PLACAR 1085, 1086 e 1089.

Francisco Fábio M. Brito
Rua C, 2408, Cidade Alta
Limoeiro do Norte, CE
CEP: 62930-000

Postais

Sou colecionador de postais de estádios e distintivos de clubes nacionais e internacionais. Quem quiser fazer trocas, é só me escrever.

João M. Severiano
Rua Santa Luzia, 4
Natal, RN - CEP: 59035-180

Coleciono postais de estádios de todo o mundo e tenho muitos em duplicata para trocar com outros colecionadores.

Leonardo Romano
Caixa Postal 18009
São Paulo, SP - CEP: 04699-970

Internacionais

Troco France Football, Onze, Guerin Sportivo, Don Balon e outras revistas européias por edições de PLACAR.

Ivan Bernard
BP14, 29730 Leguilvinec
France

Escudos

Compro escudos de clubes do mundo inteiro.

Cristiano dos Santos
Rua Jamil Daniel, 186
São Paulo, SP
CEP: 04464-090

NÚMEROS ATRASADOS

Os leitores que desejarem adquirir números atrasados não devem envia dinheiro diretamente à Redação. Escrevam para:

DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações
Estr. Velha de Osasco, 132
Jd. Teresa, CEP 06045-390,
Osasco, SP
Tel.: (011) 810-5001

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Thomaz Souto Corrêa

DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Angelo Meniconi
DIRETOR SUPERINTENDENTE DE DISTRIBUIÇÃO: Carlos R. Berlinck
SECRETÁRIO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Dalton Pastore Júnior
DIRETOR DE PLANEJAMENTO: Fábia Moutinho

PLACAR

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Luiz Gabriel Rico

DIRETOR DE REDAÇÃO: Juca Kfouri
REDATOR-CHEFE: Sérgio F. Martins
DIRETOR DE ARTE: Haroldo Jereissati
EDITOR: Mauro Cezar Pereira
REPÓRTERES: Paulo Vinicius Coelho, Manoel G. Coelho Fº
CHEFE DE ARTE: Jonas Aquino Plaça
DIAGRAMADORES: José Jonas de Lima, Rosalina Sasaki
FOTÓGRAFO: Nélson Coelho
ATENDIMENTO AO LEITOR: Rodolfo Martins Rodrigues

APOIO EDITORIAL

GERENTE DE SERVIÇOS FOTOGRAFICOS: Davi Moura
GERENTE DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
GERENTE ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
GERENTE NOVA YORK: Grace de Souza
GERENTE PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE

ATENDIMENTO DE AGÊNCIAS
GERENTE DE GRUPO: Roberto Nascimento
GERENTES EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel (SP), Claudio Bartolo, Márcia Alvaredo, Rogério Ponce de Leon (RJ)
GERENTE DE COMERCIALIZAÇÃO: Paulo D'Andrea
GERENTES PARA ANUNCIANTES DIRETOS: Alberto Simões (SP), Paulo Renato Simões (RJ)
GERENTE DE ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR DE ADM. E PLANEJ.: Rodinaldo Escocard de Souza

ASSINATURAS

DIRETOR DE ATENDIMENTO E OPERAÇÕES: Paulo Vasconcelos
DIRETORES DE VENDAS: Eduardo Macedo, Vicente Argentino

PUBLICAÇÕES

DIRETOR: Carlos Herculano Ávila

DIRETOR BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR RIO DE JANEIRO: Luiz Fernando Pinto Veiga

Grupo Abril

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Armani Paschoal, Placido Loriggio, Sergio Soares Reis, Thomaz Souto Corrêa

VEIO!

Valeu Seleção! Vem pra casa, traz a taça! A Caixa quer vibrar com vocês. Explode coração: o Brasil é tetracampeão.

VEM PRA CAIXA VOCÊ TAMBÉM,
VEM!

CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL

Lance cheio de molho que passa de bandeja.

na zona do agrião jogada apimentada

no peito do goleiro, a engole um frango.

É perigo. Ele dispara vai de peixinho.

A torcida está com o grito entalado.

E o ataque continua Feijão, daí para

o zagueiro, que é um angu de caroço.

Tá pintando chocolate uma batata quente

Espetinho num lançamento Tá chuchu beleza

Olha o contra-ataque é canja, ele lança

agora com Bacalhau que é um banana.

Jogada de Leitão que empurra para

Gororoba,que tira a maior farinha.

Olha o salseiro aí tá armado o sururu.

Bolacha sem bola. acerta um medalhão

Essa não dá pra engolir tem que botar pra fora.

GOOO